

Claiton Silva da Conceição

**A PEQUENA VIA DE TERESA DE LISIEUX COMO CAMINHO
DE SANTIDADE PARA OS TEMPOS ATUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Wellington Cristiano
da Silva

Florianópolis
2020

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

CONCEIÇÃO, Claiton Silva

A Pequena via de Teresa de Lisieux como caminho de santidade para os tempos atuais / Claiton Silva da Conceição; orientador, Wellington Cristiano da Silva – Florianópolis, SC, 2020. 122 p.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Católica de Santa Catarina. Curso Superior de Teologia.

Inclui referências

1.Santidade. 2. Caminho. 3. Contemporaneidade

Claiton Silva da Conceição

**A PEQUENA VIA DE TERESA DE LISIEUX COMO CAMINHO
DE SANTIDADE PARA OS TEMPOS ATUAIS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, XX de mês de 20XX.

Prof. Dr. Nome Completo do Coordenador
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Wellington Cristiano da Silva
Faculdade Católica de Santa Catarina
Orientador

Prof. Dr. Nome Completo do Professor
Nome da instituição proveniente
Avaliador

Prof. Dr. Nome Completo do Professor
Nome da instituição proveniente
Avaliador

Este trabalho é dedicado a meus pais, Luciano Martinhago da Conceição e Giovana Silva, assim como a minha irmã Kamila Silva da Conceição.

O dedico também a Dom Jacinto Inácio Flach, que acolhe minha vocação para o serviço da Igreja na Diocese de Criciúma.

Aos meus amigos e irmãos na fé Pe. Roberto Fontana Talau e Marcos Gabriel dos Santos Vieira que com dedicação me auxiliaram na construção deste trabalho, assim como a todos os colegas do Seminário Teológico Bom Pastor.

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, que me amou mesmo antes que eu nascesse, e que me chamou para conhecê-lo mais de perto. A santa Teresinha do Menino Jesus, que com sua intercessão sempre cuidou de minha vocação.

Aos meus pais Luciano Martinhago da Conceição e Giovana Silva, que me geraram e educaram no amor sincero e incondicional.

A minha irmã Kamila Silva da Conceição, que foi presença mesmo distante, sempre me apoiando e amando, e também ao meu sobrinho Enzo Emanuel da Conceição Bonadeo.

À Igreja de Jesus Cristo, que me acolheu em seu regaço materno, a quem amo e quero servir na Igreja Diocesana de Criciúma.

Ao meu bispo Dom Jacinto Inácio Flach, a quem admiro por sua vida e santidade no serviço da Igreja, que compreendeu e confirmou minha vocação.

À minha paróquia de origem dedicada a São Donato, onde nasceu e germinou a semente da minha vocação sacerdotal.

Aos meus benfeitores, que com auxílio material e espiritual, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Aos meus amigos Douglas Cândido Réus e Maurício Borges Feliciano, com quem compartilho alegrias, desafios e esperanças na caminhada diária, e a quem devo estima e confiança. Gratidão a todos os padres das paróquias em que fiz trabalhos pastorais, pela sincera amizade e estímulo constante em minha vocação.

Ao meu formador, Pe. José Aires, que me acompanhou no processo de formação durante todos estes anos de estudos teológicos.

Aos meus irmãos seminaristas da Diocese de Criciúma, com quem aprendi ainda mais o valor da vida em comunidade.

Ao corpo docente da faculdade Católica de Santa Catarina, que me introduziu na busca pela sabedoria teológica, de modo todo especial ao meu orientador professor Pe. Wellington Cristiano da Silva, que com maestria soube conduzir-me na realização deste trabalho.

No coração da Igreja minha mãe, eu serei o Amor.
(Santa Teresinha do Menino Jesus)

RESUMO

A santidade sempre foi um tema discutido na Igreja. Esta, firmada na Palavra, na Tradição e no Magistério, sempre afirmou que todos são chamados a viver uma vida santa. Entre tantos nomes de cristãos que souberam viver a busca pela santidade, Teresa de Lisieux destaca-se por revelar ao cristão contemporâneo um pequeno caminho de santidade, pelo qual todos são chamados a trilhar. A Pequena via proposta por Teresa de Lisieux tem suas bases na plena confiança em Deus e na experiência de sua infinita misericórdia. O caminho da infância espiritual aprofunda suas raízes na vivência do Sagrado no ordinário da vida. Os passos da Pequena via se fazem necessários a mulher e ao homem contemporâneo, pois estes diante das mudanças e do dinamismo da contemporaneidade possuem a necessidade de encontrar-se com o Sagrado e esta via revela-se como um caminho acessível a todos que por ele desejam caminhar. Mostrando assim, que o cristão contemporâneo pode responder ao chamado de Deus a santidade, vivendo no ordinário da vida, o extraordinário de Deus. Este trabalho divide-se em três pontos principais. O primeiro ponto, apresenta a vida de Teresa de Lisieux, dando foco na sua relação com o Sagrado. O segundo apresenta o método da Pequena via aplicada na vida de Teresa e por fim o último ponto desdobra-se a aplicabilidade da Pequena via no itinerário espiritual do cristão contemporâneo.

Palavras-chave: Caminho. Santidade. Contemporaneidade.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA – *Apostolicam Actuositatem*

Cf. – Conforme

CIC – Catecismo da Igreja Católica

CL – *Christifideles Laici*

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

DAS – *Divini Amoris Scientia*

DM – *Dives in Misericordia*

Doc. – Documento

GE – *Gaudete et Exultate*

GS – *Gaudium et Spes*

LG – *Lumen Gentium*

PO – *Placuit Deo*

FR – *Fides et Ratio*

As abreviaturas dos livros bíblicos estão padronizadas conforme a Bíblia de Jerusalém, cuja referência completa consta no final deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 CHAMADO A SANTIDADE UNIVERSAL E O TESTEMUNHO DE TERESA DE LISIEUX	21
1.1 SANTIDADE E O MAGISTÉRIO.....	21
1.2 TERESA DE LISIEUX.....	23
1.2.1 Infância e a vida em família.....	24
1.2.2 A espiritualidade francesa no século XIX.....	24
1.2.3 A Espiritualidade em seu seio familiar.....	26
1.2.4 Desejo pela Santidade.....	29
1.3 MORTE DA MÃE E OS PRIMEIROS PASSOS DE SUA MATURIDADE ESPIRITUAL.....	30
1.4 ADOLESCÊNCIA E DESEJO DO CARMELO.....	34
1.4.1 O Carmelo.....	39
1.4.2 Vocação ao amor.....	41
1.4.3 A noite escura.....	42
1.4.4 Seu abandono em Deus.....	43
1.5 ENFERMIDADE E MORTE DE TERESA DE LISIEUX.....	45
2 A PEQUENA VIA DE TERESA DE LISIEUX	51
2.1 A INFÂNCIA ESPIRITUAL.....	51
2.2 AS CARACTERÍSTICAS DA PEQUENA VIA.....	54
2.2.1 O convite a fazer-se pequeno.....	54
2.2.2 A pobreza espiritual.....	57
2.2.3 Confiança em Deus.....	60
2.2.4 O Amor-Caridade.....	62
2.3 OS CINCO PASSOS NA PRÁTICA DO AMOR.....	67
3. A PEQUENA VIDA DE TERESA DE LISIEUX COMO CAMINHO DE SANTIDADE PARA O CRISTÃO CONTEMPORÂNEO	73
3.1 A SANTIDADE ENQUANTO CAMINHO.....	73
3.2 SANTIDADE DO COTIDIANO.....	79
3.2.1 A santidade nas pequenas e nas grandes coisas.....	81
3.2.1 O cotidiano à luz das bem-aventuranças.....	84
3.2.2 Felizes os pobres de espírito.....	85
3.2.3 Felizes os mansos e pacificadores.....	87
3.2.4 Felizes os que choram e sofrem perseguição.....	89
3.2.5 Felizes os que têm fome e sede de justiça e por ela sofrem perseguição.....	91
3.2.6 Felizes os misericordiosos.....	94
3.2.7 Felizes os puros de coração.....	98

3.3 A MISSÃO DE TERESA E O APOSTOLADO CRISTÃO NO MUNDO.....	102
3.4 A PRIMASIA DO AMOR E DA GRAÇA	105
3.5 CONFIANÇA E HUMILDADE COMO SUPERAÇÃO DO NEOGNOSTICISMO	106
3.5 SUPREMACIA DA GRAÇA COMO SUPERAÇÃO DO NEOPELAGIANISMO.....	111
CONCLUSÃO	118
REFERÊNCIAS	120

INTRODUÇÃO

A santidade consiste em fazer a vontade de Deus, em viver a experiência de amor revelada a todos aqueles que se abrem à ação santificadora do Sagrado em suas vidas. Ao lermos a Sagrada Escritura conhecemos qual caminho nos leva à santidade, como também qual é a grande missão dos cristãos. Viver uma vida santa é um passo necessário para todos aqueles que abraçam o cristianismo.

No decorrer da história da Igreja foram muitos os que testemunharam com a vida que é possível alcançar a graça para a qual todos são chamados. Cada um a seu tempo, porém, todos com o mesmo objetivo, fazer a vontade daquele que os chamou. Entre tantos santos, uma jovem carmelita que viveu no final do século XIX se destaca por revelar ao mundo um pequeno caminho de se chegar a Deus.

Marie Françoise Thérèse Martin, conhecida mundialmente como Santa Teresinha do Menino Jesus, a partir da sua relação com o sagrado, descobre uma nova via para se chegar a Deus, um caminho muito diferente do pensamento de sua época, que era permeado pela rispidez do jansenismo e do ateísmo. A jovem de Lisieux apresenta um caminho novo, um caminho simples, porém muito exigente: o caminho do Amor, da infância espiritual.

A via da Infância Espiritual consiste em tudo fazer-se pequeno, ou seja, colocar-se diante de Deus como uma criança que em tudo depende de seu Pai. É permitir que o ordinário da vida esteja voltado para o Sagrado. O amor é a fonte de toda a regra da Pequena via espiritual proposta por Teresa. Nela luta-se diariamente contra a natureza de buscar a si mesmo e engrandecer-se. A Pequena via consiste na necessidade de ser pequeno, isto é, viver a pobreza de espírito, despojando-se de toda autossuficiência e de todo sentimento de ser ou de ter alguma coisa. Essa espiritualidade está registrada nos escritos autobiográficos de Teresa, hoje redigido em um livro com o título *História de uma alma*.

Santa Teresinha do Menino Jesus tornou-se um grande ícone de santidade a ser seguido, foi considerada a grande santa dos tempos modernos e seu testemunho chega até à sociedade contemporânea. O cristão contemporâneo é convidado a buscar Deus e Nele ser plenamente feliz. Porém, imerso em um mundo ferido pelo subjetivismo, relativismo e tantos outros extremos, muitas vezes não consegue achar caminhos que o edifiquem e o façam alcançar a santidade.

Teresa de Lisieux revela então ao cristão contemporâneo que a vivência da infância espiritual é possível enquanto itinerário de santidade

e que todos são convidados a trilhar por essa Pequena via, fazendo desse caminho um lugar de encontro com Deus e com seu amor.

Neste sentido, o objetivo geral desta pesquisa é apresentar a Pequena via de Teresa de Lisieux como caminho de santidade para o cristão contemporâneo. A pesquisa utiliza o método bibliográfico, confrontando textos de Teresa de Lisieux com textos de especialistas em sua espiritualidade, comentadores, assim como documentos e exortações teológicas da Igreja.

Para atingir o seu objetivo esta pesquisa se propõe em três capítulos tratar os seguintes pontos: o contexto histórico de Teresa de Lisieux e sua relação com Deus; o método de sua Pequena via; e, por fim, a aplicabilidade desta via no itinerário espiritual do cristão contemporâneo.

Neste norte, o primeiro capítulo se ocupará em mostrar Teresa dentro de seu contexto histórico, pois é necessário perceber que a sua relação com Deus acontece no desenrolar da própria vida. O papel da sua família, a espiritualidade na qual está inserida, e o seu desabrochar para uma fé madura. Essa parte do texto procurará apontar nas alegrias e tristezas da bela rosa do Carmelo, seu amadurecimento espiritual e sua tomada de consciência de que Deus não é uma ideia, mas antes é uma Pessoa que quer se relacionar com o ser humano, que se interessa pela felicidade de todos e acompanha o ser humano em todos os momentos.

No segundo capítulo, se trabalhará o conceito de infância espiritual, sua dinâmica e o passo a passo de seu itinerário. Revelando assim, a simplicidade da busca por Deus nessa via, que se dá no ordinário da vida. Falará sobre as ações diárias fecundadas no amor-caridade e na humildade, assim como a experiência de fazer-se criança aos olhos de Deus e viver sob o seu amor e proteção.

Por fim, no terceiro e último capítulo, partindo das atitudes de santidade que o cristão contemporâneo é exortado a ter, tendo como base a exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*, sobre o chamado a santidade nos tempos atuais e as Bem Aventuranças Evangélicas, se finalizará este estudo com apontamentos de atitudes de santidade que estão ao alcance de todos. Procurar-se-á encharcar todas essas atitudes com o amor expresso na Pequena via de Teresa do Menino Jesus.

Deste modo, se compreenderá que a Pequena via não é a única forma do cristão contemporâneo corresponder a santidade, mas antes é uma tentativa de mostrar a tantas pessoas que não se acham comprometidas com o Reino de Deus por não disporem de tanto tempo, ou por terem uma vida corrida, que todos são chamados a viver a experiência do amor no ordinário da vida.

Esta pesquisa não tem o intuito de esgotar ou trabalhar todos os fatos e peculiaridades da vida e da proposta espiritual de Teresa de Lisieux, mas antes quer propor a busca de uma vida santa a partir desta via, e levar os cristãos a sentirem o coração arder para essa Verdade tão antiga e tão nova que é a relação com Deus a partir do Amor que dá todo sentido à existência.

1 CHAMADO A SANTIDADE UNIVERSAL E O TESTEMUNHO DE TERESA DE LISIEUX

A santidade foi um tema discutido já no início da era cristã. A Sagrada Escritura sempre convocou todos à santidade. Na antiga aliança, por exemplo, o Senhor convocava todo o povo de Israel a buscar uma vida santa: “O Senhor falou a Moisés e disse: Fala a toda a comunidade dos israelitas. Tu lhes dirás: Sede santos, porque eu, o Senhor sou santo.”¹

Assim também, são muitas as passagens dos Evangelhos e dos livros do Novo Testamento que trazem essa mensagem de busca à vida santa. “Antes, como é santo aquele que vos chamou, tornai-vos também vós santos em todo vosso comportamento, porque está escrito: Sede santos, porque eu sou santo.”² Paulo exortava as comunidades a viverem como “convém a santos,”³ para que caminhassem neste mundo “como eleitos de Deus, santos e amados.”⁴ O Apóstolo dos Gentios afirmava sem medo aos fiéis que a vontade de Deus para o ser humano era sua santificação.⁵

O próprio Jesus, nos Evangelhos, fala a respeito da necessidade de se buscar a santidade: “Portanto, deveis ser perfeitos como o vosso Pai é perfeito.”⁶ Sabe-se porém, que a santidade é fruto de uma experiência com Deus e que somente por meio da Graça santificante derramada no batismo, é que o cristão consegue dar passos de santidade, essa graça é dom gratuito de Deus, que inflama a alma com as forças do Espírito, cura de todo pecado e santifica o homem e a mulher.⁷

1.1 SANTIDADE E O MAGISTÉRIO

A vida santa, para além de conceitos teóricos, dentro da perspectiva cristã, consiste em colocar-se em plena comunhão com o Cristo, permitindo que nele seja configurada a própria vida, ações, e tudo que se é. Santidade é se entregar nessa comunhão com Deus, vivendo em

¹ BÍBLIA de Jerusalém. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2012; Lv 19,1-2.

² 1Pd 1, 15-16.

³ Ef 5, 3.

⁴ Cl 3, 12.

⁵ 1Ts 4, 3.

⁶ Mt 5, 48.

⁷ CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. P. 527; CIC 1999.

sua vontade e em seu perfeito amor.⁸ O desígnio de Deus é claro: uma vez que fomos criados à sua “imagem e semelhança,”⁹ e Ele é Santo, todo cristão deve ser santo também.

A santidade é o próprio Senhor. Ele nos convida a participar da sua própria santidade. A santidade não é nenhum título de honra, nem privilégio de algumas pessoas especiais, e menos ainda um favor que poderíamos demonstrar a Deus. É obrigação de todos nós, desde o momento em que nos foi dada a graça batismal, a graça santificante.¹⁰

A santidade consiste em fazer a vontade de Deus, em fazer da vida um elo de fidelidade com o sagrado.¹¹ A Igreja ensina isso em sua doutrina e revela essa verdade no testemunho de tantos homens e mulheres que se uniram a Deus pelos caminhos de uma vida pura. O Magistério da Igreja, firmado na Palavra e na Tradição, convoca todo cristão à vivência da santidade.

A *Lumen Gentium* por exemplo, traz à tona tudo aquilo que a Sagrada Escritura convoca: a vocação universal à santidade. Segundo esse documento, Jesus, que é mestre e modelo divino de toda perfeição, pregou a todos que vissem a busca pela santidade de vida. O Mestre, em sua bondade e misericórdia, enviou o Espírito Santo a todos, para os mover interiormente à amarem a Deus de todo coração e, nesse amor, amar o próximo como a si mesmo.¹² Esta é sem dúvidas a base da santidade: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.”¹³

A santidade deve ser cultivada por todos aqueles que nos vários gêneros de vida, nas diferentes profissões, são guiados pelo Espírito de Deus e movidos por sua graça.¹⁴

⁸ CATECISMO..., 2000, p.531; CIC 2014.

⁹ Gn 1, 26.

¹⁰ MEESTER, Conrado. **De mãos vazias**, a espiritualidade de Santa Teresinha do Menino Jesus. Rio de Janeiro: Vozes, 2018. p. 12.

¹¹ AQUINO, Felipe. **Santa Teresa de Calcutá: A santa das sarjetas**. São Paulo: Cleofas, 2018. p. 132.

¹² CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição dogmática *Lumen Gentium*. In: Costa, Lourenço (Coord). **Documentos do Concílio Vaticano II**. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2014, p. 159; LG 40.

¹³ Jo 13, 34; 15, 12.

¹⁴ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 160; LG 41.

Por conseguinte, todos os fiéis santificar-se-ão dia a dia, sempre mais, nas diversas condições de sua vida, nas suas ocupações e circunstâncias, e precisamente através de todas estas coisas, desde que as recebam com fé, das mãos do Pai celeste, e cooperem com a vontade divina, manifestando a todos, no próprio serviço temporal a caridade com que Deus amou o mundo.¹⁵

Por isso, a Igreja afirma que todos devem buscar viver uma vida santa, quer pertençam a hierarquia, quer sejam dirigidos por ela. Independentemente de seu estado de vida, sua ocupação social, raça ou cultura, o cristão é chamado a ser santo, pois o Espírito de Deus habita em todos os corações.¹⁶

Mesmo com as imperfeições e quedas, o ser humano precisa entender seu chamado fiel que é, buscar no dia a dia da vida, dar passos de santidade.¹⁷ Fomos criados por amor, no seio da Trindade, e no amor devemos buscar já aqui uma vida santa.¹⁸ “O apelo à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade se dirige a todos os fiéis cristãos. A perfeição cristã só tem um limite: ser ilimitada.”¹⁹ Todos são chamados a ser santos, pois na santidade humana brilha a santidade da Igreja.²⁰

1.2 TERESA DE LISIEUX

Foram muitos os homens e mulheres que, no decorrer da história cristã, conseguiram de forma heroica alcançar a santidade. Cada um em seu tempo, porém com mesmo objetivo: fazer a vontade de Deus em suas vidas. Entre tantos nomes se destaca a figura de uma jovem carmelita descalça que viveu no final do século XIX, Marie Françoise Thérèse Martin, Santa Teresinha do Menino Jesus.

¹⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 163; LG 41.

¹⁶ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 158; LG 39.

¹⁷ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 160; LG 41.

¹⁸ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 164; LG 42.

¹⁹ CATECISMO..., 2000, p. 533; CIC 2028.

²⁰ CATECISMO..., 2000, p. 250; CIC 867.

1.2.1 Infância e a vida em família

Teresa nasceu a 2 de janeiro de 1873, em Alençon, França. Era a filha caçula de Louis Martin e Maria Zélia Martin. O casal teve nove filhos, dois meninos e sete meninas. Destes, quatro morreram na primeira infância e as outras cinco decidiram entrar para vida religiosa, sendo que quatro delas se tornaram carmelitas descalças e uma ingressou para congregação das visitandinas.²¹ Teresa nasceu e cresceu em um ambiente burguês. Sua mãe era proprietária de uma fábrica de rendas, e seu pai era proprietário de uma relojoaria.

Ajudados pela sorte, trabalhando sempre, os pais de Teresa enriqueceram de modo honesto, procurando estabelecer relações justas com seus operários e sendo generosos com os pobres. Seja em Alençon, cidade natal de Teresa, seja em Lisieux, onde a família viveu como ricos burgueses.²²

O casal Louis e Zélia, com esforço e dedicação, conduziu sua família em uma vida de verdadeira entrega a Deus, na vivência do catolicismo do século XIX. Mesmo pertencendo a alta classe de sua época, souberam educar seus filhos na humildade e na sabedoria cristã.²³

1.2.2 A espiritualidade francesa no século XIX

A espiritualidade do final do século XIX era muito diferente da espiritualidade dos tempos atuais. Naquele tempo, vivia-se uma corrente espiritual muito particular, na qual a visão de Deus fundamentava-se sobretudo na sua Justiça, e o peso do pecado assombrava os corações. A

²¹ SCIADINI, Patrício. **Eu, Teresinha do Menino Jesus**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2003. p. 16.

²² TADA, Cecília. **A pequena via de Teresa de Lisieux: Itinerário da pobreza espiritual**. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 30.

²³ FREITAS, Teresa. R.M. **Tradição autobiográfica cristã e metáforas literárias na escrita de Santa Teresa de Lisieux**. João Pessoa, 2017. 50f. Monografia (Graduação em Letras / Língua Francesa) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/2639>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

espiritualidade provinda da revolução francesa trouxe grandes consequências ao cristianismo da época.

Com a Revolução Francesa de 1789, todo um regime político se desmoronou, depois vieram o período napoleônico e a Restauração da monarquia. Estes acontecimentos deixaram as almas feridas. [...] A espiritualidade ascética predomina, porque se quer preservar as almas. Também no ponto de vista teológico, sente-se a necessidade de estar na defesa, por isso é a apologética principalmente que se desenvolve: esses fatos denotam uma atitude sobretudo negativa. A revolução deixou, por assim dizer, um sentido de culpabilidade, que se fazem sentir em toda a espiritualidade.²⁴

A França entrou no século XIX influenciada pelo iluminismo. Ocorreu uma revolução cultural, intelectual e política provinda do século anterior e que agora refletia em toda sociedade francesa. Uma revolução que trouxe consequências para a sociedade e para a Igreja.²⁵

Nesse período urge também a revolução industrial, que acabou por trazer à sociedade francesa um número grande de desempregados, gerando uma mudança radical, com famílias vindas do interior para cidade em busca de uma vida melhor. Foi um século de grandes mudanças, e a família Martin estava mergulhada em todo esse contexto social.²⁶ Dentro do âmbito religioso, vivia-se um retorno profundo à caridade e os papas deste período, em especial Leão XIII, sonhavam com uma sociedade sem fome e sem desigualdades. A família Martin se enquadrava nesse pensamento fortemente religioso do século XIX.²⁷

²⁴ EUGÊNIO, M. **Teu amor cresceu comigo**, Teresa de Lisieux: gênio espiritual. São Paulo: Paulus, 1995. p. 25-26.

²⁵ PEREIRA, André M. A. **O pequeno caminho de Teresa de Lisieux como via de acesso a Deus**. Mestrado integrado em teologia, Universidade Católica portuguesa, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2017. p. 37.

²⁶ PEREIRA, 2017, p. 38.

²⁷ PEREIRA, 2017, p. 43-46.

1.2.3 A Espiritualidade em seu seio familiar

Imersos em uma situação social turbulenta, a família de Teresa se destaca por viver uma fé profunda e verdadeira. Teresa nasce em um ambiente onde é muito querida e amada por seus pais e irmãs. “Todo mundo se debruça sobre seu berço, esteja ela cansada ou enferma. A atração divina da casa é evidentemente Teresa, a pequena caçula.”²⁸

A menina sempre teve uma saúde frágil, alternou sua primeira infância entre enfermidades e melhoras. Em seus escritos, pode-se notar que nunca lhe faltaram o cuidado e o amor. Era considerada a princesa da casa. Foi muito amada por todos que a rodeavam.

Teresa, com apenas quinze dias de nascida, foi acometida de uma enterite aguda e, com três meses, sofreu outra enfermidade, da qual sua mãe quase perdera a esperança de salvá-la. Teresa foi confiada à senhora Rose Taillé, ama-de-leite, que a levou a Semallé, no campo onde cresceu no meio das flores e dos animais: daí o seu gosto pela natureza. Essa foi a primeira dor da separação ressentida por Teresa; treze meses mais tarde uma nova dor, separando-se de Rose para retornar à sua mãe na cidade. Sua mãe-de-leite só teve elogios para a pequena Teresa. Desde a sua tenra idade mostrava-se viva e muito sensível, sorridente e de uma inteligência precoce, porém capaz de violentas cóleras. No seu lar, torna-se a preferida de todos, que não lhe pouparam carinho.²⁹

A caçula lembrava de sua infância com muito carinho, chegando a dizer que, “tudo lhe sorria na terra e que encontrava flores sobre cada

²⁸ EUGÊNIO, 1995, p. 27.

²⁹ SCHWEIZER, Élida C. P. **A intimidade de Santa Teresa de Lisieux com Deus e seu reflexo na pastoral e na missão da Igreja**. 2015. 70 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18368/1/Elida%20Coelho%20Pereira%20Schweizer.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

passo [...].”³⁰ Teresa viveu, apesar das dificuldades, uma infância feliz. Tinha por seus pais um amor incondicional.

Aprove ao Bom Deus acercar-me de amor toda minha vida. Minhas primeiras reminiscências estão imbuídas de sorrisos e das mais afetuosas carícias!... Mas, se colocou muito amor junto a mim, também o deitou em meu coraçãozinho, uma vez que o fez amoroso e sensível. Por isso amava muito papai e mamãe e de mil maneiras lhes testemunhava minha ternura, pois era muito expansiva.³¹

Na vivência em família, aprendeu desde muito pequena os valores cristãos e no dia a dia da vida descobriu a misericórdia de Deus. Sentia-se muito movida ao perdão, entristecia-se quando errava e logo chorava a Deus pedindo perdão.

É uma criança que se emociona muito facilmente. Quando faz alguma das suas, julga necessário que todo mundo o saiba. Tendo ontem deixado cair, sem querer, uma pontinha do papel de parede, ficou num estado de meter dó, pois sentia a obrigação de dizê-lo quanto antes ao Pai. Quatro horas depois chegava ele, já ninguém pensava nisso, mas ela foi muito pressurosa dizer a Maria: “conta logo a Papai que rasguei o papel”. Põe-se ali como uma criminosa, que aguardava a sentença da condenação, mas em sua cabecinha pensa ser perdoada mais facilmente, se vier a acusar-se a si mesma.³²

Teresa empenhava-se em ser boa a todo momento, queria em tudo fazer as vontades de seu pai e dar alegria à sua mãe. Para ela, desobediência era apenas isso: dar tristezas a seus pais.³³ A vontade de

³⁰ TERESA DE LISIEUX. **História de uma alma**, Manuscritos autobiográficos. São Paulo: Paulus. 2015. p. 45.

³¹ LISIEUX, 2015, p. 30.

³² LISIEUX, 2015, p. 32.

³³ GORRES, I. **Teresa de Lisieux**, Coleção Homens de Deus. Vol. 6, Trad. Manuel Seabra. Lisboa: Aster. 1961, p. 52.

ser boa estava para além do racional, era algo vivencial. Essa bondade provinha do anseio ardente de viver inteiramente na Verdade, a Verdade que brota unicamente de Deus.³⁴ Desde muito jovem a pequena aprendeu o valor dos instantes da vida e a corresponder ao chamado de Deus em seu coração. Ao corresponder à graça Divina, fez de sua vida um belo canto das misericórdias de Deus.³⁵

Teresa teve uma infância solidificada pela amorosa dedicação de seus pais. Por esse fato, já muito nova aprendeu a lidar com as mudanças e as dificuldades que a vida lhe trouxe. Apesar da sua docilidade e pequenez, encontrou sempre força para vencer os obstáculos que encontrou na vida. Tal perseverança brotou da prioridade que seus pais davam à família, prioridade essa que era educar as filhas na fé.

A dedicação à família permitiu que Louis e Zélia fizessem de seu lar uma verdadeira Igreja Doméstica. A criação das filhas foi sempre tema primordial na vida deste casal, ao ponto desse cuidado pela fé refletir no caráter de todas elas, principalmente na pequena caçula da família Martin.

Com uma índole como a minha, se fosse criada por pais carentes de virtude, ou até se fosse como Celina mimada por Luísa,³⁶ ter-me-ia tornado bem maldosa e talvez me tivesse perdido... Mas Jesus olhava pela sua noivinha. Quis que tudo redundasse para o bem dela. Seus próprios defeitos, refreados a tempo, serviam-lhe para crescer na perfeição...³⁷

Não se pode esquecer que ela era uma criança normal e naturalmente não era uma menina sem defeitos. Tinha um gênio forte, gostava das coisas no seu tempo, e quando não as conseguia, pelo choro e birra tentava conquistar aquilo que queria.³⁸ Porém, sempre foi muito exigente consigo mesma, e por meio da oração e da penitência, conseguia dominar seus impulsos.³⁹

³⁴ BALTHASAR H. U, **Teresa de Lisieux - Historia de una misión**. 5ª ed., Trad. Daniel Ruiz Bueno. Barcelona: Herder. 1999. p. 29.

³⁵ LISIEUX, 2015, p. 25.

³⁶ “Luísa Marais, empregada da família Martin,” LISIEUX, 2015, p. 39.

³⁷ LISIEUX, 2015, p. 39.

³⁸ SCIADINI, 1996, p. 42.

³⁹ SCIADINI, 1996, p. 42.

Minha Celinha é toda propensa à virtude, é o íntimo sentimento de seu ser; possui uma alma cândida e tem horror ao mal. Quanto ao pequeno azogue, não se sabe lá o que vai dar, é tão pequeno, tão inquieto! Quando diz não, nada pode fazer-la voltar atrás. Se a metessem o dia inteiro no porão, ali ficaria a dormir antes que dissesse sim.⁴⁰

Teresa possuía um caráter totalmente original, com gênio forte não tinha medo de demonstrar seus sentimentos. Manifestava suas opiniões sem medo de ser repreendida e com espontaneidade ainda maior revelava a todos o grande amor que guardava no coração para com aqueles que dela se aproximavam, principalmente com relação à sua família.

1.2.4 Desejo pela Santidade

A pequena Teresa tinha um carinho todo especial por Paulina, sua irmã. Tinha muito orgulho por todas as suas irmãs mais velhas, mas seu ideal era Paulina.⁴¹ Foi desta relação com Paulina que Teresa assumiu sua vocação carmelita desde muito cedo.

Foste tu, minha irmã querida, que Jesus escolheu para me fazer esposa d'Ele. Não estavas então junto a mim, mas já se havia formado um elo entre nossas almas... tu era meu ideal, queria assemelhar-me a ti, e foi teu exemplo que desde a idade de dois anos me atraiu o esposo das virgens.⁴²

Teresa tinha dentro de si um desejo por santidade e um anseio pelo céu desde muito pequena. Suas brincadeiras preferidas eram as conferências espirituais, onde se reunia com suas irmãs e sua mãe para conversar sobre as coisas do alto. Brincadeiras que não eram comuns às meninas de sua idade.⁴³ Ainda na primeira infância Teresa demonstra seu desejo de estar no céu. Questionava sua mãe a respeito de sua ida para

⁴⁰ LISIEUX, 2015, p. 36.

⁴¹ “Carta da Sra. Martin à Paulina, 14 de maio de 1876”. LISIEUX, 2015, p. 33.

⁴² SCIADINI, 1996, p. 43.

⁴³ LISIEUX, 2015, p. 41.

este lugar, assunto que sua mãe, com bom humor, sempre soube dar boas respostas.⁴⁴

Em seu ímpeto pela santidade, uma cena na infância marcou sua vida. A tão famosa frase, “eu escolho Tudo.”⁴⁵ O querer ser santa reflete na vida da jovem Teresinha o impulso de ser totalmente entregue nas mãos de Deus. Reflexo de uma infância fundamentada na fé.

Um dia, julgando-se muito crescida para brincar com boneca, Leônia veio procurar a nós duas com uma cesta cheia de vestidos e de lindos retalhos para fazer outros; por cima estava colocada sua boneca[...] Celina estendeu a mão e tomou um pacotinho de cordões que lhe agradava. Após um instante de reflexão, estendi minha mão por minha vez e declarei: “Escolho tudo!” E apoderei-me da cesta sem outra formalidade. [...] Mais tarde, quando se me tornou evidente o que era perfeição[...] como nos dias de minha primeira infância, exclamei: “Meu Deus eu escolho tudo. Não quero ser santa pela metade”⁴⁶.

Toda ação de Teresa mostra que a educação e os cuidados da família foram primordiais para que sua espiritualidade crescesse e o tornasse cada dia mais convicta de sua entrega ao Sagrado.

1.3 MORTE DA MÃE E OS PRIMEIROS PASSOS DE SUA MATURIDADE ESPIRITUAL

Apesar de ter vivido uma infância marcada por tanto amor e carinho, Teresa sofreu uma cisão profunda na alma quando aos 28 de agosto de 1877, sua mãe, Maria Zélia Martin, veio a falecer, vítima de um câncer no seio. A perda prematura da mãe deixou marcas muito fortes em sua história, produziu em Teresa uma purificação. A menina muda de temperamento bruscamente, a criança viva e divertida, agora volta-se para si mesma, se torna uma criança introvertida e extremamente emotiva.⁴⁷

Devo dizer-vos, minha mãe, que depois da morte de mamãe minha boa índole mudou por completo.

⁴⁴ LISIEUX, 2015, p. 31-32.

⁴⁵ LISIEUX, 2015, p. 42.

⁴⁶ LISIEUX, 2015, p.42.

⁴⁷ EUGÊNIO, 1995, p. 27.

Tão viva, tão expansiva que era, fiquei tímida e doce, sensível a mais não poder. Bastava um olhar para me desfazer em lágrimas. Era preciso que ninguém me desse maior atenção para me sentir contente. Não podia tolerar a companhia de pessoas estranhas, e só recuperava minha alegre disposição na intimidade da família.⁴⁸

A morte de Zélia gerou uma carência muito grande no coração de Teresa, e essa falta do amor materno fez com que a pequena assumisse por seu pai e por sua irmã Paulina um amor ainda maior, para sanar sua carência da presença materna.

No dia que a Igreja lançou a bênção sobre os despojos mortais de nossa Mãezinha do céu, nosso Deus quis dar-me outra na terra, e quis que a escolhesse livremente. Estávamos juntas, todas as cinco, a olhar umas às outras, Luísa também estava ali. Quando viu Celina e a mim disse: “Pobres pequenas, já não tendes Mãe!...” Então Celina lançou-se aos braços de Maria e disse: “Pois bem! Tu serás minha mãe! Eu habituada a fazer igual a ela, voltei-me, no entanto para vós, minha mãe, e como se o por vir já tivesse rompido seu véu, atirei-me aos vossos braços, exclamando: “Pois, sim, para mim Paulina será Mamãe!”⁴⁹

Teresa traz guardado em sua memória o último gesto de amor manifestado na delicadeza de um beijo infantil em sua mãe moribunda. “Sem dizer nada, aproximei os lábios da testa da minha querida mãe... Não me lembro de ter chorado muito; não dizia a ninguém os sentimentos profundos que experimentava... Olhava e ouvia em silêncio.”⁵⁰

Com a morte de Zélia, a família Martin mudou-se para cidade de Lisieux, para morar na casa do irmão de sua mãe, em Buissonnets.⁵¹ Do período da morte de sua mãe, em que Teresa tinha quatro anos, até os oito

⁴⁸ LISIEUX, 2015, p. 48.

⁴⁹ LISIEUX, 2015, p. 48.

⁵⁰ LISIEUX, 2015, p. 47.

⁵¹ “Buissonnets é um bairro de Lisieux, lugar onde Teresa viveu grande parte de sua vida, na casa dos tios.” LISIEUX, 2015, p. 49.

anos de idade, a pequena menina não frequentou a escola, tinha por professora suas irmãs mais velhas que lhe davam aulas em casa.⁵²

Aos oito anos, dizia ter vivido os anos mais duros e terríveis de sua vida, onde foi enviada para estudar na Abadia das beneditinas. Ela não conseguia interagir com as demais meninas, preferia ficar só, vivia no silêncio, como uma monja solitária.⁵³ Esforçava-se para estudar e tirar as melhores notas, porém, isso não diminuía a dor que sentia por estar longe da família que tanto amava.

Tinha meus oito anos e meio quando Leônia deixou o internato, e tomei o lugar dela na Abadia. Ouvi dizer, muitas vezes, que o tempo passado em colégio é o melhor e o mais doce da vida. Para mim não foi assim. Os cinco anos que passei ali, foram os mais tristonhos da minha vida.⁵⁴

Alegrava o coração de Teresa saber que nesse período, o carinho de sua família nunca lhe faltou, a pequena lembrava que, sempre, ao retornar do internato para casa, se lançava aos braços de seu pai e ali recebia todo carinho para saciar o vazio que a saudade deixava.⁵⁵

No seio de sua família reinava a fé, Deus estava presente em todos os momentos. A oração em família era uma regra de vida diária: missas matinais, comunhão frequente, retiros espirituais, orações, penitências e caridade faziam parte da rotina da família Martin.⁵⁶

Gostava mormente das procissões do Santíssimo Sacramento. Que alegria esparzir flores aos pés de Bom Deus. [...] Os dias santos! Ah! Se os grandes eram raros, cada semana trazia de novo um muito chegado ao meu coração: O Domingo! Que grande dia o Domingo! [...] Lembro-me que até a hora de Completas, minha felicidade era sem mescla.⁵⁷

Como pode-se ver, a busca pela santidade e pela certeza vocacional já estavam na mente e no coração de Teresa desde sua mais

⁵² LISIEUX, 2015, p. 52.

⁵³ SCIADINI, 1996, p. 77.

⁵⁴ LISIEUX, 2015, p. 66.

⁵⁵ LISIEUX, 2015, p. 67.

⁵⁶ SCHWEIZER, 2015, p. 15.

⁵⁷ LISIEUX, 2015, p. 56-57.

tenra lembrança. Com apenas dois anos de idade, já repetia aquilo que sua irmã Paulina falava, de que gostaria de ser religiosa. Existia dentro da pequena Teresa um desejo pelo eterno, algo que no decorrer de seus escritos autobiográficos ela relata com detalhes, como a carta que sua mãe escreveu à Paulina em 29 de outubro de 1876.

Teresinha perguntou outro dia se iria para o céu. Disse-lhe que sim, se fosse bem comportada. Respondeu-me: “De acordo, mas se não for boazinha, iria para o inferno... No entanto, bem sei o que faria. Fugiria, a voar contigo que estarias no céu. Como faria Deus para me agarrar?... Não me segurarias com muita força em teus braços? Notei-lhe nos olhos que acreditava, positivamente, que o Bom Deus nada lhe poderia fazer, caso se encontrasse nos braços de sua mãe.”⁵⁸

Nesta perspectiva, pode-se perceber que Teresa manifesta desde muito jovem sua sensibilidade e abertura para as coisas de Deus. Demonstra grande afeição à manifestação do amor divino. Manifestações essas que dão a pequena flor do Carmelo a certeza do amor divino em sua vida, um amor que se revela na docilidade dos cuidados familiares. Cuidados tão especiais que fizeram com que Teresa alcançasse desde muito jovem uma extraordinária maturidade espiritual.

São muitos os pontos de seus escritos que mostram sua maturidade espiritual. Com apenas seis anos de idade, demonstra sua sensibilidade para com o próximo, ao encontrar-se com um pobre e não conseguindo ajudá-lo promete rezar pelo mendigo em sua primeira comunhão, algo que se concretiza mais tarde.⁵⁹ Teresa tem desejos interiores de desposar Jesus.

É difícil pormenorizar a evolução da personalidade de Teresinha rumo à maturidade espiritual. Porém, pode-se afirmar que, à medida que progride na união divina, as luzes de Deus iluminam seu coração e ela se transforma até alcançar a plenitude da vida interior na libertação mais profunda.⁶⁰ A grande harmonia espiritual a que chegou Teresa, revela a

⁵⁸ LISIEUX, 2015, p. 31-32.

⁵⁹ LISIEUX, 2015, p. 52.

⁶⁰ CASTRO, Augusta C.; BOAGA, Emanuele. **A caminho com Teresa do Menino Jesus**. São Paulo: Loyola, 1997. p. 16.

integração perfeita de suas experiências de vida. “Teresa soube aproveitar tudo aquilo que Deus lhe concedeu.”⁶¹

1.4 ADOLESCÊNCIA E DESEJO DO CARMELO

A trajetória espiritual de Teresa, como se vê, foi um crescente. A medida que o tempo passava ela se tornava ainda mais convicta de sua fé e afirmava-se em sua vocação ao Carmelo, assim como crescia seu desejo pela santidade. Desde as mais distantes lembranças, Teresa entendia que o amor de Deus a acompanhava e se revelava em seu viver.⁶²

A juventude de Teresa sempre foi acompanhada por boas leituras espirituais. Tinha um amor predileto pelo catecismo, e amava ouvir a história sagrada dos grandes homens da Bíblia.⁶³ Lia com entusiasmo as Escrituras, a Imitação de Cristo, as obras de São João da Cruz e de Santa Teresa de Ávila. “Ah! Quantas luzes não hauri das obras de Nosso Pai São João da Cruz! [...] A Sagrada Escritura e a Imitação de Cristo sempre vêm em meu socorro.”⁶⁴ A Sagrada Escritura ocupou um lugar relevante na vida da jovem carmelita de Lisieux. Ela fez da Bíblia, seu livro de cabeceira, com facilidade decorava versículos, fazendo da Palavra de Deus, seu grande livro de orientação.⁶⁵

Quanto mais o tempo passava, mais o coração de Teresa expandia em amor por Jesus, aos poucos esse amor foi ganhando força e se tornando incondicional. Para viver esse amor na plenitude, Teresa desejava com todas as suas forças que chegasse o dia de sua primeira comunhão.

Raiou, enfim, o “mais belo de todos os dias”. Quão inefáveis não são as recordações que na alma me deixaram as mínimas circunstâncias desse dia de céu! [...] Acima de tudo, a entrada na Capela e a entoação matinal do lindo cântico: “Ó Santo Altar, que de Anjos sois rodeado!” [...] Ah! Como foi afetuoso o primeiro ósculo de Jesus à minha alma!... Foi um ósculo de amor. Sentia-me amada

⁶¹ CASTRO, BOAGA, 1997, p. 17.

⁶² CASTRO, BOAGA, 1997, p. 29.

⁶³ LISIEUX, 2015, p. 49

⁶⁴ LISIEUX, 2015, p. 196-197.

⁶⁵ MEESTER, 2018, p. 120.

e dizia por minha vez: Eu amo-vos! Dou-me a Vós para sempre!⁶⁶

Apesar de experimentar tão fortemente o amor de Deus em tantas experiências de intimidade com Ele, Teresa ainda possuía um grande “apego” à sua família. Após a experiência dolorosa da perda de sua mãe, a jovem experimentou aos quatorze anos uma segunda provação que muito lhe fez sofrer.

Com a partida de Zélia, como visto anteriormente, Teresa havia escolhido Paulina para ocupar o lugar de sua mãe. Porém, com a entrada de Paulina ao Carmelo, Teresa se vê em uma enfermidade que quase a leva à morte, tudo isso fruto de um apego afetivo a sua irmã que tanto amava.⁶⁷

Ora, um dia, Teresa confiou a Paulina seus desejos de entrar no Carmelo; esta lhe responde que também queria, mas que havia de esperá-la. Essa promessa feita a uma criança, Paulina esqueceu. E eis que, um belo dia, ouve sem querer uma conversa e fica sabendo que Paulina em breve vai entrar no Carmelo. Esta nova frustração afetiva mergulha-a em total angústia [...] Então se produz a “estranha doença”, que nada mais é que uma neurose resultante de uma frustração. [...] Os médicos da época não compreenderam tal doença. Teresa, nesta provação, percebe que só os seus sentidos e seu psiquismo foram atingidos, tem consciência de suas desordens: dá cabeçadas na parede e vê fantasmas fazendo caretas. Sentir que não tem mais domínio sobre si mesma provoca-lhe um grande sofrimento.⁶⁸

Mesmo nesse sofrimento, Teresa e sua família experimentam a graça de Deus que não os abandona. No momento auge da doença, o pai de Teresa, homem de muita devoção a Virgem Maria, pede ao pés da Imagem de Nossa Senhora das Vitórias por uma graça, e nesse mesmo dia Teresa curou-se da doença misteriosa.⁶⁹

⁶⁶ LISIEUX, 2015, p. 91.

⁶⁷ EUGÊNIO, 1995, p. 28.

⁶⁸ EUGÊNIO, 1995, p. 28-29.

⁶⁹ EUGÊNIO, 1995, p. 29.

Por não encontrar nenhuma ajuda na terra, a coitada da Teresinha também se voltara para a sua Mãe do Céu, suplicando-lhe de todo coração, tivesse enfim piedade dela... De repente, a Santíssima Virgem me apareceu bela, tão bela, como nunca tinha visto nada tão formoso. O rosto irradiava inefável bondade e ternura, mas o que me calou no fundo da alma foi o empolgante sorriso da Santíssima Virgem. Neste momento, desvaneceram-se todos os meus sofrimentos.⁷⁰

A experiência da cura milagrosa de sua enfermidade, fez com que Teresa tomasse consciência de si mesma, e logo deixou de viver sobre as sombras dos afetos da família, para viver por inteira ao seu Senhor.

Um ponto a ser destacado em sua vida, é o que ela chamou de conversão da noite de natal. “[...] foi no dia 25 de Dezembro de 1886 que recebi a graça de sair da infância, numa palavra, a graça da minha completa conversão.”⁷¹ Neste dia Teresa diz ter amadurecido na fé, em um momento ápice, onde se sentiu completamente envolvida no amor misericordioso do Cristo. Sentiu dentro de sua alma o desejo de trabalhar pela conversão dos pecadores, sentiu a necessidade de esquecer-se de si mesma, para dar prazer a Jesus. A jovem narra que na noite de natal de 1886, Jesus tinha-lhe mudado o coração.⁷²

Nessa noite luminosa que projeta num clarão as delicias da Santíssima Trindade, Jesus, a doce criancinha nascida há uma hora, mudou a noite de minha alma em torrentes de luz... Nessa noite, quando se fez fraco o sofrimento por meu amor, tornou-me forte e corajosa, revestiu-me de sua armadura. Desde aquela abençoada noite, não me deixei vencer em nenhum combate. Pelo contrário, avançava de vitória em vitória[...] Em 25 de dezembro de 1886 recebi a graça de sair da infância, numa palavra, a graça da minha conversão completa.⁷³

⁷⁰ LISIEUX, 2015, p. 81.

⁷¹ LISIEUX, 2015, p. 113.

⁷² LISIEUX, 2015, p. 113.

⁷³ LISIEUX, 2015, p. 112.

A partir dessa data tão especial, Teresa alarga seus horizontes espirituais e fecunda sua vida na vivência do amor. Ser santa para Teresinha consiste exclusivamente em amar. Para ela, Deus não considera tanto a grandeza das ações, nem mesmo as dificuldades delas, mas unicamente o amor com que se faz os atos. Por isso considera que amar é viver inteiramente para Deus. O milagre do natal, fecundou na alma de Teresa o mais profundo amor pelo Cristo e sua Igreja.⁷⁴

Teresa disse que a partir daquela bendita noite, começou um novo período de sua vida, o período mais belo de todos, onde seu coração definitivamente encontrou as graças do céu.⁷⁵ O amor pelo Cristo inflama seu coração de forma profunda, fazendo com que tudo mais ao seu redor se torne nada em relação a Jesus.

A partir desta noite de luz, começou o terceiro período de minha vida, o mais belo de todos, o mais repleto de graças do céu... A tarefa que em dez anos não me foi possível desempenhar, Jesus a executou num ápice, contentando-se com minha boa vontade, que nunca lhe faltou. [...] Senti, numa palavra, a caridade penetrar-me no coração, a necessidade de esquecer-me de mim mesma, para dar prazer a Jesus, e desde então, fui feliz!⁷⁶

A jovem de Lisieux teve uma experiência de amor, um amor que mudou sua vida. Teresa atribuiu esse milagre em sua personalidade ao pequeno Jesus do presépio. Para ela, Jesus já não era apenas uma pessoa ilustre dentro de uma perspectiva histórica, mas alguém próximo, tão próximo que sua alma podia tocar.

Para Teresa, muitíssimas coisas têm valor relativo. A abertura de seu ser mais profundo tem um objetivo claro. Um único ponto, em torno do qual tudo está ordenado, adquiriu um valor absoluto. Ela encontrou o centro; seu coração está apaixonado por um único e grande amor [...] O ideal que cativou a filha mais nova da família Martin não é uma ideologia nem uma coisa. É uma pessoa, e não uma pessoa comum. Ela deseja amar

⁷⁴ CASTRO, BOAGA, 1997, p. 27.

⁷⁵ LISIEUX, 2015, p.113.

⁷⁶ LISIEUX, 2015, p. 113.

Jesus intensamente. A vida é um dom que deve ser colocado a serviço dele. Teresa sente-se interpelada pelo Amor e quer corresponder a Ele com o dom total de si mesma.⁷⁷

Esse desejo por Deus fez com que a vocação de Teresa ao Carmelo tomasse uma força muito grande em seu coração. Teve a certeza de que o chamado ao qual Deus a movia, não era algo seu, nem um capricho para estar com sua irmã no claustro, mas era o querer do seu amado Jesus. “Minha intenção não era ir ao Carmelo para receber elogios, razão por que, após o locutório, não parava de repetir ao Bom Deus que era única e exclusivamente por Ele que queria ser carmelita.”⁷⁸

Seu desejo interior de desposar Jesus se confirma em um domingo após a Santa Missa, seu olhar fixa-se a imagem do cristo crucificado e profundamente emocionada deseja veemente ser junto a Jesus corredentora dos homens por quem Jesus morreu.⁷⁹

Desde que recebi essa graça singular, meu desejo de salvar almas tornava-se cada dia maior. Parecia-me que Jesus se dirigia a mim como à samaritana. Dá-me de beber! Era uma autêntica permuta de amor. Às almas oferecia o sangue de Jesus; a Jesus oferecias as mesmas almas refrescadas pelo orvalho divino. Assim, tinha ideia de que saciava sua sede. E quanto mais eu lhe dava de beber, tanto mais aumentava em mim, pobre alma a sede.⁸⁰

Tudo em Teresa se orienta para Deus, seu coração mergulha em uma dimensão contemplativa e é no Carmelo que a Jovem se encontrará plenamente enquanto cristã e vocacionada. No Carmelo pôde viver seu desejo de salvar almas de forma mais plena.⁸¹ Esse será seu maior desejo enquanto religiosa: “Eu vim para salvar almas e rezar especialmente pelos sacerdotes.”⁸²

⁷⁷ MEESTER, 2018, p. 17-18.

⁷⁸ LISIEUX, 2015, p. 73.

⁷⁹ MEESTER, 2018, p. 21.

⁸⁰ LISIEUX, 2015, p. 116.

⁸¹ MEESTER, 2018, p. 22.

⁸² LISIEUX, 2015, p. 167.

1.4.1 O Carmelo

Sua entrada no Carmelo foi em abril de 1888 com apenas quinze anos, idade não permitida na época. Teresa teve coragem de enfrentar as grandes lideranças religiosas para conseguir aquilo que seu coração tanto desejava. Foi ao encontro do Monsenhor Révérony, vigário geral que representava a diocese de Bayeux, a fim de obter a permissão do superior eclesiástico para ingressar ao Carmelo.⁸³

Não obtendo o resultado que queria, apelou para o papa Leão XIII pedindo a permissão de ingressar na vida religiosa antes do tempo previsto. Esse lhe concedeu a permissão poucos meses depois de Teresa ir ao seu encontro. “Seis dias se foram em visitas às principais maravilhas de Roma, e no sétimo dia avistei a maior de todas: ‘Leão XIII’. Esse era, ao mesmo tempo, objeto dos meus desejos e de meus receios. Dele dependia minha vocação[...].”⁸⁴ Por livre-vontade, Teresa deixou tudo para trás e colocou-se a caminho do deserto Carmelita, ali se encontrou enquanto, mulher, enquanto cristã e filha amada de Deus.⁸⁵

Sua vida religiosa no Carmelo de Lisieux iniciou no dia 9 de abril de 1888, onde assumiu o nome de irmã Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face. “Naquele dia pela manhã, após ter lançado um último olhar sobre os Buissonnets, esse ninho gracioso da minha infância que não devia mais rever, parti de braços dados com meu Rei querido, para subir a montanha do Carmelo.”⁸⁶ A jovem carmelita sonhava com esse dia. Tinha em seu coração o ardente desejo de viver em uma vida solitária, bem longe dos contentamentos deste mundo, no deserto do Carmelo.

Ao repassar pelo Espírito tudo quanto me falastes, senti dentro de mim ser o Carmelo o deserto onde o bom Deus queria que eu fosse também esconder-me. Senti-o com tanta veemência que não tive a mínima dúvida no coração. Não era um devaneio de criança que se deixa levar, mas a certeza de um chamado divino. Queria ir para o Carmelo, não por causa de Paulina, mas por Jesus tão somente... pensei muitas coisas que se não podem exprimir

⁸³ SCHWEIZER, 2015, p. 19.

⁸⁴ LISIEUX, 2015, p. 150.

⁸⁵ MEESTER, 2018, p. 26.

⁸⁶ MEESTER, 2018, p. 171.

por palavras, mas que me deixaram grande paz na alma...⁸⁷

Ao ingressar no claustro, teve consciência de não ter se enganado, todo esforço para conseguir ingressar no mosteiro valeu a pena. Seu encanto com a simplicidade da vida em clausura a fez mergulhar ainda mais no amor de Deus.

Tudo me parecia encantador. Tinha a ideia de que chegara ao deserto. Nossa cela, principalmente, achava-a muito bonita, e a alegria que aí experimentava era muito tranquilizante [...] Com que profunda alegria eu repetia estas palavras: é para sempre que estarei aqui, para sempre [...] finalmente meu desejo estava cumprido: eu sentia uma paz suave e profunda que de forma alguma poderia verbalizar, e sempre essa paz íntima permaneceu minha parceira.⁸⁸

Sua vida dentro da clausura, foi uma vida escondida, simples e doada nas pequenas coisas do cotidiano. Teresa pode experimentar dentro dos muros do Carmelo de forma mais intensa, aquilo que Paulo falava aos cristãos de que necessário é buscar as coisas do alto e que a vida de quem está em Cristo, está escondida em Deus.⁸⁹

O grupo de religiosas do Carmelo de Lisieux era no número de 20 mulheres que assim como Teresa se dispuseram a caminhar pela mesma estrada.⁹⁰ O início de sua vida no deserto carmelita foi um pouco difícil. Por ter vindo de uma família muito protetora, Teresa não sabia fazer muitas coisas, e por conta disso, era frequentemente censurada, e por parte da priora recebeu uma formação muito rude e firme.⁹¹ Foi neste misto de renovar-se e afirmar-se em Deus que Teresa aos poucos foi conquistando seu espaço dentro do convento. “Teresa faz de seu deserto o coração da Igreja.”⁹²

⁸⁷ LISIEUX, 2015, p. 72-73.

⁸⁸ LISIEUX, 2015, p. 166.

⁸⁹ MEESTER, 2018, p. 26.

⁹⁰ MEESTER, 2018, p. 28.

⁹¹ EUGÊNIO, 1995, p. 33.

⁹² MEESTER, 2018, p. 29.

No Carmelo deparou-se com um ambiente onde as religiosas “se ofereciam como vítimas à Justiça de Deus a fim de desviarem e de atraírem sobre elas os castigos reservados aos culpados.”⁹³ Admirava o comportamento das irmãs, mas a levava em seu coração a certeza de que o amor de Deus para com todos os seus filhos era infinitamente superior a qualquer erro humano. Então decide viver sua vida da forma mais simples possível, seja com relação a vida ordinária, seja na ralação com as irmãs, ou na sua experiência com o próprio Deus.

No deserto Carmelita, Teresa se vê como um pequeno grão de areia. Um grão minúsculo, anônimo, quase imperceptível, que tudo espera de seu Deus.⁹⁴ Em toda sua vida religiosa esse foi o seu grande anseio, tornar-se cada dia menor, e essa máxima transformou-se em sua regra de vida.⁹⁵

1.4.2 Vocação ao amor

O Carmelo foi o deserto ideal para plantar as sementes do Amor Misericordioso de Deus. O encanto pelo Amor divino fez com que Teresa encontrasse no silêncio dos pequenos sacrifícios, um caminho mais fácil de chegar ao coração de Deus, o caminho do amor.

A caridade deu-me a chave de minha vocação. Compreendi que, se a Igreja tinha um corpo, composto de vários membros, não lhe faltava o mais necessário, o mais nobre de todos. Compreendi que a Igreja tinha coração, e que o coração era ardente de Amor. Compreendi que só o amor fazia os membros da Igreja atuarem, e que se o amor se extinguísse, os apóstolos já não anunciariam o Evangelho e os mártires se recusariam a derramar seu sangue... compreendi que o Amor abrange todas as vocações [...] Então, no transporte da minha delirante alegria, pus-me a exclamar: Ó Jesus, meu amor, minha vocação, encontrei-a afinal: minha vocação é o amor.⁹⁶

⁹³ LISIEUX, 2015, p. 198.

⁹⁴ MEESTER, 2018, p. 31.

⁹⁵ MEESTER, 2018, p. 34.

⁹⁶ LISIEUX, 2015, p. 214-215.

No dia a dia da vida religiosa, Teresa colocou-se como a menor, ou seja, viveu uma vida de serviço, de humildade e em tudo se fez pequena. Mergulhou em uma espiritualidade de total desapego, de uma entrega total a Deus e a seus desígnios.⁹⁷ Tomou por ideal, ser esquecida aos olhos humanos e vista somente pelo olhar de Jesus.⁹⁸ A pequena flor do Carmelo desejava caminhar no caminho do amor, e nele mergulhar sua vida carmelitana, tendo sempre seus pés firmes no verdadeiro seguimento do Cristo.

Ao escolher a perfeição do amor para seu ideal desde os primeiros anos de sua vida carmelitana, Teresinha entende claramente que para sempre só o amor será o caminho para esse ideal. [...] provisoriamente seu desejo de humildade e segurança está ainda na linha dessa visão e dessa síntese brilhante do amor. Tornar-se cada vez menor para poder amar melhor: amar com maior frequência, começando cada vez de novo! A fraqueza é a aliada do seu amor.⁹⁹

O amor a Deus e o esquecimento de si foram os combustíveis que sustentaram sua vocação. Teresa viveu um projeto de vida simples, porém pleno da Graça santificante. Tudo nela transborda amor. Não um amor sentimental, doce, sem cruzes. Mas um amor experimentado na prática, vivido na carne, no ordinário de sua existência.¹⁰⁰

1.4.3 A noite escura

Mesmo tendo em seu coração a certeza do amor divino, e compreendendo o quanto era pequena diante deste Amor, foi no Carmelo que Teresa experimentou uma dor que angustiou profundamente seu coração. A noite escura da fé.¹⁰¹ Sentia-se como uma criança perdida e sem foco, presa em uma escuridão espiritual sem tamanho. Porém, a certeza do céu jamais saiu de seu coração e por conta dessa certeza, Teresa viveu esse período de secura espiritual com atos concretos de fé. Não

⁹⁷ MEESTER, 2018, p. 31.

⁹⁸ MEESTER, 2018, p. 32.

⁹⁹ MEESTER, 2018, p. 32.

¹⁰⁰ CASTRO, BOAGA, 1997, p. 100-101.

¹⁰¹ LISIEUX, 2015, p. 232.

vacilou em suas provações, seguiu seu caminho confiante. Sem medo entregou-se por inteira à oração, sabia em seu interior que Deus não lhe abandonara e que lhe dava toda força que precisava.¹⁰²

Sim, o sofrimento estendia novamente seus braços sobre mim e eu me lancei nele com amor. [...] quando se quer alcançar o objetivo divino deve-se usar os meios. Jesus me fez entender que queria dar-me almas pela cruz, e minha atração pelo sofrimento crescia à medida que este aumentava. Durante cinco anos foi esse o meu caminho, mas exteriormente nada se podia perceber do meu sofrimento, que era mais doloroso por ser eu a única que o sabia.¹⁰³

Em Teresinha, o desejo de fazer a vontade de Deus foi o que o conservou no caminho. A jovem carmelita possuía uma sólida personalidade espiritual e uma constante busca de Deus no cotidiano da vida, essas duas realidades foram sua força nos momentos em que a fé “vacilava”. Teresa faz do sofrimento um trampolim para estar com Deus, ainda que não o sinta, ou não veja sua manifestação.

1.4.4 Seu abandono em Deus

A pequena heroína de Lisieux, ultrapassou os limites da tão fria noite escura da fé, aquecendo-a com a certeza do Amor.¹⁰⁴ Teresa escondeu-se em Deus, viveu uma vida de abandono, fez de Jesus um esconderijo interior, no qual descobriu os valores provindos do seu Amor. Na aridez do deserto espiritual aprendeu que tudo passa pela entrega a Deus e o esquecimento de si.

Somente a “pequenez desejada” e a “fragilidade oferecida” nesse clima de “confiança” permitem abandonar-se nos braços de Jesus. Nesses critérios enumerados pode-se discernir a maturidade da jovem carmelita, mas igualmente a dessa jovem mulher de vinte e um anos que encontrou o

¹⁰² LISIEUX, 2015, p. 234.

¹⁰³ MEESTER, 2018, p. 37-38.

¹⁰⁴ HALÍK, Tomás. **Paciência com Deus**. Oportunidade para um encontro. Curitiba: Paulinas, 2015. p. 68.

caminho da verdadeira confiança. [...] A vida de Teresa encarna esse itinerário de pequenez vivida com verdadeira confiança.¹⁰⁵

Dentro da perspectiva da pequenez, Teresa abrangeu sua visão da diminuição espiritual, o que antes era feito por amor a Deus agora assume um papel mais profundo, torna-se sinal da plena confiança Nele e a entrega total ao seu amor misericordioso. Queria ser cada vez menor, desejava reduzir-se em sua pequenez.

Teresa fala frequentemente em “ser pequena”. Constata-se, porém, uma mudança acentuada quanto ao conteúdo desse conceito. O mesmo conceito pode cobrir vários conteúdos. Nos primeiros anos de sua vida consagrada, a pequenez é principalmente sinônimo de humildade a serviço de seu amor por Deus. Mais tarde, ser pequena ou ser criança alcança um sentido ainda mais pleno do que apenas a humildade que, é claro, sempre é uma atitude básica em relação a Deus e uma exigência do amor puro. Mais tarde, pequenez torna-se para ela sinônimo de esperança confiante, a esperança de um filho para com o pai.¹⁰⁶

Teresinha descobriu que ao tornar-se pequena, alcançava aquilo que tanto desejava, a vida de santidade. A jovem carmelita mergulhou em uma experiência de amor tão profunda que ia na linha contrária à toda espiritualidade da época, onde o jansenismo¹⁰⁷ imperava, e a visão de um Deus duro e castigador permeava a mente dos cristãos. Teresa se lançou nos braços de Deus Pai em um abandono profundo, como uma criança pequenina que em tudo procura dar prazer ao seu pai, e em tudo deseja fazer a sua vontade.

Já não desejo tampouco, nem o sofrimento, nem a morte. No entanto, amo ambas as coisas. O que,

¹⁰⁵ POULIQUEM, Tanguy M. **A confiança faz milagres**. Reflexões a partir dos escritos de Santa Teresa de Lisieux. São Paulo: Ave Maria, 2010. p. 40-41.

¹⁰⁶ MEESTER, 2018, p. 33.

¹⁰⁷ “Doutrina religiosa do séc. XVII. [...] A doutrina dizia respeito à graça eficaz e dava pouca importância ao livre arbítrio.” (THIOLLIER Margarite M. **Dicionário das religiões**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990. p. 190.)

porém, me atrai, é unicamente o amor [...] agora o que me guia é só o abandono, já não tenho outra bússola!... Já não sei pedir nada com ardor, a não ser o perfeito cumprimento da vontade do Bom Deus no tocante à minha alma, sem que as criaturas consigam por-lhe obstáculos.¹⁰⁸

Foi a sua pequenez espiritual que lhe deu força para vencer todas as tribulações que a vida lhe trouxe, principalmente superar as trevas da escuridão espiritual.

1.5 ENFERMIDADE E MORTE DE TERESA DE LISIEUX

Os últimos anos de vida terrestre foram para Teresa tempos de muitas provações. Porém, a jovem carmelita de apenas vinte e três anos de idade soube vivê-lo de forma heroica. Mergulhada no abandono em Deus, sentia-se cada dia mais confiante e envolvida no amor, ainda que, em sua razão surgisse o véu da “descrença”, como visto anteriormente.

Nos dias tão alegres do tempo pascal, Jesus deu-me a conhecer que realmente existem almas que não têm fé, e que por abuso de graças perdem esse precioso tesouro, manancial das únicas alegrias puras e autênticas. Permitiu que minha alma fosse invadida pelas mais densas trevas, e que o pensamento do Céu, tão doce para mim, já não fosse senão motivo de luta e tormento.¹⁰⁹

Teresinha experimentou uma grande escuridão interior, sobreviveu espiritualmente graças a toda relação íntima de amor que tinha com o Cristo, soube tirar frutos de toda experiência vivida, movimentando-se interiormente em uma fé criativa. “Sabe, porém que eu, embora não esteja em gozo de fé, procuro pelo menos praticar as obras correspondentes. Acho que, de um ano para cá, fiz mais atos de fé do que em toda a minha vida.”¹¹⁰

Á beira da morte, Teresa confessa que “perdeu a fé”, bem como todas as suas certezas e luz. Agora só é capaz de amar. Teresa não vê Deus à luz da fé,

¹⁰⁸ LISIEUX, 2015, p. 196.

¹⁰⁹ LISIEUX, 2015, p. 231.

¹¹⁰ LISIEUX, 2015, p. 233.

mas apesar disso, relaciona-se com ele com um amor apaixonado. Aqui, a sua juvenil decisão de que sua vocação seria o amor, perde qualquer possível matiz de sentimentalismo. Deus está terrivelmente distante, a mulher moribunda experimenta apenas um vazio insondável.¹¹¹

Este foi o período de maior deserto espiritual vivido pela santa. A paciência se tornou companheira de todas as horas e seu estado de vida o levava a mergulhar em um espírito de profunda confiança e humildade.¹¹² No auge de sua juventude, unida a aridez espiritual Teresa foi vítima de uma doença incurável na época, uma tuberculose.

Os sofrimentos físicos que suportou nos últimos meses eram atrozes, pois à doença do peito acresceu-se a tuberculose nos intestinos que provocou a gangrena; ao mesmo tempo formavam-se chagas devido à sua extrema magreza, males esses que éramos incapazes de aliviar.¹¹³

Mesmo diante de todo sofrimento, conservou em seu coração uma alegria que cativava a todas as irmãs que conviviam com ela. Guardava em seu coração a vida que levará antes da doença, assim como a amor por Deus que o fez chegar até ali. Seu jeito meigo e alegre conservou-se, o que gerava nas irmãs e na própria Teresa uma esperança com relação a sua recuperação.¹¹⁴

Na enfermaria não se respira ar de tristeza. Quanto a moral, sempre a mesma coisa, a jovialidade personificada, fazendo rir a todos quanto dela se acercam. Momentos há em que a gente pagaria para ter a vez de ficar junto dela. [...] trocadilhos, brincadeiras de vários gêneros, arremedos, humorismo a propósito de si mesma ou da perplexidade dos médicos, disso dispõe Teresa

¹¹¹ HALÍK, 2018. p. 56.

¹¹² FRANCISCO, de Maria Santíssima. **Teresa de Lisieux, conselhos e lembranças**. São Paulo: Paulus, 2014. p. 141.

¹¹³ FRANCISCO, 2014, p. 141.

¹¹⁴ FRANCISCO, 2014, p. 143.

variado repertório, exprimindo o fundo de seu caráter e sua caridade fraterna.¹¹⁵

Teresa se oferece a Deus com fraterno amor, faz de sua enfermidade um caminho de santidade. No leito de morte, demonstra grande zelo e interioridade. Se mostra firme em sua fé criativa, mesmo diante de tamanha provação.¹¹⁶

Dias antes de sua partida para as moradas eternas, a pequena flor do Carmelo celebra seu sétimo aniversário de profissão. Sua cama é enfeitada de flores, as irmãs se reúnem ao seu redor para celebrar essa data tão especial. Nesta ocasião os médicos colocam à comunidade a piora do quadro clínico de Teresa, e esta manifesta com alegria a certeza de nunca estar só.¹¹⁷ A agonia de Teresa durou dois dias, momento que colocou todas as irmãs da comunidade a experimentarem com ela um pouco da agonia da morte.

Na manhã de quarta-feira, dia 29 de setembro, a doente estertora penosamente. Madre Maria de Gonzaga, convoca a comunidade que, comprimida em redor do leito reza durante uma hora as orações dos agonizantes. Ao meio dia, Teresa pergunta a Priora: “Minha madre, estou na agonia?... Como farei para morrer? Nunca saberei morrer!...” [...] “Se morrer agora mesmo, que felicidade!”¹¹⁸

Mesmo na agonia, Teresa não esquece dos santos sacramentos, em especial da sagrada eucaristia, dizia que era grande graça poder receber os sacramentos, mas em seu caso, se o bom Deus não o permitisse, ainda assim agradecia. Esses pequenos gestos de amor em meio a todo tormento da enfermidade, revelava a grande pureza do coração da jovem Teresa. Mesmo impossibilitada de até mesmo comungar, a jovem se mantém grata a Deus por tudo que estava se passando.¹¹⁹ “Oh como sou feliz em me conhecer imperfeita e sentir tanta necessidade da misericórdia do Bom Deus à hora da morte.”¹²⁰ Eram essas as suas orações diante da agonia.

¹¹⁵ LISIEUX, 2015, p. 287.

¹¹⁶ LISIEUX, 2015, p. 288.

¹¹⁷ LISIEUX, 2015, p. 288.

¹¹⁸ LISIEUX, 2015, p. 289.

¹¹⁹ LISIEUX, 2015, p. 290.

¹²⁰ LISIEUX, 2015, p. 291.

A agonia final da pequena alma de Lisieux deu-se na tarde de trinta de setembro de 1897, onde por entre as lágrimas das irmãs que acompanhavam seu calvário, Teresa dirige em vida sua última oração a Deus.

“Ó meu Deus!”... “Eu o amo, meu bom Deus! “Ó minha boa Santíssima Virgem, vinde em meu auxílio!” [...] “Meu Deus, tende piedade de vossa pobre filhinha! Apiedai-vos dela!” [...] “Meu Deus! Meu Deus! Que sois tão bom!!!... Oh! Sim, sois bom eu sei...” [...] “Sim, parece-me que nunca procurei senão a verdade. Sim eu compreendi a humildade de coração... Parece-me que sou humilde.” “...Tudo o que escrevi sobre meus desejos de sofrer, oh! Apesar dos apesares, é muito verdadeiro!” “...E não me arrependo de me haver entregue ao Amor!” “Oh não, não me arrependo, pelo contrário. Oh! Eu o amo...” . “Meu Deus... eu... vos amo!”¹²¹

Teresa faleceu logo após narrar em um discurso agonizante todo amor que tinha pelo Bom Deus. Sua vida terrena findou-se em trinta de setembro de 1897, por volta das 19 horas e vinte minutos, na enfermaria do Carmelo de Lisieux. Foi sepultada em quatro de outubro de 1897, sobre uma tumba rasa, no cemitério de Lisieux, tendo por escrito em seu túmulo uma frase que escrevera enquanto esteve doente: “Não morro, entro na vida.”¹²²

A fama de sua santidade logo espalhou-se, um ano após sua morte o livro de seus escritos autobiográficos, intitulado “*história de uma alma*”, foi publicado, alcançando recordes de vendas. Teresa foi beatificada pelo Papa Pio XI em 29 de abril de 1923, canonizada em 17 de maio de 1928, também pelo mesmo papa e em 19 de outubro de 1997, o papa João Paulo II a proclamou Doutora da Igreja, assim como padroeira da França juntamente com Santa Joana d’Arc e padroeira das missões, ao lado de São Francisco Xavier.

O itinerário da vida de Teresa revela-se como exemplo de fé a ser seguido. A guia da misericórdia e da confiança em Deus se mostrou em Teresa plenificado de graça. A jovem carmelita revelou a todos o valor da

¹²¹ LISIEUX, 2015, p. 292-293.

¹²² LISIEUX, 2015, p. 294.

entrega, da espiritualidade e principalmente o valor da pequenez mergulhada na misericórdia.

Teresa encontrou na misericórdia Divina um caminho pleno, no qual quanto mais se entrega, mais se plenifica da graça e se entende que fora da misericórdia, a busca pela santidade se torna mais difícil. É aqui então que Teresa aprendeu a abandonar-se confiante na misericórdia de Deus e descobriu o seu dinamismo.¹²³

No desenvolver da sua relação com Deus, Teresa descobriu seu caminho espiritual para chegar ao sagrado. Sua vida transbordou Deus. Não que tenha vivido uma história de experiências místicas e grandes milagres. Teresa viveu uma vida escondida, uma vida mergulhada no Amor, e foi das entranhas da própria vida que a santa de Lisieux apresentou ao mundo um caminho para chegar a Deus, o pequeno caminho da infância espiritual.

¹²³ TADA, 2011 p. 45.

2 A PEQUENA VIA DE TERESA DE LISIEUX

Na busca de compreender o que é, de fato, a Pequena via de Teresa de Lisieux, o presente capítulo abordará a questão em três pontos que se mostram mais significativos nessa temática: a infância espiritual, as características propriamente ditas da Pequena via e os cinco passos na prática do amor.

Em primeiro lugar será preciso compreender a leitura que a carmelita faz de sua relação com Deus: segundo ela é preciso agir como criança que se abandona nos braços de seu pai. Em seguida, serão destacadas quatro características da Pequena via de Teresinha, a saber: o convite a fazer-se pequeno, a pobreza espiritual, a confiança em Deus e a prática do Amor-Caridade. Finalmente, o terceiro ponto trabalhará os cinco passos na prática do amor, segundo a santa de Lisieux.

2.1 A INFÂNCIA ESPIRITUAL

A Pequena via consiste exclusivamente na entrega total a Deus, no abandono ao amor misericordioso do Pai. Teresa apresenta Deus como um pai que ama incondicionalmente, um Deus que está constantemente disposto a tudo fazer para o bem do filho. “A entrega de si ao projeto de Deus se faz de modo radical nessa imagem a que Teresa recorre. Ela entra no mistério da ação de Deus, que foge completamente dos critérios e regras e escapa a todo raciocínio.”¹²⁴ Para Teresa, o caminho de santidade se alcança no limiar da entrega total a Deus e no abandono de tudo que possa estar fora da graça. Teresa assume a graça como algo gratuito, dado ao ser humano não por méritos, aliás, para a jovem carmelita, o meio eficaz para alcançar o céu é não ter mérito algum, além de permanecer pequeno na presença de Deus, que consiste em “reconhecer o seu nada, esperar tudo do Bom Deus [...], não se preocupar com nada e, de modo algum, fazer fortuna.”¹²⁵

A Pequena via se coloca como um caminho de santidade a ser seguido, uma estrada onde todos são chamados a caminhar, buscando nela a face de um Deus cheio de amor que se deixa encontrar. Deve-se entender que, em Teresa, como na maioria das pessoas, o desenvolvimento da dimensão religiosa se dá em um processo de vida, todas as expressões de religiosidade encontrada na espiritualidade de

¹²⁴ TADA, 2011, p. 47.

¹²⁵ TADA, 2011, p. 48.

Teresinha se deram de forma crescente e profunda, na medida em que seu coração se abria ao mistério.

Ela foi chamada por Deus para projetar uma luz nova, apesar de, durante sua vida no Carmelo, não ter tido a mínima intenção de elaborar uma doutrina. Ela se deu na medida de suas buscas e interrogativos mais profundos do seu ser e que se tornaram mais exigentes em fazê-los coincidir com sua própria vida.¹²⁶

Na Pequena via, Teresa ensina que o cristão deve ver na pessoa de Deus, a figura de um Pai Amoroso. Em seus escritos, a jovem apresenta Deus como alguém que interage, se comunica e ama o ser humano. É nessa relação humana com Deus que Teresa apresenta seu método de santificação: “Bem, o bom Deus quer que ajamos em relação a Ele não como adultos, mas como crianças [...]”¹²⁷ Movida pelo evangelho, deixa-se conduzir pelas palavras do próprio Jesus: “Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus. Aquele, portanto, que se tornar pequenino como esta criança, esse é maior no Reino dos céus.”¹²⁸ E ainda: “[...] Deixai as crianças virem a mim. Não as impeçais, pois delas é o Reino de Deus.”¹²⁹ Nessa perspectiva pode-se notar que Jesus sempre expressou sua predileção pelas crianças. Não somente por aquelas que são, de fato, mas também pelas que, por graça, voltaram a ser.¹³⁰

O amor de Deus é, para a pequena Teresa, a fonte profunda de energia que fecunda toda sua vida espiritual.¹³¹ Teresinha não considerava as virtudes como meio para alcançar o Amor, no pensamento da santa, era do Amor que deveria brotar toda a perfeição.

Ciência do Amor, oh! Sim, tal palavra ressoa, suavemente, ao ouvido de minha alma. Não desejo

¹²⁶ MEESTER, 2018, p. 67.

¹²⁷ MARTIN, Gabriel. **A pequena via da infância espiritual**. Rio de Janeiro: Mosteiro da Santa Cruz, 2019. p. 19.

¹²⁸ Mt 18, 3.

¹²⁹ Mc 10, 14.

¹³⁰ MARTIN, 2019, p. 20.

¹³¹ O ESPÍRITO de Santa Teresa do Menino Jesus: conforme seus escritos e as testemunhas oculares de sua vida. São Paulo: Paulus, 1986. p. 15.

outra ciência se não esta. [...] Compreendo, perfeitamente, que só o amor nos pode tornar agradáveis ao Bom Deus, sendo esse amor o único caminho que conduz à fornalha divina. [...] Eis aí tudo o que Jesus exige de nós. Não precisa de nossas obras, mas unicamente de nosso amor [...].¹³²

Teresa demonstra, em seu pensamento, o desejo da pequenez espiritual, ou seja, coloca-se constantemente na presença de Deus Pai como uma criança que nada tem a oferecer ao Bom Deus, além do desejo de amar. Assim, não querendo estabelecer uma relação aos moldes da justiça, que segundo ela é própria dos adultos, a carmelita deseja apresentar-se a Deus de mãos vazias, como uma criança que não espera nenhuma recompensa.¹³³ Essa infância espiritual do qual Teresa tanto fala consiste em olhar para Deus como um pai amoroso que tudo faz pela sua criança e em colocar-se interiormente com o modo de agir dos pequeninos.

É comportar-se em todas as coisas em relação ao Pai celestial como as crianças comportam-se em relação a seu pai da terra. É transpor ao domínio sobrenatural da alma os traços da infância e viver sob o olhar de Deus como vivem os pequeninos neste mundo sob nossos olhos.¹³⁴

Reconhecer-se como filho de Deus é, em primeiro lugar, reconhecer a própria fragilidade, a própria pobreza, entendendo que, enquanto filho, não possui nada, tudo vem do pai. “Os traços da infância espiritual são a pequenez e a fragilidade, mais a pobreza e a simplicidade.”¹³⁵

O que caracteriza em primeiro lugar, o filho, é sua pequenez e sua fragilidade, sua pobreza e sua simplicidade. Ele mesmo efetivamente o que é? O que ele pode? O que possui? Nada ou quase nada. Por isso, não há outro recurso que lhe venha em socorro, se não o que vem de seus amados pais.

¹³² LISIEUX, 2015, p. 206-207.

¹³³ TADA, 2011, p. 48.

¹³⁴ MARTIN, 2019, p. 21-22.

¹³⁵ MARTIN, 2019, p. 23.

Deixando a si mesmo, tudo lhe falta. [...] Com eles porém lhe assegurando de que nada falte, cria dentro de seu coração um sentimento de absoluta confiança que o leva inconscientemente a deixar sob as responsabilidades deles, tudo o que lhe diz respeito. Ele vive sem preocupação e sem medo, completamente entregue a seus cuidados. Eis o abandono.¹³⁶

Entrar na Pequena via não é outra coisa, se não assumir interiormente as maneiras de pensar e de agir dos pequeninos. É ultrapassar o domínio sobrenatural da alma, os traços da infância espiritual é viver sob o olhar Divino, como vivem as crianças sob os olhos dos pais que tanto amam seus pequenos filhos.

2.2 AS CARACTERÍSTICAS DA PEQUENA VIA

Na vivência da infância espiritual, tratada até então, é preciso percorrer um itinerário que Teresinha chama de Pequena via, objeto de investigação deste capítulo, já mencionado de modo geral.

Entretanto, esse caminho de abandono espiritual, como fora conceituada a Pequena via, necessita ser explicitado em suas propriedades, sobretudo as quatro características fundamentais do percurso: em primeiro lugar há um convite a fazer-se e reconhecer-se como pequeno diante de Deus. Em seguida, relacionado a essa pequenez, é preciso assumir e viver uma pobreza espiritual. Na vivência dessa pobreza é necessário abandonar-se em Deus e, por isso, confiar nele. Finalmente, unido a tudo isso, a prática do Amor-Caridade torna-se indispensável.

2.2.1 O convite a fazer-se pequeno

A primeira característica da Pequena via é fazer-se pequeno. Está bastante relacionada à temática da infância espiritual, tratada anteriormente como um subtítulo deste capítulo. De fato, como já mencionado, Teresinha não desejou elaborar uma doutrina e, por isso, seu pensamento é propriamente a reflexão daquilo que viveu. Assim, por muitas vezes os elementos primordiais do pensamento da carmelita

¹³⁶ MARTIN, 2019, p. 22.

encontram-se profundamente interligados. À medida que o ser humano vai se fazendo pequeno, ele vive a infância espiritual.

Para Teresinha, ser pequeno é viver de forma humilde, é olhar a vida sob o olhar da misericórdia divina. É também reconhecer a própria miséria e a necessidade de se tornar a cada dia menor na presença de Deus e dos outros. “Fazer-se pequeno, porém, é ser humilde; e fazer-se pequenino, é ser perfeitamente humilde. É ver, por si mesmo, aquilo que se seria sem a Misericórdia Divina, a saber, um puro nada e nada mais.”¹³⁷ Na pequenez de espírito, Deus se revela. Teresa mostra a importância de fazer-se pequeno diante da grandeza de Deus, revela que o amor Divino encontra repouso na alma sincera, humilde e pequena.

Ó meu Jesus! O que vais responder a todas estas minhas loucuras?... Haverá alma mais pequenina, mais impotente que a minha?... entretanto, justamente por causa de minha fraqueza, foi de teu agrado, Senhor, satisfazer plenamente meus pequenos desejos de criança, e hoje queres satisfazer outros desejos, mais vastos do que o universo.¹³⁸

A pequenez e a humildade de coração são o segredo da força do pequenino. Nestes dois pontos pode-se notar que esse trabalho interior dispensa todo esforço pessoal de querer ser algo além de uma criança nas mãos de Deus. “Quando uma criança pequenina é observada pelo bom Deus, ela deve buscar todas as formas de satisfazer seu Pai celestial em retribuição a sua generosidade.”¹³⁹ A pequenez inflama o coração com o desejo eterno de encontrar a plenitude do Amor. O coração pequeno anseia pela presença de Deus, colocando assim toda sua esperança e anseios à luz de Deus que tudo pode fazer para lhe transformar. Para Teresinha, a pequenez se dá no encontro consigo mesmo. A humildade, por sua vez, em assumir a própria realidade sendo feliz naquilo que se é, sem máscaras ou falsa humildade.¹⁴⁰

Como pode alma tão imperfeita, como a minha, aspirar à posse da plenitude do Amor?... Ó Jesus,

¹³⁷ MARTIN, 2019, p. 25.

¹³⁸ LISIEUX, 2015, p. 212.

¹³⁹ MARTIN, 2019, p. 31.

¹⁴⁰ SCIADINI, Patricio. **Santa Teresinha de A a Z**. São Paulo: Loyola, 2000. p. 81.

meu primeiro, meu único Amigo, tu, a quem unicamente amo, dize-me em que consiste esse mistério?... Por que não reservas tão imensas aspirações às grandes almas, às águias que pairam nas alturas?... A mim me considero como débil avezinha, apenas revestida de leve pelugem. Águia não sou, mas dela tenho simplesmente olhos e coração, pois não obstante minha extrema pequenez, ousou fitar o sol Divino, o Sol do Amor, e meu coração sente nele todas as aspirações da águia.¹⁴¹

Teresa faz a oferta de si, não tem medo de tudo fazer por amor à Igreja e às almas. Consciente dessa sua proximidade com Deus, entende que o bem-aventurado é aquele que Deus justifica sem as obras para si. Para aqueles que cumprem as obras, a recompensa não é dada como graça, mas como algo devido, e aqueles que não realizam obras para si são justificados pela graça, fundamentada na redenção, onde quem redime é o próprio Jesus.¹⁴²

Não quero acumular méritos para o céu; quero trabalhar somente por vosso Amor, com o único objetivo de vos dar prazer. [...] No ocaso dessa vida, comparecerei diante de vós de mãos vazias, pois não vos peço, Senhor, que conteis minhas obras. Toda a nossa justiça tem manchas a vossos olhos. Quero, pois, revestir-me de vossa justiça própria e receber de vosso Amor a eterna posse de vós mesmo. Não quero nenhum outro trono nem coroa se não vós, ó meu Bem-Amado.¹⁴³

Todo esse empenho de se tornar pequena e dependente de Deus vem do desejo que Teresa tem pela santidade. A Pequena via torna-se para ela esse caminho, alimentado sempre do desejo de ser santa, não contando com os próprios méritos, mas esperando somente em Deus, que se contenta com seus pequenos esforços e vendo sua pequenez os cobre com

¹⁴¹ LISIEUX, 2015, P. 217.

¹⁴² TADA, 2011, p. 51.

¹⁴³ TERESA DO MENINO JESUS. **Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face, doutora da Igreja**: Obras completas. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 1037-1039; Oração.6.

seus méritos fazendo-a santa.¹⁴⁴ No amor terno de Teresinha pelo Divino, na entrega total de si nos braços de Deus, como uma criancinha nos braços do Pai, Teresa ensina que nessa primeira característica da Pequena via, a pequenez deve levar o cristão a uma doação de si. Tudo em Deus e Deus em tudo. Essa é a grande fórmula da pequenez espiritual que a santa de Lisieux tanto fala. É preciso que a pequena alma tenha necessidade do amor de Deus.¹⁴⁵ “a alma que imerge no ilimitado oceano do vosso amor, arrebatando consigo todos os tesouros que possui”.¹⁴⁶

Entretanto, Teresa não se mostra como uma adulta infantil, nem pode ser vista como alguém imaturo e sem forças intelectuais. Ela tem consciência de que crescer é necessário, mas, ao mesmo tempo, descobre que existe uma alegria enorme em ser como criança nos braços de Jesus. Teresa desvenda um mistério que nem mesmo os mais sábios intelectuais seriam capazes de compreender. Ser pequeno é corresponder diariamente aos apelos de um amor. É um elo profundo entre o amante e o amado. Nesse sentido, Teresinha afirma, em um de seus escritos, que os segredos da perfeição alcançados por ela aos quatorze anos não podem ser encontrados pelos entendidos que passam a vida toda a estudar, já que a ciência autossuficiente não é capaz de desvendar aquilo que somente os pequenos de espírito conseguem possuir.¹⁴⁷

2.2.2 A pobreza espiritual

Foi no desenrolar de sua vida que Teresa encontrou-se com sua pequenez e descobriu o grande caminho para chegar ao céu: O caminho da pobreza espiritual, segunda característica da Pequena via. O caminho espiritual que a jovem carmelita percorreu se deu pela ênfase realista à fidelidade nas pequenas coisas. Teresa não espera nada mais de si mesma, em tudo se torna dependente de Deus. Torna-se pobre e entregue à misericórdia Divina, confiante de que só Deus pode tudo em seu viver.¹⁴⁸ Entretanto, não se pode pensar que a pobreza espiritual seja uma simples pobreza material: ela consiste em uma atitude assumida livremente a

¹⁴⁴ LUCENA, Ângelo. **A infância Espiritual**: Santa Teresinha. São Paulo: Paulus, 2014. p. 29.

¹⁴⁵ SCIADINI, 2000, p. 42.

¹⁴⁶ LISIEUX, 2015, p. 277.

¹⁴⁷ LISIEUX, 2015, P. 121.

¹⁴⁸ MEESTER, 2018, p. 69-70.

partir do pedido de Jesus: “felizes os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus.”¹⁴⁹

Pela pobreza espiritual, tudo aquilo que se possui não é próprio. Tudo pertence ao Pai e é ele que, em sua generosidade, concede o que falta. “Seguindo esse exemplo, a alma que entra na Pequena via da infância espiritual, deve se considerar como não possuidora de nada que lhe seja próprio.”¹⁵⁰ Na Pequena via, tudo deve ser visto como graça dada por Deus, o desapego das coisas materiais faz parte integral dessa via espiritual. Viver da providência e da confiança em Deus faz a alma encontrar valores até então perdidos.

Um pai dá a seu filho o que lhe é necessário ou útil num dado instante. Não se costuma dar a um pequenino um grande pedaço de pão, mas apenas o necessário para saciar a fome. Do mesmo modo, não se deixa ele de posse de um armário cheio de roupas. Dá-se diariamente apenas o que lhe é necessário. E é assim que age o bom Deus em relação ao seu pequeno filho.¹⁵¹

A pobreza espiritual da qual Teresa fala consiste na dependência de Deus, na confiança em sua providência e no abandono em sua infinita misericórdia. A confiança em Deus e em sua graça deve ser o combustível que sustenta e movimenta a vida de quem escolhe ser pequeno e pobre de espírito. Nas palavras de Teresa: “Eis aí tudo que Jesus exige de nós. Não precisa de nossas obras, mas unicamente de nosso amor”.¹⁵²

Uma alma que percorre a Pequena via deve acolher com alegria o esquecimento das criaturas, é uma relação de intimidade entre a alma e Deus. O pensamento espiritual de Teresa traz à tona o desejo de Deus. Nesse caminho a alma tem consciência de sua fraqueza e dependência do Senhor. O itinerário faz entender que, na vida espiritual, a preocupação deve ser somente com o necessário.

A alma que vive da pobreza espiritual entende que tudo aquilo que possui vem de Deus e que ele é o dono de todas as coisas, principalmente dos bens espirituais que dá a cada um. Aceitar a vontade Divina sobre tudo que se tem e se é, tem grande valia sobre o desejo da pobreza

¹⁴⁹ Mt 5, 10.

¹⁵⁰ MARTIN, 2019, p. 33.

¹⁵¹ MARTIN, 2019, p. 35-36.

¹⁵² LISIEUX, 2015, p. 207.

espiritual. A alma pobre não precisa se preocupar em acumular riquezas para si. Seu coração deseja a maior de todas as riquezas, o céu.¹⁵³

A pobreza espiritual não é estar inerte, vivendo em um descanso total esperando tudo em Deus. Ela também não enaltece demais a confiança em prejuízo das obras. Muito pelo contrário, Teresa ensina que a pobreza espiritual exige passos largos e confiantes.¹⁵⁴ A carmelita não alimenta o ímpeto do trabalho, mas também não tolera o tédio.¹⁵⁵ Diz que é necessário lutar com todas as energias para tornar-se santo, e que é preciso na vida dar passos e ter força de vontade para bem alcançar grandes objetivos.¹⁵⁶ Quando Teresa fala sobre as obras, refere-se à grandeza que existe além delas. Viver das pequenas coisas é o maior ato feito pela alma que almeja a santidade. Todos são chamados a, de certa forma, encontrar meios de viver essa pobreza, seja na entrega total de si, seja no encontrar tesouros nas pequenas coisas, seja na lealdade e coerência de vida. Teresa mostra que o caminho da pobreza espiritual é um caminho de renúncias e de grandes atitudes.¹⁵⁷

Sinto, sim, quando sou caridosa, é só Jesus que atua em mim. Quanto mais unida a ele, tanto mais também amo minhas irmãs. Quando quero aumentar em mim esse amor, principalmente quando o demônio tenta colocar ante os olhos de minha alma os defeitos desta ou daquela irmã, que me seja menos simpática, apresso-me a procurar suas virtudes, seus bons desejos. Digo entre mim que, se a vi fraquejar uma vez, pode ela muito bem ter alcançado grande número de vitórias, e esconde-as por humildade, e mesmo aquilo que me parece falta, pode muito bem ser ato de virtude, por causa da intenção.¹⁵⁸

Teresa mostra que a pobreza espiritual impulsiona a alma a ir ao encontro do outro, pois o amor a Deus se manifesta na entrega de si ao Senhor e aos irmãos e irmãs. O amor exige essa entrega. O espírito de

¹⁵³ MARTIN, 2019, p. 42.

¹⁵⁴ MEESTER, 2018, p. 134.

¹⁵⁵ MEESTER, 2018, p. 135.

¹⁵⁶ TERESA DO MENINO JESUS, 2015, p. 517-518; carta 178.

¹⁵⁷ MEESTER, 2018, p. 138-139.

¹⁵⁸ LISIEUX, 2015, p. 242.

pobreza espiritual leva a alma até a essência de criança, que por si só não guarda mágoa, nem ódio ou ressentimento. Ensina assim Teresa, que ao propor a vivência da verdadeira caridade pode suportar com paciência os limites do outro.¹⁵⁹

2.2.3 Confiança em Deus

A Pequena via tem por característica, também, a confiança em Deus. Como visto anteriormente, na caminhada espiritual da Pequena via o fiel é convidado a se tornar como criança, não no sentido infantil da palavra, mas na entrega total de tudo que se tem e do que se é nas mãos de Deus. Essa é a força da confiança em Deus.

O pequenino gostaria de andar, mas é impossível; seus pés muito débeis recusam-se a sustentá-lo. [...] O pai inclina-se e pega a criança. Ele a abraça e a tem em seu colo. Com que alegria ele a segura! Com que amor ele a defende! E então o pequenino se torna forte com a presença de toda força de seu pai.¹⁶⁰

A confiança em Deus, refletida na Pequena via é, sem sombra de dúvidas, um aprofundamento no amor misericordioso de Deus. A certeza de ver-se pequeno e dependente do Pai, gera no coração de Deus um amor incomparável a qualquer outro amor nesse mundo. Deus não deixa jamais de socorrer aqueles que vêm em seu socorro, e é assim que o fiel que trilha esse pequeno caminho deve viver, confiando em Deus e em seu amor.¹⁶¹ “É de suprema importância para a alma que percorre a Pequena via da infância que ela mesma se estimule a ter imensa confiança em Deus.”¹⁶²

Oh querida Madrinha! Diante de tal linguagem, nada se pode fazer senão emudecer e chorar de gratidão e amor... Oh! Se todas as almas débeis e imperfeitas sentissem o que sente a mais pequena de todas as almas, a alma de vossa Teresinha,

¹⁵⁹ MARTIN, 2019, p. 44.

¹⁶⁰ MARTIN, 2019, p. 45.

¹⁶¹ MARTIN, 2019, p. 46.

¹⁶² MARTIN, 2019, p. 47.

nenhuma delas se desesperaria de atingir o cume da montanha do amor, visto que Jesus não exige grandes feitos, mas unicamente o abandono e a gratidão. [...] Eis aí tudo o que Jesus exige de nós.¹⁶³

O abandono em Deus deve ser o único desejo da pequena alma que caminha pelos trilhos da infância espiritual, nesse impulso do coração a alma sem medo se lança nos braços de Deus Pai e nele deposita todo seu viver.¹⁶⁴ Ao menos o desejo de se lançar nos depósitos da confiança já é o bastante para que Deus venha em socorro para ajudar. Quanto menor e confiante é a alma, tanto mais Deus corresponde aos seus anseios de filhos.

Quanto mais se é fraco, sem desejos e virtudes, tanto mais se está apto às orações deste Amor consumidor e transformante... Onde encontrar o verdadeiro pobre de espírito? É preciso procurá-lo longe, diz o salmista. Não diz que é preciso buscá-lo entre as grandes almas, mas “bem longe”, ou seja, na baixeza, no nada... Ah! Permaneçamos, portanto bem longe de tudo aquilo que brilha, amemos nossa pequenez, amemos o não sentir nada. Então seremos pobres de espírito e Jesus virá nos procurar. Por mais longe que estejamos, ele nos transformará em chamas de amor... Oh! Como gostaria de poder vos fazer compreender aquilo que sinto! É a confiança, e nada mais que a confiança, que nos deve conduzir ao Amor...¹⁶⁵

A confiança em Deus parte de uma liberdade interior que precisa ser expandida para além do querer, é preciso dar passos, passos de fé. Não que seja mérito do fiel alcançar tal êxito, mas confiar que de Deus vem todas as coisas, inclusive a virtude da confiança plena Nele. “É preciso que a alma que almeja tal graça se ancore na confiança, e por um exercício de virtude se empenhe em confiar em Deus a cada dia mais.”¹⁶⁶ A confiança parte do princípio da entrega total, da pobreza e da humildade.

¹⁶³ LISIEUX, 2015, p. 207.

¹⁶⁴ MEESTER, 2018, p. 109.

¹⁶⁵ TERESA DO MENINO JESUS, 2015, p. 550-552; carta 197.

¹⁶⁶ MARTIN, 2019, p. 46.

Não é dentro de si mesmo que se deve procurar essa confiança, mas no próprio Deus: em seu amor, em sua misericórdia e em todos os seus atributos.¹⁶⁷ A confiança em Deus retira toda confiança que se tem em si mesmo, nela está a força da alma.

2.2.4 O Amor-Caridade

A quarta característica da Pequena via de Teresa de Lisieux é o Amor-Caridade. Por meio dessa característica encontram-se profundamente relacionados o amor do ser humano para com Deus e o exercício desse amor como caridade para com o outro. A caridade com o próximo é uma das mais notáveis ações do amor humano para com Deus.¹⁶⁸ Teresa entende que a caridade é a essência da perfeição e que todo amor manifestado a Deus se revela no amor ao próximo, como disse o próprio Jesus: “Dou-vos um mandamento novo. Que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos uns aos outros.”¹⁶⁹

Este ano, minha querida madre, o Bom Deus deu-me a graça de compreender em que consiste a caridade. Dantes, eu a compreendia é verdade, mas de uma maneira imperfeita. Não tinha tomado mais a fundo a palavra de Jesus [...] aplicava-me, antes de tudo, amar a Deus, e, pelo fato de amá-lo, cheguei a compreender que meu amor não deveria manifestar-se apenas por palavras. [...] Quando ordenou ao seu povo que amasse o próximo como a si mesmo, o Senhor não tinha ainda vindo à terra. Por outro lado, sabendo perfeitamente até que ponto alguém ama sua própria pessoa, não podia exigir amor maior com relação ao próximo.¹⁷⁰

Muitas vezes é necessário morrer para si, em especial quem decide viver as regras da Pequena via. Firmada no ensinamento carmelita, Teresa exprime em atos a necessidade de se deixar lapidar pela vida comunitária, ou seja, a convivência com o outro precisa ser um ato de transformação pessoal. Do mesmo modo como os pais do Carmelo ensinaram, assim

¹⁶⁷ MARTIN, 2019, p. 47.

¹⁶⁸ O ESPÍRITO, 1986. p. 70.

¹⁶⁹ Jo 13, 34-35.

¹⁷⁰ LISIEUX, 2015, p. 239-241.

também deve viver o coração pequeno e entregue à via do Amor,¹⁷¹ sofrendo as mortificações e aborrecimentos como exercício das virtudes, sobretudo da paciência.¹⁷²

Durante muito tempo, na oração da tarde, meu lugar ficava na frente de uma irmã, que tinha uma mania estranha. [...] logo que chegava, a irmã punha-se a fazer um estranho ruído semelhante ao que resultaria de quando se esfregam conchas, uma com a outra. [...] explicar-vos, minha Madre, quanto esse ruído me aborrecia, sentia muita vontade de voltar a cabeça e encarar a culpada, que certamente não notava seu tique. [...] no fundo do coração, porém, percebia ser preferível sofrer tal coisa, por amor a Deus e para não magoar a irmã. Ficava, pois, quieta, procurando unir-me ao Bom Deus e esquecer o ruído.¹⁷³

Teresa aprende que, para se tornar santa, precisa constantemente viver a experiência da vida comunitária. Entende que todo esforço é útil para fazer o bem, e que para estar unida a Deus era também necessário estar unida à comunidade em que vivia.¹⁷⁴ O amor ao próximo se desenvolve na vida de Teresa antes mesmo de sua entrada no Carmelo. A carmelita tem um amor profundo pelos menos favorecidos, como narra em seus escritos autobiográficos: “Senti, numa palavra, a caridade penetrar-me no coração, a necessidade de esquecer-me a mim mesma, para dar prazer, e, desde então, fui feliz!”¹⁷⁵ Ela era a encarregada de acolher os pobres que batiam às portas dos Buissonnets, assim como defendia a causa dos pobres dentro do Carmelo.¹⁷⁶

Nos passeios que fazia com ele, o papai gostava de me mandar entregar a esmola aos pobres que encontrássemos. Certo dia vimos um que se arrastava com dificuldade em suas muletas.

¹⁷¹ BERARDINO, Pedro Paulo. **A Solidão em santa Teresinha do Menino Jesus**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 90.

¹⁷² BERARDINO, 1995, p. 91.

¹⁷³ LISIEUX, 2015, p. 271.

¹⁷⁴ BERARDINO, 1995, p. 92.

¹⁷⁵ LISIEUX, 2015, p. 113.

¹⁷⁶ BERARDINO, 1995, p. 133.

Acerquei-me para lhe dar um óbolo. [...] Não consigo descrever o que se passou em meu coração. Queria consolá-lo e reconfortá-lo.¹⁷⁷

Dentro da perspectiva da Pequena via, o amor e o zelo ao próximo devem ser encarados como grandes passos a serem dados. Teresa mostra, em suas pequenas atitudes, que o valor da caridade para com o outro ultrapassa os limites de muitas orações. O cristão movido pela fé precisa ser luz para aqueles que se encontram na escuridão dos sofrimentos e das dores. Teresinha movia-se pela necessidade de iluminar os rostos marcados pelos diversos sofrimentos, pois, ao ver os pobres como os prediletos de Jesus, reconhecia em sua ação a prática dos ensinamentos do Senhor.¹⁷⁸

O ponto vital da Pequena via é o Amor, “o que o coração é para o corpo na vida física, o amor é para alma na vida espiritual.”¹⁷⁹ Na vida de Teresa de Lisieux e seu itinerário espiritual o amor ocupa um lugar de centralidade. Não que ela não tenha vivido outras virtudes, mas o amor sempre foi a base do seu caminhar, um amor a Deus que se revelava na doação caridosa a todos que a rodeavam.

Nós sabemos que Santa Teresa do Menino Jesus não negligenciou nenhuma e que praticou todas elas com uma intensidade heroica. Mas nela a caridade aparecia no meio das outras virtudes como uma rainha entre suas aias. Em sua alma, onde tudo estava perfeitamente ordenado, pode-se dizer que era a caridade que tinha o cetro: era quem dirigia e governava tudo.¹⁸⁰

Para Teresa, a forma perfeita da confiança e do abandono é o amor, uma ternura que se entrega sem reservas e sem interesses. A força desse amor leva a alma a olhar a vida com outra perspectiva, encontrando assim as delicadezas de Deus reveladas nas pequenas coisas. Na Pequena via só o amor vale, tudo gira em torno dele.¹⁸¹ “Ó meu Deus! Eu bem sei, amor com amor se paga; por isso procurei e encontrei o meio de aliviar o meu

¹⁷⁷ LISIEUX, 2915, p. 52.

¹⁷⁸ BERARDINO, 1995, p. 133-134.

¹⁷⁹ MARTIN, 2019, p. 69.

¹⁸⁰ MARTIN, 2019, p. 70.

¹⁸¹ MARTIN, 2019, p. 73.

coração, pagando-vos amor com amor.”¹⁸² Essa experiência na alma se reflete na vida cotidiana. Foi assim que Teresa definiu sua vocação: viver no ordinário da vida o extraordinário, que é o amor.

Deus ama-me! E para impedir-me de duvidar ele escreveu seu Amor por mim em tudo, em todos os lugares e sobre todas as coisas: na estrela que brilha para me encantar, no raio de sol que me aquece e me ilumina, no azul do céu e nas nuvens que passam, na flor que me perfuma e em cada pedaço de pão que me alimento, em todos os lugares. [...] Ele mantém-se pessoalmente, por meio do mais tocante e inconcebível prodígio em todos os sacrários do mundo;¹⁸³

Cabe à Pequena alma mergulhar nesse amor, pois não existem razões para duvidar ou impor limites na confiança. É preciso dilatar o coração e não permitir que o medo encolha a confiança. Crer que Deus ama incondicionalmente faz a alma voar sem medo para os braços do Pai.¹⁸⁴

Nos traços da Pequena via, precisa existir no coração daquele que por ela caminha, uma confiança na Divina Misericórdia. Reconhecendo-se fraca e pecadora a alma precisa lançar-se sem medo aos braços da Misericórdia Divina. O amor de Deus é acima de tudo um amor misericordioso. Em sua caminhada, Teresa mostra que esse amor foi o farol que iluminou sua alma. Ela entende que todo caminho da Pequena via é constantemente iluminado pela Misericórdia de Deus.¹⁸⁵

Como é Bom o Senhor Deus, e como sua misericórdia é eterna. Parece-me que, se todas as criaturas possuíssem as mesmas graças que eu, o Bom Deus não seria temido por ninguém, mas amado até a loucura; e por amor, não a tremer, nenhuma alma jamais consentiria em lhe causar desgosto. [...] A mim me deu sua infinita misericórdia, através da qual contemplo e adoro as demais perfeições Divinas!¹⁸⁶

¹⁸² LISIEUX, 2015, p. 34.

¹⁸³ MARTIN, 2019, p. 49.

¹⁸⁴ MARTIN, 2019, p. 50.

¹⁸⁵ MARTIN, 2019, p. 51.

¹⁸⁶ LISIEUX, 2015, p. 197-198.

A reflexão da Misericórdia Divina ocupa um importante lugar no pensamento de Teresinha, pois a carmelita trata a respeito da relação desse amor misericordioso com o tema da justiça. Há um desejo, em Teresa, de não estabelecer uma relação com Deus embasada na justiça, pois, segundo ela, essa categoria é própria de pessoas adultas. A santa quer apresentar-se a Deus de mãos vazias, conforme já se mencionou ao ponderar sobre a Infância Espiritual.¹⁸⁷ Para ela, é inadmissível alguém buscar diante de Deus glórias para si, ou acreditar em um Deus vingador que possa condenar as almas pelo pouco esforço de buscá-lo. Teresa ultrapassa os limites da espiritualidade de sua época, onde se vivia em reparações para aplacar a justiça e a Ira divina.¹⁸⁸

Ser justo não consiste em exercer a severidade para punir os culpados, é também reconhecer as retas intenções e recompensar com a virtude. Espero tanto da justiça de Deus como de sua misericórdia. É por ser justo que Ele é compassivo e repleto de doçura, lento em punir e generoso em misericórdia.¹⁸⁹

Diante desse abandono na Divina Misericórdia, pode-se perceber que existem em Deus grandes atributos, inclusive o atributo da justiça. Ao entender que Deus é justo, compreende-se que o ato da Justiça Divina não é duro e severo, mas que Deus, ao olhar para as imperfeições humanas, tem estimulada sua ação misericordiosa.¹⁹⁰ A Justiça de Deus é misericórdia. Nesse sentido, o amor e a confiança em Deus exigem um temor servil. Exigem compreender as graças dadas por Deus à alma fiel. É necessário confiar no perdão divino, depositar o coração no coração do Senhor e confiar em todos os seus atributos.¹⁹¹

¹⁸⁷ TADA, 2011, p. 48.

¹⁸⁸ TADA, 2011, p. 49.

¹⁸⁹ TERESA DO MENINO JESUS. 2015, p. 582-583; Carta 226.

¹⁹⁰ MARTIN, 2019, p. 52-53.

¹⁹¹ MARTIN, 2019, p. 60-61.

2.3 OS CINCO PASSOS NA PRÁTICA DO AMOR

Apresentadas as temáticas da Infância Espiritual, tão importante no caminho da Pequena via, e as quatro características desse itinerário desenvolvido por Teresa de Lisieux, cabe agora repropor uma reflexão da carmelita a partir da característica central da Pequena via: o amor que se faz prática através da caridade.

Em todo o itinerário da Pequena via proposto por Teresa, pode-se perceber que o Amor ocupa um lugar central. “Todos os desejos mais ardentes da irmã Teresa do Menino Jesus tendem ao amor”.¹⁹² Como refletido anteriormente, no pensamento da carmelita, esse amor a Deus só tem sentido quando transformado em caridade exercida aos irmãos e irmãs. No caminho espiritual de Teresinha, é possível identificar cinco passos marcantes dessa prática que se tornam essenciais no seguimento da Pequena via.

Em primeiro lugar, há um desejo de sempre e em tudo agradar o Bom Deus. Além desse, convida-se a oferecer ao Senhor todos os pequenos sacrifícios diários. Em seguida, faz-se necessário aproveitar todas as ocasiões para se fazer somente o bem. O quarto passo, segundo a carmelita, consiste em procurar a alegria do amor mesmo em meio aos sofrimentos. Finalmente, o quinto passo ensina a tudo fazer por um amor desinteressado, abandonar-se à liberalidade de Deus que age diretamente na alma humana.¹⁹³

Agradar o bom Deus é o primeiro passo, ele significa dar prazer ao Senhor, permitindo que todos os atos realizados pela pequena alma sejam, única e exclusivamente, para alegrar o coração de Deus. Agradar o bom Deus significa colocar todas as ações, até mesmo as mais insignificantes, no limiar da misericórdia.¹⁹⁴ Teresa ainda exprime em seus escritos que dar prazer a Jesus é constantemente oferecer-lhe todos os pequenos sacrifícios diários, ligando o primeiro passo ao segundo.

Outra ocasião, na lavagem de roupa, estava diante de uma irmã que me espirrava água suja no rosto, todas as vezes que levantava os lenços na tábua de bater. Meu primeiro ímpeto foi recuar e enxugar o rosto, a fim de dar a entender à irmã que me aspergia, que me faria favor, se parasse. Mas logo pensei, que seria grande tolice minha recusar os

¹⁹² MARTIN, 2019, p. 75.

¹⁹³ MARTIN, 2019, p. 78-86.

¹⁹⁴ MARTIN, 2019, p. 78-79.

tesouros que me eram doados tão generosamente. [...] apliquei todo meu esforço em desejar receber muita água. [...] Como vedes, Madre muito amada, sou alma muito pequenina, que só tem condições de oferecer a Deus coisas pequeninas, e muitas vezes me acontece ainda deixar escapar esses sacrificiozinhos, que tanta paz trazem à minha alma.¹⁹⁵

Teresa não tem medo de demonstrar seu amor por Deus nas pequenas coisas. Para ela, tornava-se algo muito prazeroso olhar para o próximo com o olhar de Jesus, por isso Teresa não perdia uma só oportunidade de oferecer pequenos sacrifícios para Deus.

Esta é a lição que tiro. Nos recreios, nas licenças, devo procurar a companhia de irmãs que me são menos agradáveis, exercer com essas almas melindradas o ofício do bom Samaritano. Por vezes uma palavra, um sorriso amável, é quando basta para desanuviar uma alma entristecida. Aliás, não é em absoluto para alcançar tal fim que praticarei a caridade, pois sei que logo desanimaria. [...] Por esta razão, com o intuito de não perder meu tempo, quero ser amável com todo mundo, de modo particular, com as irmãs menos amáveis, para alegrar Jesus e corresponder ao conselho que nos dá nos Evangelhos.¹⁹⁶

Como se pode ver, Teresa expressa da forma mais simples que o exercício de oferecer sacrifícios ao bom Deus, nada mais é do que levar a sério as palavras de Jesus em seu evangelho, que pede para amar uns aos outros como ele mesmo amou. É algo prático. O amor é prático. Teresa deixa em seus escritos que mesmo na aridez, quando não se é capaz de orar ou praticar a virtude, a pequena alma deve procurar em todas as ocasiões agradar a Deus fazendo o bem, como por exemplo um sorriso, uma palavra amável, ao levar com amor momentos de aborrecimentos e em todos eles, amar e permitir que o amor se torne atitudes.¹⁹⁷

¹⁹⁵ LISIEUX, 2015, p. 272.

¹⁹⁶ LISIEUX, 2015, p. 268.

¹⁹⁷ MARTIN, 2019, p. 81.

O caminho da Pequena via exige renúncias, entrar no caminho do amor não significa viver plenamente em um oceano de alegrias e realizações, pelo contrário, em meio às flores existem os espinhos. Por isso o terceiro passo é fazer o bem, agradando ao bom Deus também no exercício de pequenos sacrifícios.

Eis porque se a renúncia e o sacrifício não tivessem seus lugares marcados na vida da infância, seria necessário dizer que esse caminho é enganoso. [...] o que pode gerar uma confusão é o fato de que o Amor, ao transformar o sacrifício, preenche-o com tanta doçura, e reveste-o com tantos encantos, que a cruz desaparece sob a felicidade. Mas a cruz ainda está lá, e as flores só podem ser colhidas com bastante custo, pois muitas vezes é preciso encontrá-las no meio de espinhos e ao preço de feridas muito dolorosas para a natureza sensível.¹⁹⁸

A pequena alma que entra no mistério da Pequena via, encontra nos sofrimentos a alegria do amor. Eis o quarto passo no itinerário da carmelita. O amor é insaciável. Ele faz o coração da pequena alma arder pelos sacrifícios. Não de forma masoquista, mas para permitir que todos os atos da alma nesse caminho sejam recompensados no amor.

Parece-me que, se por um lado cativamos Jesus com os sacrifícios, por outro, nossas alegrias também o encantam. Para isso, basta que não concentremos em nossa felicidade egoísta, e ofereçamos ao nosso esposo as pequenas alegrias que ele mesmo semeia no caminho da vida para encantar nossos corações e elevá-los até ele.¹⁹⁹

Todas as virtudes têm em Deus sua fonte primária. Essas virtudes crescem dentro da alma de duas maneiras: ou pelos esforços propriamente ditos, auxiliados pela graça Divina, ou por um efeito puro da liberalidade de Deus agindo diretamente na alma. A primeira exige da alma muito tempo, já a segunda exige pouco, pois toda ação parte de Deus, e é esse segundo movimento que faz a pequena alma alcançar a perfeição.²⁰⁰

¹⁹⁸ MARTIN, 2019, p. 83.

¹⁹⁹ MARTIN, 2019, p. 87.

²⁰⁰ MARTIN, 2019, p. 93.

O quinto passo consiste nesse abandono, em tudo fazer por amor e abandonar-se nos braços misericordiosos do Pai Celeste. Teresa apresenta a ação de Deus na alma como o grande elevador que eleva aqueles que amam a Deus aos céus.

Para elevar-se ao mais alto cume do Amor, termo supremo da Pequena via da infância, a alma então toma lugar no elevador divino. Ela coloca-se entre os braços de seu Pai Celestial e, completamente entregue a sua ação, de um poder infinito, ela espera dele unicamente que realize sua inteira transformação no amor.²⁰¹

Como dito anteriormente, essa ação não pode ser realizada por nenhuma outra criatura, se não pelo próprio Deus. Porém, o sim humano dado a Deus exige passos. Teresa entende que somente o Amor faz com que os membros da Igreja ajam diante do escuro da fé. E que se esse amor apagassem, os apóstolos não conseguiriam mais anunciar o Evangelho, os mártires se recusariam a derramar seu sangue. Na visão Teresiana, o amor foi, é e sempre será o centro do movimento cristão.²⁰²

Para Teresa, a forma perfeita da confiança e do abandono é o amor, um amor que se entrega sem reservas e sem interesses. Sua força leva a alma a olhar a vida com outra perspectiva, encontrando assim as delicadezas de Deus reveladas nas pequenas coisas. A alma que percorre a Pequena via procura vivê-lo em tudo. Teresinha o entendeu como sua própria vocação.

Compreendi que o AMOR ABRANGE TODAS AS VOCAÇÕES, ALCANÇANDO TODOS OS TEMPOS E TODOS OS LUGARES... NUMA PALAVRA É ETERNO... Então no transporte de minha delirante alegria, pus-me a exclamar: Ó meu Jesus, meu amor, minha vocação, encontrei-a afinal: MINHA VOCAÇÃO É O AMOR!...²⁰³

Teresa viveu intensamente os passos da Pequena via. Em tudo procurou fazer a vontade de Deus e deixou em seus escritos esse itinerário tão belo e profundo que por décadas vem sendo utilizado na Igreja como

²⁰¹ MARTIN, 2019, p. 119.

²⁰² MEESTER, 2018, p. 106-107.

²⁰³ LISIEUX, 2015, p. 213-214, grifo da autora.

caminho espiritual de grande valia. Teresa define sua entrega total ao amor misericordioso como sua vocação, o próprio amor. Assim, toda alma que almeja caminhar nos trilhos da Pequena via, deve buscar no Amor, a força e a graça para permanecer sempre fiel.

3. A PEQUENA VIA DE TERESA DE LISIEUX COMO CAMINHO DE SANTIDADE PARA O CRISTÃO CONTEMPORÂNEO

Abordado no primeiro capítulo desta pesquisa a vida de Teresa de Lisieux e sua experiência com Deus, e apresentado no segundo capítulo a metodologia do pequeno caminho de santidade que esta propõe, surge um questionamento: como pode o cristão contemporâneo aplicar em sua vida os ensinamentos de Teresa de Lisieux? É possível a ele alcançar a santidade pedida por Deus a partir dos ensinamentos da mestra do amor?

Na busca de responder a essas perguntas, este terceiro capítulo se propõe a buscar respostas possíveis para tais questionamentos. Para isso, tomar-se-á como ponto de partida alguns aspectos da Pequena via que estão ligados diretamente à vida de santidade, de modo especial, na contemporaneidade.

3.1 A SANTIDADE ENQUANTO CAMINHO

A Pequena via de Teresa de Lisieux parte da proposta de santificar-se no ordinário, no modo como se vive e se enxerga os fatos do dia-a-dia. Deus é amor. Eis, o mistério divino revelado ao ser humano. E tendo-o criado a sua imagem e semelhança, crio-o para o amor, sendo essa a plenitude da vida. E, assim o sendo, quando o ser humano permite que o amor penetre o mais profundo do seu ser, mas percebe Deus no caminho que percorre.

A plenitude da vida é alcançada quando o ser humano se abre ao amor de Deus e deixa-se penetrar em todas as suas “camadas”, iluminando cada dimensão humana, (física, psicológica, social, espiritual) e integrando-as pela graça.²⁰⁴

Ser santo é então caminhar por uma estrada de contínuo esforço para ser melhor, permitindo assim que a graça de Deus transforme o coração. O Espírito Santo derrama santidade sobre todo gênero humano e esse precisa constantemente corresponder a esse chamado. “Munidos de tantos e tão grandes meios de salvação, todos os fiéis, seja qual for a sua condição ou estado, são chamados pelo Senhor à perfeição do Pai, cada um por seu Caminho.”²⁰⁵

²⁰⁴ CASTRO, BOAGA 1997, p. 15.

²⁰⁵ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 117; LG 11.

Isso reforça o fato de que Teresa, como a maioria dos cristãos, não nasceu santa. A santidade na vida dessa jovem foi um processo que percorreu os vinte e quatro anos de sua vida terrestre.

Deste modo, a Pequena via revela-se como um caminho de buscas, de encontros e principalmente um caminho do autoconhecer-se, sendo este o primeiro passo a se dar, quando se quer ser santo. O autoconhecer-se encheu o coração de Teresa e a impulsionou na busca por melhorar em sua vida aquilo que ainda a impedia de viver o dom da santidade dada por Deus. E somente quando entendeu que era necessário dar passos de fé e interiorização, é que conseguiu corresponder e viver o dom da santidade.

Como o sabeis, sempre desejei ser santa. Mas, que tristeza! Quando me confronto com os Santos, sempre verifiquei que há entre eles e eu a mesma diferença que existe entre a montanha, cujo cimo desaparece nos céus, e o obscuro grão de areia, espezinhado pelos transeuntes. Em vez de desanimar, pensei: O Bom Deus não seria capaz de inspirar-me desejos irrealizáveis. Posso, por conseguinte, aspirar a santidade, não obstante na minha pequenez. Ficar maior, não me é possível. Devo, pois suportar-me tal qual sou, com todas as minhas imperfeições.²⁰⁶

Essa afirmação de Teresa revela ao cristão contemporâneo a necessidade do autoconhecimento no caminho da própria vida. Revela que, ao contrário do que se pode pensar, é na experiência com os próprios limites que se encontra a forma profunda de se relacionar com Deus. Esse é o passo ensinado por Teresinha, que propõe uma nova forma de se pensar e experimentar as relações da vida, seja com Deus, consigo mesmo ou com o outro.²⁰⁷

A harmonia existencial a que chegou Teresa causa admiração a quem lê com atenção seus escritos. Pode-se constatar uma integração e uma coordenação perfeita das experiências e dos fatos vivido por ela. Teresa soube aproveitar tudo aquilo que Deus colocou em seu caminho. Soube com maestria submeter-se a ação santificadora da graça, para que em tudo pudesse fazer a vontade de Deus. “Jesus olhava pela sua

²⁰⁶ LISIEUX, 2015, p. 226.

²⁰⁷ PHILIPPE, Jacques. **La confianza em Dios**, Ejercicios Espirituales. Madrid: Cristiandad, 2012. p. 65.

noivinha. Quis que tudo redundasse para o bem dela, seus próprios defeitos refreados a tempo, serviram-lhe para crescer na perfeição.²⁰⁸ No decorrer da sua história, Teresa adquiriu um domínio extraordinário de si mesma, para melhor viver a mensagem evangélica e buscar a perfeição.

A perfeição, viver o amor em plenitude, não eliminou da vida de Sta. Teresinha as atrações ou repugnâncias naturais. Conferiu-lhe sim, domínio extraordinário e equilíbrio sobre seu corpo e seu espírito, conseguindo fazer-se obedecer pelos sentidos.²⁰⁹

Este é o caminho de santidade proposto pela pequena flor do Carmelo e que se mostra muito atual, pois propõe que na estrada da vida o cristão deve encontrar em si mesmo, o amor divino que compõe a natureza humana. Teresa encontra na própria vida, virtudes que a ajudam a alcançar a perfeição. O cristão precisa assim como ela encontrar no caminho da existência motivações que o fazem buscar esse encontro com Deus e essas motivações não estão fora de si. E preciso silenciar-se em um mundo de constantes ruídos, olhar para dentro de si e encontrar-se enquanto ser humano criado à imagem e semelhança do próprio Deus.

A Pequena via proposta por Teresa, diferente do que mostram algumas literaturas, não é um caminho fácil ou infantil. Teresa apresenta aos cristãos de toda Igreja, que as virtudes evangélicas vividas no cotidiano da vida, precisam ser muitas vezes colocadas como prioridades para aqueles que querem tornar-se santos. Na história da espiritualidade cristã, geralmente encontra-se duas correntes que orientam o ser humano para a maturidade espiritual. A ascese, que é a prática minuciosa das virtudes em espécie, e a busca do contínuo exercício do amor, que dá um sentido ainda maior a todas as ações, inclusive as mais ordinárias. Muitas vezes esses dois métodos são vistos como antagônicos, mas Teresa ensina que não. Existe uma ligação profunda entre a virtude e o amor.²¹⁰

Realmente não se pode chegar ao verdadeiro amor sem a prática das virtudes, porém, estas por si mesmas não garantem a vida do amor. Cada um dos métodos isoladamente tem vantagens e

²⁰⁸ LISIEUX, 2015, p. 39.

²⁰⁹ CASTRO, BOAGA, 1997, p. 17.

²¹⁰ CASTRO, BOAGA, 1997, p. 24.

inconveniências. Sta. Teresinha não considerava as virtudes como meio de atingir o amor. Ao contrário, é do amor a Deus em Jesus que faz derivar toda perfeição. [...] o amor leva a viver heroicamente as virtudes.²¹¹

O amor permeia todo caminho da via proposta por Teresa, manifesta-se de forma simples e profunda. Ser santa para Teresinha consiste exclusivamente em amar. Diante dos olhos de Teresa, assim como diante do olhar de um cristão, o ideal de santidade aparece grande e belo e é somente na vivência das virtudes permeada pelo amor que pode-se de fato alcançar tão grande dom.²¹²

Assim, o empenho de santificação para o cristão consiste não na realização de uma ou outra prática virtuosa, mas sim em manter um espírito de profunda caridade e pequenez, o que exige grande fé, perseverança e esforço. Este é o centro do caminho de santificação de Teresa, viver o amor na simplicidade. Deste modo a Pequena via não se confunde com um caminho infantil, ou com um caminho de renúncias com esforço ascético contínuo, e nem se reserva a uma certa categoria de pessoas. Pelo contrário, é um caminho de entrega e encontro, é via na qual o cristão adquire um profundo sentido da realidade e uma grande maturidade humana e espiritual.

A Pequena via é a entrega confiante a um Deus que é Pai de bondade e ama ternamente a seus filhos. Tal caminho exige: unir-se a Deus pelo amor, crendo que tudo em nossa vida é precioso e agrada ao bom Deus; é desejar sinceramente viver a plenitude deste amor; é reconhecer com humildade e serenidade as próprias fraquezas e imperfeições presentes e futuras; é distanciar-se do extraordinário, de ações brilhantes, [...] é tornar-se uma resposta sempre viva ao chamado de Jesus, em cada acontecimento e situação.²¹³

A Pequena via é um caminho espiritual que leva o cristão a tomar consciência de um ideal de vida e convoca-lhe a encontrar em Deus todas as respostas. É onde se aprende a aceitação da própria condição humana,

²¹¹ CASTRO, BOAGA, 1997, p. 25.

²¹² CASTRO, BOAGA, 1997, p. 59.

²¹³ CASTRO, BOAGA, 1997, p. 60.

com todas as suas penosas limitações e crises. A Pequena via é a forma de experimentar misticamente no dia-a-dia o amor de Deus que perpassa as relações, concedendo as experiências cotidianas sentido.²¹⁴

Essa espiritualidade reflete e aponta na sociedade um meio autêntico para se viver o cristianismo. Ou seja, sendo os cristãos chamados a serem sinais de Deus no mundo, ao viverem com amor e no amor o seu dia-a-dia, são testemunhas onde e com quem estiverem, pois “[...] como tais, os cristãos são chamados à plena participação, e à plena inserção, na vida e na missão da Igreja”.²¹⁵

Os seres humanos não são anjos ou seres unicamente espirituais, devem caminhar, precisam superar-se e viverem já aqui as grandes virtudes celestes. É preciso dar passos de santidade, não viver estagnado, esperando tudo de braços cruzados. Pelo contrário, é preciso caminhar, dando passos com atitudes de amor. Vê-se, assim, que a vocação dos cristãos se dá na história, isto é, na realidade concreta da vida humana.²¹⁶ É dentro da história, na vida concreta que se pode entender Teresa, pois foi vivendo que aprendeu a superar-se, reconhecer sua missão e a aceitar a dor.

No auge de seu sofrimento, Teresa se vê sem saúde, acamada e sem fé. A beira da morte, confessa que perdeu a fé que a sustentava, revela que diante de todas as perdas só lhe resta amar.²¹⁷ Foi na experiência da ausência da fé que descobriu o auge do amor, pois ele foi o único que a permitiu diante da crise viver com as forças que tinha quando a luz da fé o iluminava. Não é algo simples, mas um salto teológico e antropológico muito grande, é uma fé criativa. Reconhecer Deus em meio à crise fez de Teresa a grande mestra do amor. Todos cristãos são chamados a viverem nos caminhos da vida uma fé criativa.

Teresa ensinou uma fé que é criativa, porque é capaz de reinterpretar situações da vida e de encontrar nelas um significado novo, oculto e mais profundo. Um significado que constitui, muitas vezes, a antítese de como essas situações se revelam ao olhar exterior. [...] Teresa ensinava a necessidade de aceitar com alegria e gratidão a

²¹⁴ CASTRO, BOAGA, 1997, p. 61.

²¹⁵ OLIVEIRA, Jose L. M. **Nossa Resposta ao Amor**, teologia das vocações específicas. São Paulo: Loyola, 2001. p. 61.

²¹⁶ OLIVEIRA, 2001, p. 62.

²¹⁷ HALÍK, 2018. p. 56.

própria fraqueza, como um espaço onde a bondade e a misericórdia de Deus pudessem entrar.²¹⁸

Em suma, o segredo para trilhar pelos caminhos da Pequena via é fazer-se dependente de Deus. É confiar no Sagrado mesmo diante da escuridão. É oferecer constantemente os pequenos e grandes sacrifícios para que tudo na vida seja feito conforme as vontades de Deus. É reconhecer-se nada diante do Tudo e permitir que a vida mergulhe no caminho do amor que é o próprio Deus.

Maria, se tu nada és, não podes esquecer que Jesus é tudo, por isso, deves perder teu pequeno nada no seu tudo infinito e não mais pensar senão nesse tudo unicamente amável... Não podes desejar tampouco ver o fruto recolhido dos teus esforços; Jesus se compraz em guardar só para ele estes pequenos nada que o consolam. Enganas-te, minha querida, se crês que tua pequena Teresa anda sempre com ardor no caminho da virtude, ela é fraca e muito fraca, todos os dias faz disso uma nova experiência. [...] por mim não conheço outro caminho para chegar à perfeição se não o do amor.²¹⁹

A Pequena via ainda que se revele um caminho humano, de possibilidades e encontros, é um caminho de santidade pois está permeado pelo amor que vem de Deus. Este amor transforma e santifica o cotidiano, as crises, as vitórias e todos os gestos concretos. O verdadeiro autoconhecimento é possível neste caminho, pois sua trajetória é marcada pelo sagrado e está encharcado da graça que ilumina toda existência humana.

A voz do Senhor ressoa sem dúvida no íntimo do próprio ser de cada cristão, que, graças à fé e aos sacramentos da iniciação cristã, torna-se imagem de Jesus Cristo, insere-se na Igreja como seu membro vivo e é sujeito ativo da sua missão de salvação. [...] Temos pois de encarar de frente este nosso mundo, com seus valores e problemas, as

²¹⁸ HALÍK, 2018, p. 57.

²¹⁹ TERESA DO MENINO JESUS, 2015, p. 426-427; Carta 109.

suas ânsias e esperanças, as suas conquistas e fracassos.²²⁰

Dessa forma, todos os cristãos são convidados a fazerem a experiência do amor, a esforçar-se para discernir nos acontecimentos da vida, nas exigências e aspirações do caminho, os verdadeiros sinais da presença e dos desígnios de Deus. Pois a fé criativa ilumina todas as coisas com uma luz nova, e faz o cristão conhecer no seu íntimo o desígnio divino para sua salvação.²²¹

3.2 SANTIDADE DO COTIDIANO

Para ser santo, não é necessário estar inserido em alguma ordem religiosa, ser padre, bispo ou freira. O cristão é muitas vezes tentado a pensar que a santidade está reservada apenas àqueles que têm a possibilidade de se afastar das atividades comuns e dedicarem toda a vida à oração. Porém a Igreja ensina que todos são chamados a ser santos, cada um em seu estado de vida, vivendo com amor sua rotina diária, oferecendo o próprio testemunho nas ocupações do dia a dia.

És consagrada ou um consagrado? Sê santo, vivendo com alegria a tua doação. Estás casado? Sê santo, amando e cuidando do teu marido ou da tua esposa, como Cristo fez com a Igreja. És um trabalhador? Sê santo, cumprindo com honestidade e competência o teu trabalho ao serviço dos irmãos. És progenitor, avó ou avô? Sê santo, ensinando com paciência as crianças a seguirem Jesus. Estás investido em autoridade? Sê santo, lutando pelo bem comum e renunciando aos interesses pessoais.²²²

O Papa Francisco ao escrever a exortação apostólica *Gaudete et Exultate*, sobre o chamado à santidade no mundo atual, quis de certa

²²⁰ JOÃO PAULO II. **Exortação apostólica *Christifideles Laici***. Sobre a vocação e a missão dos leigos no mundo. Vaticano: 1988. Não paginado; CL 3. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html>. Acesso em: 08 jul. 2020.

²²¹ JOÃO PAULO II, 1988, não paginado; CL 3.

²²² FRANCISCO. **Exortação apostólica *Gaudete et exultate***. São Paulo: Paulus, 2018. p. 13-14; GE 14.

forma alertar a humanidade sobre a necessidade de uma aproximação maior entre Deus e cada cristão. Nela consta de forma simples e clara a maneira como a mulher e o homem pós-moderno devem buscar a santidade. Francisco, assim como Teresinha, expõe para a humanidade um caminho de santidade urgente. Preocupado com os caminhos humanos, a Igreja se coloca como mãe que caminha de mãos dadas com seus filhos.

Mas, o que quero recordar com esta exortação é sobretudo o chamado à santidade, que o Senhor faz a cada um de nós. [...] munidos de tantos e tão grandes meios de salvação, todos os fiéis, seja qual for a sua condição ou estado, são chamados pelo Senhor à perfeição do Pai, cada um por seu caminho.²²³

Francisco exorta e relembra a contemporaneidade que santidade é para todos, e que vários são os caminhos, pois eles nascem da experiência que cada um tem com o Senhor.

“Cada um por seu caminho”, diz o Concílio. Por isso uma pessoa não deve desanimar, quando contempla modelos de santidade que lhe parece inatingíveis. Há testemunhos que são úteis para nos estimular e motivar, mas não para procurarmos copiá-los, porque isso poderia até afastar-nos do caminho, único e específico, que o Senhor predispôs para nós. É importante que cada fiel entenda o seu próprio caminho, [...] todos somos chamados a ser testemunhas, mas há muitas formas existenciais de testemunho.²²⁴

Também Teresinha do Menino Jesus, descobriu que a santidade consiste em um caminho individual com Deus, sendo necessário cada um encontrar o seu meio, sem se preocupar com a visão santificadora do outro, pois cada um possui a sua via.²²⁵

Outro tanto acontece no mundo das almas, que é o jardim de Jesus. Quis Ele criar os grandes Santos

²²³ FRANCISCO, 2018, p. 12; GE 10.

²²⁴ FRANCISCO, 2018, p. 12; GE 11.

²²⁵ LISIEUX, 2015, p. 26.

que podem comparar-se aos lírios, e às rosas; mas criou-os também mais pequenos, e estes devem contentar-se em serem boninas ou violetas, cujo destino é deleitar os olhos do bom Deus, quando as humilha debaixo de seus pés. Consiste a perfeição em fazer sua vontade, em ser o que Ele quer que sejamos. Entendi ainda que o amor de Nosso Senhor se revela tão bem na mais simples das almas que em nada resiste à graça, como na mais sublime das almas.²²⁶

Na complexidade em que vivem a mulher e o homem pós-moderno, cabe a estes encontrarem o caminho que lhe leva a intimidade com Deus. O chamamento à santidade brota do batismo. Ali Deus inflama a alma humana de graça e força para viver o amor. O Espírito Santo é aquele que constantemente chama, salva e faz novas todas as coisas no caminho do homem. O Espírito Santo é aquele que santifica e renova o caminho humano.²²⁷

3.2.1 A santidade nas pequenas e nas grandes coisas

Francisco convoca o cristão contemporâneo a encontrar nas pequenas ocasiões da vida motivos para praticar a virtude. “A santidade que o Senhor te chama, irá crescendo com pequenos gestos.”²²⁸ As pequenas atitudes do cotidiano leva ao crescimento espiritual.

Por exemplo, uma senhora vai ao mercado fazer compras, encontra uma vizinha, começam a falar e surgem as críticas. Mas essa mulher diz para consigo: “Não! Não falarei mal de ninguém!” Isso é um passo rumo à santidade. Depois, em casa, o seu filho reclama a atenção dela para falar de suas fantasias e ela embora cansada, senta-se ao seu lado e escuta com paciência e carinho. Trata-se de outra oferta que santifica.²²⁹

²²⁶ LISIEUX, 2015, p. 26-27.

²²⁷ FRANCISCO, 2018, p. 14; GE 15.

²²⁸ FRANCISCO, 2018, p. 14; GE 16.

²²⁹ FRANCISCO, 2018, p. 14-15; GE 16.

A santidade consiste em viver no ordinário da vida, o extraordinário. Constantemente Deus concede oportunidades para que sejamos santos. O cristão precisa encontrar no ordinário de sua existência motivos para ser feliz e se aproximar de Deus. Sejam nos momentos bons ou nos momentos ruins, em tudo deve-se encontrar tesouros de santidade.²³⁰

Teresa compreendeu bem o sentido da vivência da santidade nas pequenas coisas. O entendimento da santidade do cotidiano deu a Teresa o título de doutora da Igreja. A mestra da Pequena via, coloca amor em todas as suas atitudes, deseja que Deus seja amado em cada ato realizado no ordinário de sua vida.²³¹ Teresa descobre um Deus mais misericordioso do que justo aos critérios humanos, que constantemente escolhe doar-se ao ser humano. Esta é a concepção de Deus que permeia toda a Pequena via do amor.

A que doutrina espiritual este conhecimento da misericórdia vai conduzir Santa Teresa? Porque ela tem uma doutrina; não a anunciou num catecismo ou num livro, mas é fácil deduzi-la de seus escritos. Já que Deus é pai, misericordioso, já que não hesitemos em usar essa palavra, ele precisa nos amar, tem alegria em nos amar, a primeira conclusão de Teresa é de se conservar diante de Deus, sem deixa-la um só instante. [...] É preciso, pois, ficar junto de Deus, numa intenção teologal.²³²

Para o cristão contemporâneo a santidade do cotidiano se dá no seio familiar e na inserção consciente no mundo. “Pelo batismo todo cristão é convidado a buscar a santidade nos altares da vida quotidiana, como a vassoura, o martelo, o fogão.”²³³ Alcança-se a santidade no mundo atual, na inserção das realidades temporais e no meio em que se

²³⁰ FRANCISCO, 2018, p. 15; GE 17.

²³¹ EUGENIO, 1995. p. 45.

²³² EUGENIO, 1995, p. 47.

²³³ BRANDES, Orlando. *Vocação e santidade: Um carisma particular e um chamado universal. Páginas Abertas*, São Paulo, ano 43, n 74, p. 6-8, 2018. p. 6. Disponível em: <<https://www.paulus.com.br/portal/wp-content/uploads/2018/06/paginas-abertas-ano43-n74-2018.pdf>>. Acesso em: 10 maio. 2020.

vive. “Assim para que possam responder à sua vocação, os fiéis leigos devem olhar para as atividades da vida quotidiana, como uma ocasião de união com Deus e de cumprimento de sua vontade.”²³⁴ Quem age com competência nas situações da vida, é capaz de santificar-se no cotidiano e encontrar no ordinário da vida motivos de louvor a Deus.

Quem age com competência profissional, com espírito de família, de civismo, e vive com honestidade e autenticidade, com espírito de justiça e coragem, está testemunhando sua espiritualidade no mundo. Os leigos vivem sua espiritualidade na prática das responsabilidades do dever de estado, a saber: no matrimônio, no celibato, na viuvez, na vida de solteiro, na profissão. No cumprimento de suas funções na família, no mundo no trabalho cotidiano, nas cruces, sofrimentos, provações, nas situações de pobreza e injustiça, os leigos colocam em prática sua espiritualidade.²³⁵

A santidade do cotidiano se mostra clara quando em tudo coloca-se Deus a frente. Foi assim na vida de Teresa, e é assim na vida de todos os cristãos. Deixar que a graça santificadora do batismo transforme o dia a dia é um aprendizado que Teresa revela ao mundo e permite aos cristãos experimentarem já aqui a Graça de Deus.

É um convite diário da busca por Deus nas pequenas coisas, é abrir o coração para ação do Espírito Santo na vida de todos. “Sob o impulso da Graça divina, com muitos gestos vamos construindo aquela figura de santidade que Deus quis para nós: não como seres autossuficientes, mas como administradores da graça de Deus.”²³⁶ Teresa se mostra uma coletora de pequenos sacrifícios para agradar a Deus. Como sempre, tudo em sua vida era feito no intuito de agradar ao Senhor.

Firamos a Jesus com nosso olhar e com um só cabelo, isto é, pelas coisas grandes e pequenas. Não lhe recusamos o menor sacrifício. Tudo é tão grande na vida religiosa, apanhar um alfinete por amor pode converter uma alma... que mistério! Ah!

²³⁴ JOÃO PAULO II, 1988, não paginado; CL 17.

²³⁵ BRANDES, 2018, p. 7.

²³⁶ FRANCISCO, 2018, p. 15; GE 18.

Só Jesus pode dar tal valor às nossas ações. Portanto, amemo-lo com todas as nossas forças.²³⁷

A simplicidade com que Teresa manifesta seu amor a Deus nas pequenas coisas permite aos cristãos de todos os tempos buscarem no ordinário da vida meios de entrega e oração.

Quando não sinto nada, quando sou incapaz de praticar a virtude, este é o momento de buscar nas pequenas coisas, nas insignificâncias, que agradam a Jesus mais que o império do mundo, mais que o martírio sofrido heroicamente. Por isso oferecer sempre um sorriso, uma palavra amável, quando desejava calar-me ou permanecer entediada.²³⁸

Este modo de viver pequenas experiências de santidade no cotidiano são a força da existência de Teresinha.²³⁹ Ser cristão é viver nas ações práticas da vida a graça do céu, e essa mensagem é plenamente Evangélica e necessária para chegar a perfeição. “Teresinha descobriu que a prática perfeita da caridade nasce da contemplação do próprio amor de Deus e tem exigências especiais impostas pelo Novo Testamento que dão qualidade a ação.”²⁴⁰ O Evangelho é o ponto prático na vida de Teresa, nela a Palavra se fez vida, se fez prática e essa deve ser a atitude de cada cristão, permitir que na história, o Evangelho se faça vida e transformação.

3.2.1 O cotidiano à luz das bem-aventuranças

Francisco afirma que a essência da santidade nos tempos atuais não está somente nas teorias ou nas abundantes explicações sobre este tema, mas reflete-se principalmente na vivência das bem-aventuranças descritas no Evangelho, que são como bilhetes de identificação do cristão.²⁴¹

As bem-aventuranças traçam a imagem de Cristo e descrevem sua caridade; exprimem a vocação dos

²³⁷ TERESA DO MENINO JESUS, 2015, p. 498-499; carta 164.

²³⁸ TERESA DO MENINO JESUS, 2015, p. 471-472; carta 143.

²³⁹ CASTRO, BOAGA, 1997, p. 72.

²⁴⁰ CASTRO, BOAGA, 1997, p. 78.

²⁴¹ FRANCISCO, 2018, p. 37; GE 63.

feis associados à glória de sua Paixão e Ressurreição; iluminam as ações e atitudes características da vida cristã; [...] As bem-aventuranças desvendam o objetivo da existência humana, o fim último dos atos humanos.²⁴²

O cristão contemporâneo deve assim como Teresa, buscar no Evangelho a fonte de toda santidade, e as bem-aventuranças se mostram como setas de como viver a santidade nos dias atuais. “São poucas palavras, simples, mas práticas e válidas para todos, porque o cristianismo está feito principalmente para ser praticado e, se é também objeto de reflexão, isso só tem valor quando nos ajuda a viver o Evangelho na vida diária.”²⁴³ A força do testemunho dos homens e mulheres de Deus consiste em viver no mundo as bem-aventuranças, mostrando a todos que a santidade é possível àqueles que nela querem se encontrar.

3.2.2 Felizes os pobres de espírito

Jesus no Evangelho de São Mateus, chama a atenção com relação a pobreza espiritual. “Felizes os pobres de espírito, porque deles é o Reino do Céu.”²⁴⁴ O Evangelho convida os cristãos a buscarem a verdade no mais íntimo do coração e a questionar-se sobre onde e sobre o que estão depositadas suas verdades. Ser pobre de espírito nos trilhos da Pequena via é colocar-se não como aquele que não possui bens materiais, ou aquele que passa por necessidades, é algo mais profundo, está vinculado ao desapego total de tudo aquilo que priva o ser humano de estar com Deus.

É necessário tornar-nos indiferentes face a todas as coisas criadas, em tudo aquilo que seja permitido à liberdade do nosso livre arbítrio, e não lhe esteja proibido, de tal modo que, por nós mesmos, não queiramos mais saúde do que a doença, mais a riqueza do que a pobreza, mais a honra do que a desonra, mais uma vida longa do que curta, e assim em todo resto.²⁴⁵

²⁴² CATECISMO..., 2000, p. 469; CIC 1717-1719.

²⁴³ FRANCISCO, 2018, p. 54; GE 109.

²⁴⁴ Mt 5, 3.

²⁴⁵ FRANCISCO, 2018, p. 39; GE 69.

Aos olhos de Santa Teresinha, a pobreza espiritual tem grande importância. A verdade desse Evangelho se manifesta quando não precisa-se preocupar em acumular riquezas, mas apresentar-se diante de Deus cheio de confiança, ainda que de mãos vazias, pois todos os tesouros que a alma busca não estão nos bens materiais, mas no céu.²⁴⁶ A perfeição da pobreza espiritual não está no engrandecimento, mas no tornar-se cada dia mais pobre e necessitado de Deus. Deve-se aceitar-se pobre e frágil. A pequena alma que percorre os traços da Pequena via deve aceitar com alegria o esquecimento total de si, diante das criaturas.

Que as criaturas não sejam nada para mim e eu nada para elas, exclamava nossa Teresinha no dia de sua profissão religiosa, que ninguém se importe comigo; que eu continue seguindo a pé, esquecida como grão de areia disse ela.²⁴⁷

A pobreza da Pequena via consiste nesse passo: tornar-se pequeno e esquecer-se, para não ter no espírito mais que um único pensamento, e no coração um único desejo, que é ser inteiramente de Deus. “Ao Divino Coração transbordante de ternura, eu dei tudo! Ligeiramente eu corro... nada mais tenho, a não ser Jesus, minha única riqueza.”²⁴⁸ Esta é a proposta para o homem contemporâneo, a vivência da total confiança e abandono em Deus. “Jesus se compraz em me mostrar o único caminho que conduz a esta fornalha divina, este caminho é o abandono da criancinha que adormece nos braços do pai.”²⁴⁹

O que agrada a Deus é ver-me gostar de minha pequenez e minha pobreza, e a esperança cega que tenho em sua misericórdia. Eis o meu único tesouro madrinha querida, por que esse tesouro não seria também seu? Ó minha irmã querida, peço-lhe, compreenda sua filhinha, compreenda que para amar a Jesus, ser sua vítima de amor, quanto mais se é fraca, sem desejos nem virtudes, mais se é apta às operações deste amor abrasador e transformante.²⁵⁰

²⁴⁶ MARTIN, 2019, p. 42.

²⁴⁷ MARTIN, 2019, p. 42.

²⁴⁸ TERESA DO MENINO JESUS, 2015, p. 706-709; Poesia 17.

²⁴⁹ LISIEUX, 2015, p. 206.

²⁵⁰ TERESA DO MENINO JESUS, 2015, p. 550-552; Carta 197.

A pobreza espiritual deve ser desejada por todos os cristãos. Este pequeno passo de pobreza e confiança é para o cristão contemporâneo um verdadeiro pão espiritual,²⁵¹ que faz de sua história um caminho repleto de encontros de amor e transformação. “ser pobre no coração: isto é santidade.”²⁵²

3.2.3 Felizes os mansos e pacificadores

O Evangelho de São Mateus também indica que, “felizes são os mansos, porque possuirão a terra.”²⁵³ Ser manso no contexto evangélico consiste em colocar-se como ponto de comunhão com todos os seres humanos, revelando-se portador da paz e da mansidão.²⁵⁴ Dito de outra forma, para os tempos atuais, o cristão é convidado a ser sinal de Deus no mundo. A partir de uma postura concreta em relação aos outros, com o olhar marcado pela caridade e sabedoria, superando qualquer pensamento negativo e preconceituoso. “A caridade perfeita consiste em suportar os defeitos dos outros, não se escandalizar com suas fraquezas.”²⁵⁵ É nesta cultura marcada pelas murmurações, dedicada a criticar e destruir as pessoas, que o cristão precisa ser esse sinal de paz.

A paz é fruto de um coração manso que no cotidiano da vida procura Deus. Ser manso é colocar-se em postura de humildade diante do próximo, compreendendo que todos possuem limites, todos possuem defeitos, e constantemente precisa-se reconhecer que na caminhada cristã não existe superioridade ou vanglorias de santidade. Ser manso é ser humilde.²⁵⁶ Teresa ensina que a mansidão passa pelo crivo do olhar de misericórdia. É necessário ao cristão vislumbrar no mundo e nas pessoas as belezas e as virtudes, muito mais que os defeitos e maldades.

Quando quero aumentar em mim esse amor, principalmente quando o demônio tenta colocar ante os olhos da minha alma os defeitos desta ou daquela irmã, que me seja menos simpática, apresso-me em procurar suas virtudes, seus bons

²⁵¹ EUGENIO, 1995, p. 105.

²⁵² FRANCISCO, 2018, p. 39; GE 70.

²⁵³ Mt 5, 4.

²⁵⁴ FRANCISCO, 2018, p. 39; GE 71.

²⁵⁵ LISIEUX, 2015, p. 241.

²⁵⁶ FRANCISCO, 2015, p. 40; GE 72.

desejos. Digo entre mim que, se a vi fraquejar uma vez, pode ela muito bem ter alcançado grande número de vitórias, e esconde-as por humildade, e mesmo aquilo que me parece falta, pode muito bem ser ato de virtude, por causa da intenção.²⁵⁷

Teresa demonstra que é no ordinário da vida, na prática de exercícios constantes de virtudes que se alcança a mansidão. A mansidão é uma manifestação da pobreza interior, pois revela um olhar de caridade e simplicidade as coisas e situações que nos rodeiam. Ser manso é ser transmissor da paz que o mundo tanto precisa. Por diversas vezes Teresa revela em seus escritos motivos que a fizeram praticar a mansidão.

Na comunidade vive uma irmã que possui o dom de me desagradar em todas as coisas. Seus modos, suas palavras, seu gênio, pareciam-me muito desagradáveis. Trata-se, todavia, de uma santa religiosa, que será muito agradável ao Bom Deus. Por esta razão, não querendo ceder à antipatia natural, pensei comigo que a caridade não consistiria em sentimentos, mas em atitudes. Dediquei-me, então, a fazer pela irmã o que faria pela pessoa a quem mais amasse.²⁵⁸

Teresa possuía um forte espírito de resiliência, conseguia transformar situações limites em ocasiões de encontro com Deus, tinha um espírito manso e humilde e tirava tesouros de todas as situações de sua vida. A mansidão deve ser um exercício contínuo na vida cristã, este deve saber tirar proveitos de santidade de todas as ocasiões. Somente um coração desapegado é capaz de desenvolver tamanha resiliência em sua história. Não é um caminho fácil, a Pequena via exige do cristão pequenos sacrifícios que resultam em uma vida de humildade, paz. “Reagir com humildade e mansidão: isto é santidade.”²⁵⁹

²⁵⁷ LISIEUX, 2015, p. 242.

²⁵⁸ LISIEUX, 2015, p. 243.

²⁵⁹ FRANCISCO, 2018, p. 41; GE 74.

3.2.4 Felizes os que choram e sofrem perseguição

Lidar com o sofrimento é um ato heroico que todo cristão é convidado a viver. “O mundo propõe-nos o contrário: o entretenimento, o prazer, a distração, o divertimento diz-nos que isso é que torna a vida boa.”²⁶⁰ O caminho proposto por Teresa é considerado um caminho de lágrimas e consolações. Constantemente somos tentados a nos afastar da dor, do sofrimento, ignorando tudo aquilo que Cristo revelou ao pedir que quem o seguisse deveria necessariamente renunciar a si mesmo, tomar a sua cruz e o seguir.²⁶¹

O mundo não quer chorar; prefere ignorar as situações dolorosas, cobri-las, escondê-las. Gastam-se muitas energias para escapar das situações onde está presente o sofrimento, julgando que é possível dissimular a realidade, onde nunca, nunca, pode faltar a cruz.²⁶²

Francisco exorta a todos os cristãos a olharem para o sofrimento e as cruzes do dia a dia com um olhar de misericórdia. É necessário encontrar no sofrimento fragmentos de amor. O cristão precisa constantemente abraçar a sua cruz e fazer do sofrimento diário uma escada para chegar à santidade.

Teresa soube dar sentido ao sofrimento. Sempre soube lidar com suas cruzes e frustrações. “As adversidades nunca lhe tiraram a coragem; antes, provocaram sua fidelidade. As dificuldades, de qualquer espécie que sejam, nunca a reteram.”²⁶³ Toda sua história é marcada por cruzes, como a morte prematura da mãe, enfermidades, sofrimentos psíquicos e por fim o maior de todos os seus sofrimentos, a noite escura da fé. Porém a mestra da Pequena via revela a toda Igreja que são dos momentos de maiores sofrimentos que se colhem as mais copiosas graças de Deus.

Os escritos de Santa Teresinha afirmam que a jovem em seu leito de morte passou por uma tenebrosa escuridão de fé, como já foi dito. “Santa Teresa, Doutora da Igreja morreu sem fé, sem acreditar literalmente no céu e na vida eterna.”²⁶⁴ Teresa aqui é vista como exemplo de reconciliação consigo mesmo. Soube em meio as dores e

²⁶⁰ FRANCISCO, 2018, p. 41; GE 74.

²⁶¹ Lc 9, 23.

²⁶² FRANCISCO, 2018, p. 41; GE 75.

²⁶³ BERARDINO, 2005, p. 37.

²⁶⁴ HALÍK, 2018, p. 55.

sofrimentos oferecer-se como holocausto de amor. A mestra do amor ensina a toda Igreja que a virtude da gratidão sobre os pesos e fraquezas devem estar no caminhar cristão.

Enquanto a Igreja da época de Teresa pregava o pavor do pecado e uma ascensão sistemática até a última virtude e perfeição espiritual e moral, Teresa, seguindo plenamente o espírito das cartas de São Paulo, ensinava a necessidade de aceitar com alegria e gratidão a própria fraqueza, como um espaço onde a bondade e a misericórdia de Deus pudessem entrar. [...] Escreve ela que aqueles que sobem, desde há muito, no monte da virtude, deveriam aceitar com humilde alegria o seu próprio colapso e queda, desejados por Deus, porque Deus não os espera nas “alturas” sonhadas, mas precisamente no fundo, nas profundezas do fértil vale da humildade.²⁶⁵

Aceitar o sofrimento, as crises com mansidão e sabedoria são sinais de maturidade espiritual. O “ateísmo” experimentado por Teresa se mostra muito atual, quando em meio a dor e sofrimento o ser humano foge à procura de respostas e muitas vezes culpa Deus pela própria fragilidade. Assim como Teresa, todos são convidados a reinterpretar as próprias experiências de sofrimento, abraçando a cruz e confiando que Deus não abandona seus filhos. “Teresa tenta reinterpretar a sua própria dolorosa experiência de abandono de Deus como um dom e um desafio especial, mas também como uma cruz sob a qual seus joelhos se vergam;”²⁶⁶

Teresa ensina que o cristão deve oferecer tudo a Jesus, aceitando de bom grado qualquer desafio ou prova, não se contentando somente com palavras, mas provando-as nos fatos. É preciso cultivar o amor pleno, mesmo diante das provações, procurando sempre tirar proveito de tudo.²⁶⁷

Sim, o sofrimento estendia novamente seus braços para mim e eu me lancei nele com amor. [...] Quando se quer alcançar o objetivo divino deve-se usar também os meios. Jesus me fez entender que

²⁶⁵ HALÍK, 2018, p. 55.

²⁶⁶ HALÍK, 2018, p. 58.

²⁶⁷ CASTRO, BOAGA, 1997, p. 99.

queria dar-me almas pela cruz, e minha atração pelo sofrimento crescia à medida que este aumentava.²⁶⁸

Saber lidar com o sofrimento é um processo de entrega e confiança em Deus. O sofrimento faz parte do cotidiano humano, sofrer, gera humildade, transforma o coração humano e o torna ainda mais solícito a dor do outro. “A pessoa que, vendo as coisas como realmente são, se deixa trespassar pela aflição e chora no seu coração, é capaz de alcançar as profundezas da vida e ser autenticamente feliz.”²⁶⁹ A força da superação das lágrimas proposta por Francisco, coloca o ser humano em comunhão com todos os que sofrem, gera no coração um anseio por solidariedade, descobrindo assim que a vida só tem sentido quando compadece-se com o sofrimento do outro e olha-se com misericórdia a angustia alheia. “Saber chorar com os outros: isso é santidade.”²⁷⁰

3.2.5 Felizes os que têm fome e sede de justiça e por ela sofrem perseguição

Em um mundo de ganância, fraudes, mentiras e injustiças, o Evangelho aponta a necessidade de corações que lutam por um mundo mais fraterno. A Igreja propõe a todos os fiéis uma justiça diferente desta que a sociedade contemporânea prega. “A justiça que Jesus propõe, não é como a que o mundo procura, uma justiça muitas vezes manchada por interesses mesquinhos, manipulada para um lado e para o outro.”²⁷¹ Ser justo na visão cristã é olhar a necessidade do outro e interpretá-la à luz do Evangelho, é compreender que enquanto filiação divina todos tem direitos e deveres. Não se pode ser cristão se não possuir o mínimo de senso de justiça. Ser justo é olhar o outro com caridade, ser justo é ter parte na realização do bem comum, é participar ativamente das coisas que competem ao todo, buscando sempre fazer o melhor, superando toda forma de discriminação dos direitos fundamentais de qualquer ser humano.²⁷²

²⁶⁸ MEESTER, 2018, p. 37.

²⁶⁹ FRANCISCO, 2018, p. 41; GE 76.

²⁷⁰ FRANCISCO, 2018, p. 41; GE 76.

²⁷¹ FRANCISCO, 2018, p. 42; GE 78.

²⁷² CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática. *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Coord). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**, 7.ed. São Paulo: Paulus, 2014. p. 572; GS 30.

O ser humano enquanto criação divina, foi feito para o amor. Criado do amor, para o amor. Por isso, é intrínseco ao ser humano buscar pela justiça. A justiça leva o cristão a olhar o próximo como um outro eu, fruto de uma relação amorosa e profunda com o próprio Deus. Diante de um mundo em que milhares de pessoas sofrem por conta das injustiças, as bem-aventuranças, lembra o santo padre, são os pontos de equilíbrio para que todos tenham o necessário, sem que se caia em fraudes, corrupção, roubo ou egoísmo.

É necessário, portanto, tornar acessíveis ao homem todas as coisas de que necessita, para levar uma vida verdadeiramente humana, [...] o concílio recomenda o respeito para com o homem, de maneira que cada um deve considerar o próximo, sem exceção, como “outro eu”, tendo em conta, antes de mais, a sua vida e os meios para a levar dignamente;²⁷³

Viver a justiça proposta por Jesus é caminhar contra as propostas egoístas do mundo contemporâneo. É lutar contra a fadiga e a angústia que se opõe sobre os que sofrem. É lutar pelo bem comum diante de um poder corrompido que destrói. “Para viver o Evangelho, não podemos esperar que tudo em nossa volta seja favorável, porque muitas vezes as ambições de poder e os interesses mundanos jogam contra nós.”²⁷⁴

O cristão precisa ser no mundo uma voz profética, que denuncia as injustiças e anuncia a verdade. A justiça deve ser na vida do cristão sinal de fidelidade e comunhão com a vontade de Deus. A justiça nasce de um coração aberto a ação divina e conseqüentemente manifesta-se na busca do bem para todos os que sofrem.²⁷⁵ Nas situações ordinárias da vida, o cristão é chamado a ser luz diante de um mundo envolto em trevas e é por isso que a Pequena via aponta na busca de fazer o bem em todas as circunstâncias como meio para se alcançar a justiça. O cristão contemporâneo precisa ser profeta contra toda maldade humana e suas arestas.²⁷⁶

Teresa, para revelar na Pequena via seu senso de justiça, ainda que enclausurada, se esforçou para proclamar as verdades de Deus a todos.

²⁷³ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 570; GS 28-29.

²⁷⁴ FRANCISCO, 2018, p. 47; GE 91.

²⁷⁵ FRANCISCO, 2018, p. 42; GE 79.

²⁷⁶ CONCÍLIO VATICANO II, 2014, p. 570; GS 27.

Acreditava que a força da oração era capaz de transformar o coração humano. Pois se o egoísmo é o fechamento em si, o coração preocupado apenas com as próprias necessidades afasta o fiel da vivência concreta da fé.²⁷⁷ Assim, para Teresa a prática quotidiana da justiça dá-se pela vivência plena da caridade com todos e se fortalece na oração.

O Carmelo Teresiano, seguindo as pegadas dos grandes profetas Elias e Eliseu, vive na Igreja de Deus seu duplo apostolado. Contemplação e apostolado. Digamos logo que a contemplação carmelita tem uma finalidade eminentemente apostólica. O Carmelo não permanece sobre o monte simplesmente para aí estar mais perto de Deus e fruir de sua presença na beatitude que é a antecipação da realidade futura. Não! Permanece como Moisés implorando força, coragem e perseverança para todos aqueles que trabalham na vinha do Senhor ou combatem.²⁷⁸

A força da oração e dos pequenos sacrifícios carmelitas sustentam as mãos e as vozes daqueles que no mundo exercem seu apostolado. Unidos a oração, a caridade e o zelo para com o próximo, se apresentam em santa Teresinha, como um dos caracteres mais notáveis do seu amor a Deus.²⁷⁹ Dizia a jovem que, em tudo deve-se viver a caridade, e o centro de toda caridade está em olhar o outro com o olhar de Deus. O amor a Deus e o amor ao próximo deve ir ao limite do desinteresse e só assim pode-se de fato viver a justiça do amor.²⁸⁰

O pensamento da jovem Teresa vem ao encontro de Francisco, revelando que no dia a dia da vida a palavra justiça deve ser sinônimo de fidelidade a Deus e acolhida de todos os que sofrem.²⁸¹ A justiça se faz pelas mãos que ajudam e pelo coração que ora. Buscar a justiça com fome e sede ainda que por meio de perseguições é um grande meio de chegar a santidade. O cristão precisa levar Deus em todos os estados de sua vida, mediante ao cenário em que se vê, as estruturas políticas e sociais, ainda que muitas vezes ridicularizada, o cristão precisa fazer a sua parte.

²⁷⁷ MEESTER, 2018, p. 99.

²⁷⁸ BERARDINO, 2015, p. 144.

²⁷⁹ O ESPÍRITO, 1986, p. 71.

²⁸⁰ O ESPÍRITO, 1986, p. 73.

²⁸¹ FRANCISCO, 2018, p. 42; GE 79.

Ser portador da justiça, é ser anunciador da verdade. O santo não é uma pessoa fechada em si mesma, em seu egocentrismo santificador. Pelo contrário, é aquele que por amor a Cristo e aos irmãos enfrenta as perseguições, muitas vezes ao limite do martírio, para que a verdade e a justiça tomem no mundo o seu lugar. “Abraçar diariamente o caminho do Evangelho, mesmo que nos acarrete problemas: isto é santidade.”²⁸²

3.2.6 Felizes os misericordiosos

A Divina misericórdia possui um papel de extrema importância na vida de Teresa e de todos aqueles que decidem trilhar pelo pequeno caminho proposto pela santa. A Pequena via, propõe ao cristão contemporâneo uma total confiança a ação santificadora da misericórdia Divina. “Ela reconhece que nada dela mesma é capaz de atrair o olhar do Senhor e que somente a misericórdia realizou tudo que há de bom em seu coração.”²⁸³ Teresa vê na misericórdia uma âncora segura, na qual todo cristão é convidado a estar. O lugar do cristão é no seio da misericórdia.

A mim, Deus deu sua Misericórdia infinita e é através dela que eu contemplo e adoro as outras perfeições divinas! Então todas me parecem resplendentes de amor, a própria justiça e talvez mais ainda que qualquer outra me parece revestida de amor... Que doce alegria, pensar que Deus é justo, isto é, leva nossas fraquezas em conta, conhece perfeitamente a fragilidade de nossa natureza.²⁸⁴

Teresa mostra na simplicidade de suas palavras, aquilo que existe de mais profundo em seu coração, a confiança plena na misericórdia divina. “O olhar de Teresa está agora de tal forma simplificado que tudo em Deus e no mundo lhe aparece sob esta única luz, num único espelho, o dá Misericórdia infinita de Deus.”²⁸⁵

O cristão no cotidiano de sua vida precisa sempre buscar em Deus a força da misericórdia, pois constantemente o ser humano é tentado a olhar Deus sob uma perspectiva julgadora. Atribui-se a Deus os critérios

²⁸² FRANCISCO, 2018, p. 48; GE 94.

²⁸³ MEESTER, 2018, p. 84.

²⁸⁴ LISIEUX, 2015, p. 197-198.

²⁸⁵ EUGÊNIO, 2009, p. 97.

que os homens usam para julgar o mundo. Teresa entende e propõe uma visão diferente. O cristão precisa contemplar Deus e o mundo sob um olhar de misericórdia. “No plano da Redenção, todas as coisas encontram seu sentido e sua razão de ser na misericórdia que preside à economia do mundo cristão e à edificação do Corpo Místico de Cristo.”²⁸⁶

Essa mudança na forma de olhar a Deus é necessária, uma vez que, ao perceber Deus e o mundo com um olhar de misericórdia, o cristão entende a necessidade da vivência do verdadeiro amor, seja na relação com Deus, consigo ou com o outro. A misericórdia lança no coração humano uma proporção extraordinária de fé. As decepções, as indiferenças, os erros alheios, tornam-se encontros de compreensão, concórdia e perdão. O coração humano cheio de amor divino o faz ver nas outras pessoas as suas necessidades. Quando o amor chegou a este ponto, pode chamá-lo de amor misericordioso. Essa foi a misericórdia que Teresa descobriu na Pequena via que trilhou.²⁸⁷

Como Teresa experimentou o perdão e o amor. A misericórdia exige perdão, exige compreensão, e o cristão precisa ser no mundo esse grande sinal de misericórdia. No cotidiano da vida, este precisa perdoar, dar sem medidas, viver de amor, ser perdão e acolhida para tantos que vivem as margens dos julgamentos humanos.

Em seu caminho espiritual, Teresa exclui todo sentimento de soberba, de presunção. Teresa revela ao mundo que não se pode atingir a perfeição por meios humanos, mas somente a partir da fé na misericórdia divina.²⁸⁸ A experiência da misericórdia precisa transparecer no coração, refletindo através deste o amor divino. “A medida que usarmos para compreender e perdoar será aplicada a nós para nos perdoar. A medida que aplicarmos para dar será aplicada a nós no céu para nos recompensar. Não nos convém esquecê-lo.”²⁸⁹

A descoberta da misericórdia provoca no coração de Teresa o grande desejo de se doar por inteira ao Amor Misericordioso. Esse ato de sentir-se impelido a doar-se foi de grande importância na espiritualidade da Pequena via, pois culmina em toda sua doutrina e missão.²⁹⁰ Seus desejos de apostolado, sua identificação com o próprio crucificado, sua visão sobre o amor que encerra todas as vocações, sua relação com o

²⁸⁶ EUGÊNIO, 2009, p. 97.

²⁸⁷ EUGÊNIO, 2009, p. 99.

²⁸⁸ CASTRO, BOAGA, 1997, p. 100.

²⁸⁹ FRANCISCO, 2018, p. 43; GE 81.

²⁹⁰ EUGÊNIO, 2009, p. 99.

outro, sua plena visão do pequeno caminho se dão a partir de sua entrega total à Misericórdia.²⁹¹

Para viver num ato perfeito de amor, eu me ofereço como vítima de holocausto ao vosso amor misericordioso, suplicando-vos que me consumais sem cessar, deixando transbordar sobre minha alma as ondas de ternura infinita em Vós encerradas e assim, ó meu Deus, eu me torne mártir do vosso amor.²⁹²

Essa entrega total a divina misericórdia precisa hoje ser a entrega de cada cristão, que pelos trilhos do pequeno caminho desejam se firmar. “Acolher a misericórdia divina exige de nossa parte a confissão de nossas faltas. [...] Mas, para realizar seu trabalho, deve a graça descobrir o pecado, a fim de converter nosso coração e nos conferir a justiça para vida eterna, [...]”²⁹³ O chamado a santidade passa pela misericórdia, e somente por meio desta é que pode-se alcançar um coração misericordioso.

A Pequena via, experimentada com empenho e fidelidade, produz excelentes frutos: transforma o coração humano, enche-o da mais pura e imperdível alegria, de liberdade interior, de coragem, de entrega, de doação, de despreocupação pela esperança confiante em Deus, de satisfação e gratidão por saborear o infinito amor misericordioso de Jesus.²⁹⁴

A misericórdia inflama corações, o motiva ao perdão, coloca-se como servo. Viver, olhar e agir com misericórdia é sem sombra de dúvidas, passos de santidade.²⁹⁵ Todos foram olhados com compaixão e misericórdia e por conta desse olhar, o cristão deve também acolher e amar com um coração misericordioso.

Teresa apresenta de modo singelo e profundo o amor para com aqueles que aos olhos do mundo eram os mais indignos de amor. Ainda jovem decide ser mãe espiritual de um assassino condenado a morte na França.

²⁹¹ EUGÊNIO, 2009, p. 100-101.

²⁹² MEESTER, 2018, p. 90.

²⁹³ CATECISMO..., 2000, p. 494-495; CIC 1847-148.

²⁹⁴ CASTRO, BOAGA, 1997, p. 61.

²⁹⁵ FRANCISCO, 2018, p. 43; GE 82.

O bom Deus mostrou-me que meus desejos lhe eram agradáveis. Ouvira falar de um grande facínora, que acabava de ser condenado à morte, por crimes horrendos. Tudo levava a crer que morreria impenitente. A todo custo queria eu impedi-lo de cair no inferno. Para conseguir, aplicava todos os meios imagináveis.²⁹⁶

Esta experiência de misericórdia para com o outro fez com que Teresinha se tornasse mestra da oração pelos pecadores. Tinha o desejo interior de salvar muitas almas, ouviu o clamor de Jesus no alto da cruz quando dizia: “Tenho Sede!”²⁹⁷ Teresa compreende essa sede do Cristo crucificado como uma sede misericordiosa pelas almas, e oferece seu ministério Carmelita como intercessora das almas pecadoras.²⁹⁸

Jesus em seu Evangelho, ensinou que o homem não só recebe e experimenta a misericórdia de Deus, como também é chamado a ter misericórdia para com o outro. “Bem-Aventurados os misericordiosos, porque alcançaram misericórdia.”²⁹⁹ A santa Igreja vê nessas palavras um apelo do Cristo para que todos vivam e pratiquem a misericórdia.

Se todas as bem-aventuranças do Sermão da Montanha indicam o caminho da conversão e da mudança de vida, a que se refere aos misericordiosos é particularmente eloquente a tal respeito. O homem alcança o amor misericordioso de Deus e a sua misericórdia, na medida em que ele próprio se transforma interiormente, segundo o espírito de amor para com o próximo. Este processo autenticamente evangélico não consiste numa transformação espiritual realizada de uma vez para sempre; mas é um completo estilo de vida, uma característica essencial e contínua da vocação cristã. Consiste, pois, na descoberta constante e na

²⁹⁶ (Pranzini era um assassino condenado à morte por ter cometido muitos crimes. Teresa ofereceu sacrifícios para que este demonstrasse sinais de arrependimento e não ganhasse a condenação eterna. No dia de sua morte Pranzini demonstra sinal de devoção ao beijar a cruz antes de ser morto) LISIEUX, 2015, p. 114.

²⁹⁷ Jo 19, 17-30

²⁹⁸ LISIEUX, 2015, p. 115-116.

²⁹⁹ Mt 5, 5.

prática perseverante do amor, como força que ao mesmo tempo unifica e eleva, não obstante todas as dificuldades de natureza psicológica ou social.³⁰⁰

João Paulo II afirma ainda que a misericórdia cristã é a mais perfeita encarnação da unidade entre os homens.³⁰¹ Somente sob a visão da misericórdia pode o cristão se tornar um ser humano pleno. Somente sob as luzes desse mesmo Espírito é que se pode alcançar a santidade. A misericórdia forja mulheres e homens santos.

3.2.7 Felizes os puros de coração

Essa bem aventurança fala sobre aqueles que possuem um coração simples, puro, sem máculas e sujeiras, pois um coração que sabe amar não deixa que entre em sua vida algo que atente contra esse amor.³⁰² Viver de amor é o grande desejo de santa Teresinha do Menino Jesus. A pureza interior é sempre fruto de uma entrega total ao amor. Teresa ensina que somente os puros de coração, os que tem um coração de criança, serão capazes de adentrar no coração de Deus.³⁰³

O empenho de santificação para Teresa consiste não na realização de uma ou outra prática religiosa e mesquinha, mas em manter uma atitude de pequenez, uma atitude totalmente evangélica, com a qual ela mesma define sua Pequena via, chamada também de infância espiritual. A pureza “infantil” do coração não é um infantilismo ou a renúncia ao esforço ascético contínuo pela santidade.³⁰⁴ Mas antes uma disposição do espírito que entende que a verdadeira alegria consiste na entrega e confiança em Deus.

Percorrendo a sua “via” Santa Teresinha adquire um profundo sentido da realidade e uma grande maturidade humana e espiritual. A Pequena via é a

³⁰⁰ JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Dives In Misericordia**. Vaticano: 1980. Não paginado; DM 14. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.html>. Acesso em: 30 jun. 2020.

³⁰¹ JOÃO PAULO II, 1980, não paginado; DM 14.

³⁰² FRANCISCO, 2018, p. 44; GE 83.

³⁰³ EUGÊNIO, 2009, p. 38-39.

³⁰⁴ CASTRO, BOAGA, 1997, p. 60.

entrega confiante a um Deus que é Pai de bondade e ama ternamente a seus filhos.³⁰⁵

Teresa olha para Deus com um coração totalmente puro. Sem pretensões deseja amar Jesus com sua própria vida. Essa era sua missão, fazer com que Deus fosse conhecido como ela o conhece, amado, como ela a ama. Fazê-lo amado também na profundidade da relação com o outro, pois ninguém pode dizer que ama a Deus se não ama o seu irmão.

Assim o caminho segundo Teresinha, revela que Deus além de misericordioso, é um Pai Amoroso que tem predileta atenção àqueles que são pequeninos. Ela mesmo diz: “Jesus se compraz em apontar-me o único caminho que conduz a fornalha divina. O caminho é o abandono da criancinha que adormece sem temor nos braços de seu pai...”³⁰⁶

A pureza do coração de Teresa concentra-se em tudo agradecer ao Bom Deus. Aos olhos de quem lê seus escritos, percebe à primeira vista uma certa “criancice” em suas atitudes, mas ao olhar com profundidade vê-se uma intenção muito nobre e adulta. Teresa tem o dom de transformar as pequenas coisas em grandes significados.³⁰⁷

O que mais poderia dar-lhe prazer? Sobre esse ponto, ela tem delicadezas admiráveis. Podem parecer infantis, mas não o são. Teresa diz: “Se por acaso o céu não fosse tão bonito como imagino, trataria de disfarçar minha surpresa, para não magoar a Deus.”³⁰⁸

Este é um de tantos exemplos que demonstram a pureza do coração e as intenções de Teresinha. Nota-se aqui, que toda essa delicadeza que Teresa põe em seu relacionamento com o sagrado, é o amor. Não um amor que busca saciar sua própria sede no amado, mas ao contrário, a pureza de coração exige um desejo de saciar a sede do amado, dando-lhe prazer em tudo. A jovem carmelita transborda pureza e isso reflete-se na sua relação com Deus e na relação com as outras monjas do Carmelo.

Em tudo a pequena Teresa deseja ser sinal de Deus na vida das irmãs. Sua pureza e atenção aos detalhes da vida carmelitana encantam o

³⁰⁵ CASTRO, BOAGA, 1997, p. 60.

³⁰⁶ LISIEUX, 2015, p. 206.

³⁰⁷ EUGÊNIO, 2009, p. 47.

³⁰⁸ EUGÊNIO, 2009, p. 48.

coração de toda a comunidade.³⁰⁹ Sua pequenez revela o todo de seu caminho espiritual, a Pequena via.

O bom Deus não seria capaz de inspirar-me desejos irrealizáveis. Posso, por conseguinte, aspirar à santidade, não obstante a minha pequenez. Ficar maior não me é possível. Devo, pois, suportar-me tal como sou, com todas as minhas imperfeições. Mas, procurei um caminho de ir para o céu por uma trilha bem reta, bem curta, uma trilha inteiramente nova.

Teresa aponta ao cristão contemporâneo a necessidade de ter um coração puro. Um coração livre das amarrações malélicas desse mundo relativista e secularizado, que coloca dúvidas no coração do homem sobre a constância do amor e Providência divina. A pureza do coração leva o cristão a não perder o foco e a buscar em Deus todas as respostas. Os puros de coração são capazes de contemplar o mundo de uma forma muito mais clara e límpida. Deus tem o desejo de dar a seus filhos um coração novo.³¹⁰ A pureza interior exige do cristão uma luta árdua contra tudo que pode “envenenar” as intenções do coração. “É preciso lutar e estar atentos às nossas inclinações agressivas e egocêntricas, para não deixar que ganhem raízes.”³¹¹

Essa firmeza interior e essa certeza de ser um filho amado de Deus, impede o cristão de deixar se arrastar pela violência e vaidade, tornando seu coração sensível a dor do próximo. A pureza do coração exige uma doação diante do sofrimento alheio.³¹²

Pede a Jesus que te consuma em seu amor, porque a caridade dos pequeninos supre uma longa vida. Não está no tempo nem nos anos o valor de uma vida e sim na intensidade do amor. [...] Amar é agigantar-se para a eternidade, é realizar-se no tempo. Ninguém há que não possa amar, e o amor e tudo. É por isso que os pequeninos vivem mais profundamente do que os grandes sábios, porque estão imersos no amor. [...] Não confundas o valor

³⁰⁹ EUGÊNIO, 2009, p. 57.

³¹⁰ FRANCISCO, 2018, p. 44; GE 83.

³¹¹ FRANCISCO, 2018, p. 56; GE 114.

³¹² FRANCISCO, 2018, p. 57; GE 116.

da caridade com o preço das obras, mesmo as mais sublimes. É o amor que valoriza tudo.³¹³

Ao entrar na Pequena via o cristão precisa buscar a pureza de coração. Pureza essa que se manifesta na entrega total a Deus, como uma criança que em tudo busca agradar ao pai, vivendo no cotidiano as exigências da caridade. O amor é o centro da pureza do coração. “Quando o coração ama a Deus e ao próximo, quando isso é sua verdadeira intenção e não palavras vazias, então esse coração é puro e pode ver a Deus”³¹⁴

Em suma, percebe-se que o projeto de vida proposto por Teresa de Lisieux é permeado pelas bem-aventuranças. Teresa soube muito bem viver tudo aquilo que Cristo pede em seu Evangelho.³¹⁵ Seu ensinamento tornou-se caminho de santidade para os cristãos de todos os tempos. Sua Pequena via, permeada pelas aventuranças evangélicas, educa o coração daqueles que por esse caminho decidem trilhar.

O seu ensinamento não é só conforme à escritura e à fé católica, mas se sobressai pela profundidade e síntese sapiencial alcançada. A sua doutrina é ao mesmo tempo uma confissão da fé da Igreja, uma experiência do mistério cristão e uma via à santidade. Teresa oferece uma síntese amadurecida da espiritualidade cristã: une a teologia e a vida espiritual, exprime-se com vigor e autoridade, com grande capacidade de persuasão e de comunicação, como demonstram o acolhimento e a difusão da sua mensagem no povo de Deus. O ensinamento de Teresa exprime com coerência e une num conjunto harmonioso os dogmas da fé cristã, como doutrina de verdade e experiência de vida.³¹⁶

³¹³ LUCENA, 2014, p. 112.

³¹⁴ FRANCISCO, 2018, p. 44-45; GE 86.

³¹⁵ CASTRO, BOAGA, 1997, p. 100.

³¹⁶ JOÃO PAULO II. **Carta apostólica Divini Amoris Scientia**. Vaticano: 1997. Não paginado; DAS 8. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1997/documents/hf_jp-ii_apl_19101997_divini-amoris.html>. Acesso em: 01 jul. 2020.

Teresa revela aos cristãos que todos podem alcançar a santidade, com ações concretas de bem-aventuranças. Faz resplandecer no mundo o fascínio pelo Evangelho, ensinando com seu testemunho a missão de amar e servir a Igreja.³¹⁷

3.3 A MISSÃO DE TERESA E O APOSTOLADO CRISTÃO NO MUNDO

O pequeno caminho de Teresa de Lisieux passa pela missão de servir a Igreja e ser sinal do amor divino no contexto em que se vive. O apostolado da Pequena via do amor é muito atual com a visão apostólica proposta pela Igreja. O apostolado cristão no mundo exercita-se na fé, na esperança e na caridade, que são virtudes que o Espírito santo derrama sobre toda a Igreja. Porém o preceito do amor deve ser a força que motiva o cristão a ser sinal de Deus no mundo.³¹⁸

Teresa, soube experimentar na vida de clausura a graça do apostolado cristão. Esta verdade se confirma quando a pequena carmelita é intitulada pela Igreja padroeira das missões sem nunca ter saído do Carmelo. Ela que sempre teve um grande anseio de ser apóstola, carregava em seu coração um forte ardor missionário, nutrindo o desejo de poder levar Jesus ao maior número de almas, como se revela em seus escritos.

Ser tua esposa, ó Jesus, ser carmelita, ser mãe das almas pela união contigo, deveria ser bastante para mim... Mas, assim não acontece. [...] sinto em mim outras vocações. Sinto em mim a vocação de GUERREIRO, de SACERDOTE, de APÓSTOLO, de DOUTOR, e de MÁRTIR. Sinto, afinal, a necessidade, o desejo de realizar por ti, Jesus, todas as obras, as mais heroicas.³¹⁹

³¹⁷ JOÃO PAULO II, 1997, não paginado; DAS 7.

³¹⁸ PAULO VI. **Decreto Apostolicam Actuositatem** sobre o apostolado dos leigos. Vaticano: 1965. Não paginado; AA 3. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html>. Acesso em: 01 jul. 2020.

³¹⁹ LISIEUX, 2015, p. 211. (Grifos da autora)

Os cristãos exercem seu apostolado tanto na Igreja quanto no mundo pelo batismo. Todos que participam do múnus profético, sacerdotal e real de Cristo, devem ter uma participação ativa na Igreja.³²⁰ O cristão precisa assumir sua vocação enquanto membro da Igreja. Faz parte da Pequena via carregar em si o ardor sacerdotal, missionário e mártir. Teresa tinha um grande desejo pelo sacerdócio. “Sinto em mim a vocação de SACERDOTE. Com que amor, ó meu Jesus, não te carregaria nas mãos, quando à minha voz descesses do céu.”³²¹ Esse ardor e zelo deve impelir a todos, inseridos no corpo místico da Igreja, realizarem bem as atividades necessárias de seu estado.

A paróquia dá-nos um exemplo claro de apostolado porque congrega numa unidade toda a diversidade humana que aí se encontra e a insere na universalidade da Igreja. Acostumem-se os leigos a trabalhar na paróquia intimamente unidos aos seus sacerdotes, a trazer para a comunidade eclesial os próprios problemas e os do mundo e as questões que dizem respeito à salvação dos homens. [...] Acostumem-se, por fim, a prestar auxílio a toda a iniciativa apostólica e missionária da sua comunidade eclesial na medida das próprias forças.³²²

A Pequena via manifesta-se no apostolado cristão de algumas maneiras, por exemplo na família e no apostolado social.³²³ No seio familiar está o primeiro anúncio da fé, acontece quando os pais instruem os filhos com palavras e exemplos as verdades da fé que se manifesta no amor. “Os esposos cristãos são cooperadores da graça e testemunhas da fé um para com o outro, para com os filhos e os demais familiares. Eles são os primeiros que anunciam aos filhos a fé e os educam.”³²⁴ Existe no seio da família a exigência de viver a missão de santificar e anunciar o Cristo a todos os que vivem em cada lar deste mundo.

As famílias cristãs, pela coerência de toda a sua vida com o Evangelho e pelo exemplo que

³²⁰ PAULO VI, 1965, não paginado; AA 10.

³²¹ LISIEUX, 2015, p. 211. (Grifos da autora)

³²² PAULO VI, 1965, não paginado; AA 10.

³²³ PAULO VI, 1965, não paginado; AA 11-12.

³²⁴ PAULO VI, 1965, não paginado; AA 11.

mostram do matrimônio cristão, oferecem ao mundo um preciosíssimo testemunho de Cristo sempre e em toda parte, mas sobre tudo naquelas regiões em que se lançam as primeiras sementes do Evangelho [...] ³²⁵

O apostolado cristão no mundo é imensamente amplo, assim como os anseios de Teresa. Todos são chamados a viver sua missão na Igreja e no mundo. A missão cristã deve ser exercida como já dito, em todos os aspectos do mundo. Não se pode viver um cristianismo freado, sem compromissos. É necessário trazer a prática os desejos de Teresa, ser apóstolo, sacerdote e mártir. A missão ultrapassa os limites territoriais e ganha sua força na realidade da vida, sendo testemunha do amor de Cristo no lugar onde se está inserido.

Os leigos realizam a missão da Igreja no mundo, antes de tudo, por aquela coerência de vida com fé, pela qual se tornam luz no mundo; pela honestidade nos negócios, com a qual atraem a todos ao amor da verdade e do bem, e finalmente, a Cristo e à Igreja; pela caridade fraterna que, fazendo-os participar das condições de vida, dos trabalhos, dos sofrimentos e aspirações de seus irmãos, prepara insensivelmente todos os corações para a ação da graça salutar; por aquela plena consciência da participação que devem ter na construção da sociedade, a qual os leva a esforçar-se por desempenhar com magnanimidade cristã a atividade doméstica, social e profissional. Assim, o seu modo de agir penetra pouco a pouco no meio de vida e do trabalho. ³²⁶

A Pequena via encontra-se nos detalhes do apostolado cristão, na vivência suprema da caridade no dia a dia da missão apostólica, e por esse caminho todo cristão é convidado a caminhar. Todos os desejos, sonhos, práticas quotidianas devem ser regadas pelo amor, pois só o amor faz arder o coração e dá sentido à vida. “Compreendi que o AMOR ABRANGE TODAS AS VOCAÇÕES, ALCANÇANDO TODOS OS TEMPOS E TODOS OS LUGARES... NUMA PALAVRA, É ETERNO.

³²⁵ PAULO VI, 1965, não paginado; AA 11.

³²⁶ PAULO VI, 1965, não paginado; AA 13.

[...] MINHA VOCAÇÃO É O AMOR.”³²⁷ Esse é o grande apóstolado cristão, viver na Igreja os frutos do amor.

3.4 A PRIMAZIA DO AMOR E DA GRAÇA

Teresinha do Menino Jesus expressa em seus escritos que a base de toda sua pequena doutrina espiritual é o amor. O amor ocupa o centro de sua vida e vocação. “Jesus! Quero amá-lo, amá-lo como nunca foi amado”.³²⁸ Mas esse amor é antes de tudo graça. Não se alcança por mérito, mas antes de tudo é graça de Deus. A entrega de si a Deus e o desejo de agrada-lo é uma resposta ao seu amor que antecede a tudo. Deus amou o ser humano por primeiro. Esse é o amor que Teresa descobre e propõe na Pequena via. Fora deste amor todas as obras por si só se tornam mortas.

Os grandes santos trabalham para glória de Deus, dizia ela, mas eu, que sou apenas uma pequena alma, trabalho tão-somente para lhe dar prazer. Não quero possuir méritos para o céu; eu quero ó Deus, trabalhar só por vosso amor, com um único interesse de vos dar prazer, de consolar vosso sagrado coração, e de salvar almas que vos amarão eternamente, afirma a santa.³²⁹

Teresa compreende profundamente os anseios do amor em seu coração. Percebe que somente com um coração pequeno e frágil alcançaria todos os patamares da santidade. O amor deve ser na vida cristã a luz que ilumina as trevas da alma. Se o amor não anima as atitudes humanas, todas as obras por si só se tornam mortas. Na Pequena via o amor deve ser sempre a força que sustenta e dá vida.

Portanto, o que faz a excelência da via da infância espiritual é sua grande fecundidade sobrenatural, pois o amor é toda a seiva, e essa seiva divina tende constantemente a desabrochar em flores e frutos de virtudes. Nessa via, tudo é amor, tudo procede do amor, tudo termina no amor.³³⁰

³²⁷ LISIEUX, 2015, p. 213-214. (Grifos da autora)

³²⁸ TERESA DO MENINO JESUS, 2015, p. 430-431; carta 114.

³²⁹ O ESPÍRITO, 2015, p. 22-23.

³³⁰ MARTIN, 2019, p. 70.

Depositado no coração humano pelo batismo, o amor divino quer germinar e dar frutos. Todo cristão é convocado pelo seu batismo a ser testemunha viva do amor de Deus no mundo. Mediante a vivência do amor que desemboca na infância espiritual, experimenta-se tudo o que vem de Deus. A Ele retorna e Nele permanece toda ação. A caridade gera grandes frutos na alma cristã.³³¹

Amemos, portanto, gostava de dizer Irmã Teresa, amemos porque nosso coração é feito para amar. Amemos, independentemente do grau que estejamos na vida espiritual, não hesitamos em entrar na via do amor, em estimar, em desejar, e em pedir, acima de tudo, o amor.³³²

O amor nos passos de Teresinha é muito mais que um sentimentalismo, ele é vivo, ativo e manifesta-se principalmente na prática da caridade cristã. Com seu exemplo de caridade perfeita, Teresa ensina que o amor é o grande caminho de santidade para os cristãos de todos os tempos.³³³

Agradar a Deus, oferecer os sacrifícios em prova de amor, aproveitar todas as ocasiões para praticar a caridade são alguns passos ensinados pela pequena flor do Carmelo de como corresponder a esse amor que é dom. “A ciência do amor divino, que o Pai das Misericórdias efunde mediante Jesus Cristo, no Espírito Santo, é um dom concedido aos pequeninos e aos humildes, para que conheçam e proclamem os segredos do Reino [...]”³³⁴

3.5 CONFIANÇA E HUMILDADE COMO SUPERAÇÃO DO NEOGNOSTICISMO

Em seu caminho na busca pela santidade, Teresa coloca a confiança em Deus e a humildade como grandes aliadas. Depositar em Deus toda confiança é quebrar de certa forma com todo orgulho de ter, de saber ou de ser algo.³³⁵ Porém alguns contratempores se levantam contra a

³³¹ JOÃO PAULO II, 1997, não paginado; DAS 8.

³³² MARTIN, 2019, P. 77.

³³³ JOÃO PAULO II, 1997, não paginado; DAS 10.

³³⁴ JOÃO PAULO II, 1997, não paginado; DAS 01.

³³⁵ CASTRO, BOAGA, 1997, p. 70.

espiritualidade e a santidade cristã. Francisco na *Gaudete et exultate*, aponta para duas ideias falsas de santidade, Neognosticismo e o Neopelagianismo, que podem ser superados quando se compreende o amor como um dom.³³⁶

No segundo capítulo da *Gaudete*, Francisco apresenta o Neognosticismo como um dos grandes inimigos da santidade no mundo atual. Gnósticas eram algumas correntes filosóficas que surgiram nos primeiros séculos da era cristã. O gnosticismo foi uma primeira tentativa de filosofia cristã, feita sem rigor sistemático, com a mistura de elementos cristãos míticos, neoplatônicos e orientais. Em geral, para os gnósticos, o conhecimento era condição para a salvação. Para os adeptos dessa corrente filosófica todo embasamento com relação a salvação e a crença em Deus provinha da pura razão. Ou seja, só se poderia alcançar Deus pela razão.³³⁷

O gnosticismo atual apresenta uma fé fechada em si, onde o que interessa são determinadas experiências ou alguns raciocínios e conhecimentos pessoais. Isso fere fortemente a fé cristã pois na perspectiva gnóstica, a pessoa se prende em sua própria razão e conhecimento.

O neo-gnosticismo, por outro lado, apresenta uma salvação meramente interior, fechada no subjetivismo. Essa consiste no elevar-se com o intelecto para além da carne de Jesus rumo aos mistérios da divindade desconhecida. Pretende-se, assim, libertar a pessoa do corpo e do mundo material, nos quais não se descobrem mais os vestígios da mão providente do criador, mas se vê apenas uma realidade privada de significado, estranha a identidade última da pessoa e manipulável segundo os interesses do homem.³³⁸

Os gnósticos são incapazes de ver o Cristo sofredor na vida do outro, pregam muitas vezes um Jesus desvinculado da verdadeira fé

³³⁶ FRANCISMO, 2018, p. 23-28; GE 36-47.

³³⁷ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 485.

³³⁸ FRANCISCO. **Carta Placuit Deo** aos bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da salvação cristã. Documento da Igreja 42. Brasília: Ed. CNBB, 2018, n. 3.

cristã.³³⁹ Privam o cristão de uma profundidade espiritual, trabalha-se com questões superficiais e não consegue entrar na profundidade do pensamento. Existe um egoísmo intelectual.

Estes consideram seu pensar como o pensar perfeito e único, excluindo qualquer tipo de diálogo com aquele que pensa diferente.³⁴⁰ O gnóstico crê que o mundo e tudo que nele existe são uma realidade má e somente o conhecimento é capaz de libertar o homem desta realidade opressora. O gnosticismo atual se manifesta no meio da sociedade quando esta coloca-se no centro de todas as coisas e exclui Deus de seu lugar devido. Esquece que: “Deus supera-nos infinitamente”³⁴¹

Não cabe ao ser humano impor limites e regras ao próprio Deus, como se Este tivesse que se moldar a vontade humana. Em suma, a razão tem seu devido valor quando permeada pela Verdade de Deus. Um grande risco do pensamento gnóstico é desvincular Jesus da humanidade, excluindo sua encarnação e salvação dada a partir de sua própria carne a todo gênero humano. Cristo não nos abriu somente um caminho de santidade pelo qual nós mesmos temos que percorrer, mas Ele mesmo revela-se como o próprio caminho. Ao revelar-se como o caminho que leva a Deus, Jesus instaura sua Salvação Eterna, provinda de sua vinda a história humana, salvando não só o espírito humano, mas o ser humano em sua completude, algo contrário ao pensamento gnóstico, que prega uma salvação somente interior.³⁴²

A consequência direta, por se colocar como aquele que conhece e pode explicar Deus com lógica, é pensar que por isso já se é santo, perfeito e melhor do que a massa ignorante. Lembra-nos o papa que São Francisco preocupava-se com a ideia de que saber de Deus significava necessariamente ser de Deus – portanto, santo.³⁴³

Teresa vence o gnosticismo a partir do reconhecimento de sua limitação. O cristão precisa depositar em Deus toda sua confiança. Ser

³³⁹ FRANCISCO, 2018, p. 24; GE 37.

³⁴⁰ FRANCISCO, 2018, p. 25; GE 40.

³⁴¹ FRANCISCO, 2018, p. 25; GE 41.

³⁴² FRANCISCO, 2018; PD 11.

³⁴³ OLIVEIRA, Lino B. A santidade no mundo de hoje: das distorções ao autêntico chamado de Deus. **Vida pastoral**, São Paulo, ano 60, n 327, p. 35-42, 2019. p. 35.

santo não significa viver da própria razão, como se esta fosse o cume de toda sabedoria. É antes de tudo, viver em um caminho envolto pela misericórdia. É reconhecer-se dependente de Deus. “Antes de tudo, temos de dizer que a misericórdia é a plenitude da justiça e a manifestação mais luminosa da verdade de Deus.”³⁴⁴ A confiança plena nessa verdade, fecunda a alma humana e a faz ser dependente de Deus.

Por reconhecer-se pequena e fraca, Teresa tem a certeza de que a misericórdia divina jamais lhe iria abandonar. Assim, fala aos cristãos da necessidade de confiar unicamente na misericórdia divina, sabendo que essa confiança é o único caminho que eleva o coração a fornalha divina.³⁴⁵ “Sim, esse abandono é minha bússola, não tenho outro guia. Nenhuma outra coisa peço com tanto ardor como o cumprimento perfeito da vontade de Deus sobre minha alma.”³⁴⁶

Todas as esperanças do cristão no mundo devem estar firmadas em Deus, não nos próprios saberes, não nas vantagens da razão, mas sim única e exclusivamente em Deus.³⁴⁷ O coração orgulhoso afasta-se da graça. A Pequena via afirma que somente a pequenez conquista o coração de Deus, e essa pequenez dá-se quando reconheço minha fragilidade e dependência de Deus, entendendo que toda sabedoria vem do Senhor.³⁴⁸

Não queria entrar no céu nem um minuto se quer mais cedo, por minha própria vontade. A única felicidade nesta terra é aplicar-me em achar sempre deliciosa a parte que Jesus nos dá. [...] Quero deixá-lo defender meus interesses, e jogar por mim no banco do amor, sem que de forma alguma tome parte no jogo.³⁴⁹

Teresa vence o orgulho com a humildade, tem por verdade um único ato, depositar tudo nas mãos de Deus. Mostra ao cristão contemporâneo a necessidade de desarmar-se, a necessidade de sair dos conceitos teóricos de santidade e aplicá-las nas pequenas virtudes diárias, pois a verdadeira santidade não está no saber muito, mas em unir razão a prática, fazendo dos detalhes da vida, caminhos que levam a Deus.

³⁴⁴ FRANCISCO, 2018, p. 53; GE 105.

³⁴⁵ O ESPÍRITO, 2015, p. 124.

³⁴⁶ LISIEUX, 2015, p. 196.

³⁴⁷ MARTIN, 2019, p. 161.

³⁴⁸ O ESPÍRITO, 2015, p. 125.

³⁴⁹ TERESA DO MENINO JESUS, 2015, p. 605-606; Carta 257.

Seus exemplos de virtude, nada tem de complicado, e assim, as pequenas almas, cheias de confiança, poderão segui-los. Estes exemplos desagradam somente aos espíritos que, recusam a via simples e comum porque, seduzidos pelos sentidos e longe de uma conversão sincera, admiram unicamente o que consideram como inimitável.³⁵⁰

Opondo-se contra todo pensamento gnóstico, na Pequena via o cristão é convidado a reconhecer-se simples, pequeno e não merecedor das grandes graças, nem se achar superior ao outro por conta dos saberes. Isso se dá no exercício da humildade, pois esta permite apreender os traços da Pequena via do amor. O humilde leva a compreensão de que a razão deve ser sempre aquela que ilumina o caminho a seguir. Sabedoria e santidade caminham juntas, porém jamais deve-se permitir que a razão ultrapasse os limites da fé. Estas devem caminhar na mesma direção.

A fé e a razão constituem como que duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração humano o desejo de conhecer a verdade, e em última análise, de O conhecer a Ele, para que conhecendo-o e amando-o, possa chegar também a verdade plena de si próprio.³⁵¹

A razão humana precisa estar iluminada pela graça, o ser humano nada pode por si mesmo. Tudo vem de Deus, e tudo volta para ele. O cristão aprende com o próprio Cristo a superar toda soberba racional, e essa superação se dá somente pela busca da Verdade revelada em Jesus. Essa Verdade não está na sabedoria que torna o ser humano senhor absoluto de si, mas na humilde relação com o próprio Deus.³⁵²

A experiência cristã não pode jamais ser vista como um conjunto de especulações mentais.³⁵³ O cristão é convidado a ser canal da graça

³⁵⁰ O ESPÍRITO, 2015, p. 136.

³⁵¹ JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica *Fides et Ratio***. Vaticano: 1998. Não paginado; FR 1. Disponível em: < http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html>.

Acesso em: 08 jul. 2020.

³⁵² JOÃO PAULO II, 1998. Não paginado; FR 107.

³⁵³ FRANCISCO, 2018, p. 27-28; GE 46.

divina no meio onde está inserido e é pelo testemunho da confiança e da humildade que esse pode gerar sabedoria por onde passar. A humildade gera graça, faz reconhecer a verdadeira sabedoria e Teresa nos aprova essa verdade com a própria vida. Sua sabedoria, seu conhecimento das coisas de Deus, são reflexos da graça agindo sobre sua pequenez.³⁵⁴

Teresa é uma mulher que, ao aproximar-se do Evangelho, soube colher riquezas escondidas, com aquela consistência e profunda ressonância vital e sapiencial, que é própria do gênio feminino. Ela emerge, pela sua universalidade, plêiade das mulheres santas que resplandecem pela sabedoria do Evangelho. [...] No escondimento de seu Carmelo, viveu a aventura da experiência cristã, até conhecer a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do amor de Cristo.³⁵⁵

O coração humilde reflete constantemente a sabedoria cristã. Pelo conhecimento humilde da verdade, o cristão pode sem sombra de dúvidas descobrir no caminho da Pequena via espiritual de Teresa fontes inesgotáveis de sabedoria. Não uma sabedoria gnóstica, fechada em si mesma, mas uma sabedoria plena, revelada por Cristo para salvar. “No muito saber há muito perigo. Modera, pois teu desejo de ciência e aplica-te a amar Jesus, a Sabedoria substancial, em cujo coração reside toda plenitude da sabedoria e ciência. Nele encontrarás o quanto precisas[...].”³⁵⁶ Em suma, a verdadeira sabedoria desejada pelos cristãos vem pelo amor.

3.5 SUPREMACIA DA GRAÇA COMO SUPERAÇÃO DO NEOPELAGIANISMO

Uma outra heresia antiga que permeia a sociedade pós-moderna é o pelagianismo, ou Neopelagianismo. Este tem como ponto de partida o gnosticismo. Se o primeiro determina o conhecimento como meio de santificação, o segundo atribui a santificação à própria vontade.

O gnosticismo deu lugar a outra heresia antiga, que está presente também hoje. [...] Com efeito, o

³⁵⁴ CASTRO, BOAGA, 1997, p. 78.

³⁵⁵ JOÃO PAULO II, 1997. Não paginado; DAS 11.

³⁵⁶ LUCENA, 2014, p. 14.

poder que os gnósticos atribuíam à inteligência, alguns começaram a atribuí-lo a vontade humana, ao esforço pessoal. Surgiram assim, os pelagianos e os semipelagianos. Já não era a inteligência que ocupava o lugar do mistério e da graça, mas a vontade.³⁵⁷

Pelágio era um monge de origem irlandesa, asceta e diretor espiritual em Roma, ensinava que o ser humano podia cumprir os mandamentos de Deus por suas próprias forças, sem que para isso tivesse necessidade de um auxílio divino interior. Essa heresia sustenta basicamente a ideia de que todo ser humano é totalmente responsável pela própria salvação e, portanto, não necessita da graça divina. Segundo os pelagianos, toda pessoa nasce moralmente neutra, sendo capaz, por si mesma, sem qualquer influência divina, de salvar-se quando assim o desejar.³⁵⁸

O pensamento neopelagiano exclui completamente a graça de Deus que age na vida humana, coloca o ser humano como este que pode salvar-se por si mesmo, sem reconhecer sua dependência de Deus e do próximo. Este coloca sua salvação nas próprias forças e méritos, excluindo assim a comunhão com Deus.³⁵⁹ O pelagianismo moderno, transmite muitas vezes a falsa ideia de que tudo pode ser conquistado pela vontade humana.³⁶⁰ Esse pensamento de alcançar a santidade pelas próprias forças é um pensamento contrário ao que a Igreja ensina. No decorrer da História a Santa Mãe Igreja mostrou que não somos justificados pelos nossos esforços, mas pela graça de Deus que constantemente toma a iniciativa de nos santificar e que nenhum ser humano pode exigir, merecer ou comprar a graça de Deus.³⁶¹ Também o Catecismo da Igreja Católica afirma que a graça ultrapassa todos os limites e capacidades da inteligência, e que esta é superior a qualquer esforço da vontade humana.³⁶²

No fundo, a falta de um reconhecimento sincero, pesaroso e orante dos nossos limites é que impede

³⁵⁷ FRANCISCO, 2018, p. 28; GE 47-48.

³⁵⁸ OLIVEIRA, 2019, p. 37-38.

³⁵⁹ FRANCISCO, 2018; PD 3.

³⁶⁰ FRANCISCO, 2018, p. 29-30; GE 50.

³⁶¹ FRANCISCO, 2018, p. 30-31; GE 52-53.

³⁶² CATECISMO..., 2000, p. 515; CIC 1948.

a graça de atuar melhor em nós, pois não lhe deixa espaço para provocar aquele bem possível que se integra em um caminho sincero e real de crescimento. A graça, precisamente porque supõe nossa natureza, não nos faz improvisamente super-homens.³⁶³

Francisco afirma ainda que por maiores que sejam os esforços humanos, jamais alguém será capaz de pagar a gratuidade do amor e da Graça divina. Como já foi descrito, a Graça de Deus supera-nos constantemente. Cabe ao ser humano aceitar e acolher tão grande dom, e entender que somente a partir do dom de Deus é que se pode cooperar para a obra de Deus na própria vida. Não é um primeiro passo humano, mas divino. “Trata-se de nos oferecermos a Ele, que nos antecipa; de lhe oferecermos as nossas capacidades, o nosso esforço, a nossa luta contra o mal e a nossa criatividade, para que o seu dom gratuito cresça e se desenvolva em nós [...]”³⁶⁴

A Igreja ensina que a justificação vem única e exclusivamente da Graça de Deus. Todos os passos, todos os anseios do coração humano referentes a Deus são graças exclusivas que o próprio Deus derrama para a santificação. Afirma ainda que, a graça santificante é um dom sobrenatural que aperfeiçoa e torna a alma cristã capaz de viver com Deus e agir por seu amor.³⁶⁵

A graça é o favor, o socorro gratuito que Deus dá para responder a seu convite: tornar-nos filhos de Deus. [...] A graça é uma participação na vida divina; introduz-nos na intimidade da vida trinitária. Pelo batismo, o cristão tem parte na graça de Cristo, cabeça da Igreja. Como filho adotivo, pode doravante chamar a Deus de Pai, em união com o Filho único.³⁶⁶

Esse é o grande segredo de Teresinha do Menino Jesus. A superação do Neopelagianismo se dá por meio da Graça. Como visto antes, Teresa possui um espírito plenamente humilde. Reconhece que não pode nada por si mesma. Reconhece que a santidade não consiste

³⁶³ FRANCISCO, 2018, p. 29; GE 50.

³⁶⁴ FRANCISCO, 2018, p. 32-33; GE 56.

³⁶⁵ CATECISMO..., 2000, p. 527; CIC 1998.

³⁶⁶ CATECISMO..., 2000, p. 526-527; CIC 1996-1997.

unicamente em atos humanos, mas em reconhecer nesses atos o amor de Deus.

Os diretores fazem avançar na perfeição levando a fazer muitos atos de virtude e têm razão, mas meu diretor que é Jesus não me ensina a contar meus atos; ensina-me a fazer tudo por amor, a não lhe recusar nada e a ficar contente quando ele me dá uma ocasião de provar-lhe que o amo, mas isso faz-se na paz, no abandono, é Jesus quem faz tudo e eu nada faço.³⁶⁷

A graça é uma força interior que ao contrário do pelagianismo que cultiva a força própria da humanidade e a aliena, a Graça amplia a liberdade, transforma a pessoa, mesmo que ela continue sendo ela mesma.³⁶⁸ Esse passo é ensinado por Teresa quando transportando do poder da vontade própria adere-se a vontade divina com confiança e abandono integral aos planos de Deus.

O que Teresa não suporta é a atitude avantajada de uma pessoa que realiza as obras e as ações que a levam a gloriar-se diante de Deus e dos homens como merecedores de recompensa. Ela chega a conclusão de que a justiça baseada sobre as obras culmina no farisaísmo e, por isso, é menos eficaz do que o puro sentimento de amor.³⁶⁹

Existem hoje na Igreja muitas almas pelagianas, que insistem em encontrar o caminho da justificação pelas próprias forças, que desemboca em uma adoração da vontade humana, da própria capacidade, gerando no mundo um egocentrismo desenfreado, excluindo deste o verdadeiro amor.³⁷⁰

Sem nos darmos conta, pelo fato de pensar que tudo depende do esforço humano canalizado através de normas e estruturas eclesiais, complicamos o Evangelho e tornamo-nos escravos

³⁶⁷ TERESA DO MENINO JESUS, 2015, p. 469-471; Carta 142.

³⁶⁸ TADA, 2012, p. 46.

³⁶⁹ TADA, 2012, p. 49.

³⁷⁰ FRANCISCO, 2018, p. 33; GE 57.

de um esquema que deixa poucas aberturas para que a graça atue.³⁷¹

A resposta conclusiva da Pequena via contra a heresia pelagiana é justamente a entrega e a confiança em Deus. “Tua alma pertence mais a Jesus que a ti mesmo, por isso tua vida está toda entregue a ele. O caminho que segues não é o dos méritos e das consolações, desejarás contentar antes a ele, somente ele.”³⁷² Não é em si mesmo que se deve procurar as virtudes, mas somente em Deus. Com efeito, o primeiro resultado da prática da humildade falada anteriormente consiste em ter-se desfeito de toda confiança em si próprio.

A alma, uma vez que tenha entrado na via da verdadeira pequenez e pobreza espiritual, não vê mais nada em si que lhe seja próprio, nada para além de seu próprio vazio, de sua miséria e fragilidade. [...] eis a graça insigne e o benefício inestimável que a via da infância proporciona.³⁷³

Vê-se aqui toda a delicadeza que Teresa põe em sua relação com Deus. É única e exclusivamente o amor. Não um amor que capta para si todos os méritos, não é a prática de um amor por esperanças de uma recompensa, mas é um amor que se doa livremente sem esperar nada em troca. É um amor que dá sem limites. Muito diferente da visão Neopelagiana que busca conquistar Deus por meio das obras.³⁷⁴

Ser criança é reconhecer o seu nada, esperar tudo em Deus, como uma criancinha espera tudo de seu pai; é não se perturbar com nada, não juntar fortuna. Ser pequeno é também não atribuir nada a si mesmo nas virtudes que pratica, julgando-se capaz de alguma coisa, mas reconhecer que Deus coloca esse tesouro na mão de seu filhinho para que se sirva quando precisar, mas ele pertence sempre a Deus. Tudo é graça.³⁷⁵

³⁷¹ FRANCISCO, 2018, p. 34; GE 59.

³⁷² LUCENA, 2014, p. 26.

³⁷³ MARTIN, 2019, p. 47.

³⁷⁴ EUGÊNIO, 2009, p. 47.

³⁷⁵ EUGÊNIO, 2009, p. 107.

Dessa forma, “toda vida espiritual deve buscar seus fundamentos e seu alinhamento constantes num olhar para Deus, olhar cuja perfeição está na simplicidade.”³⁷⁶ Filha de uma espiritualidade dos grandes gigantes do Carmelo, Teresa tudo sacrificou para encontrar Deus. Tendo-o achado na contemplação das pequenas coisas, convida os cristãos a entrarem na sua via, a compreender suas atitudes e viver a vida em pequenos gestos de amor. O cristão contemporâneo não precisa segui-lo em seu deserto carmelitano, mas é chamado a experimentar os fundamentos de sua pequena doutrina, no cotidiano da vida.³⁷⁷

A influência da sua mensagem compreende, antes de tudo, homens e mulheres cuja santidade ou heroicidade das virtudes a própria Igreja reconheceu, pastores da Igreja, cultores da teologia e da espiritualidade, sacerdotes e seminaristas, religiosos e religiosas, movimentos eclesiais e comunidades novas, homens e mulheres de todas as condições e de todos os continentes. A todos Teresa traz a sua confirmação pessoal que o mistério cristão, do qual ela se tornou testemunha e apóstola fazendo-se na oração, como ela se exprime com audácia, deve ser tomado à letra, com o maior realismo possível, porque tem um valor universal no tempo e no espaço. A força da sua mensagem está na ilustração concreta de como todas as promessas de Jesus encontram plena atuação no crente, que sabe acolher com confiança na própria vida a presença salvífica do Redentor.³⁷⁸

A Pequena via é um caminho de santidade para os cristãos de todos os tempos. Nela estão contidas de maneira prática todas as virtudes, o seu sentido e a resposta ao dom da salvação.

Disse Bento XV, em memorável discurso sobre a heroicidade das virtudes de santa Teresinha: “A infância espiritual é condição necessária para obter a vida eterna, os fiéis de todas as nações devem generosamente entrar no caminho pelo qual a irmã

³⁷⁶ EUGÊNIO, 2009, p. 111.

³⁷⁷ EUGÊNIO, 2009, p. 112.

³⁷⁸ JOÃO PAULO II, 1997. Não Paginado; DAS 10.

Teresa do Menino Jesus atingiu o heroísmo da virtude.³⁷⁹

Teresa inspira-nos a viver a santidade, pois a luz de sua sabedoria, totalmente iluminada pelo Espírito Santo é hoje e sempre, um luzeiro que traz vida e calor a todos que querem por esse caminho trilhar. A Pequena via, experimentada com empenho e fidelidade, produz excelentes frutos, transforma o coração humano, enche-o da mais pura liberdade interior, e inflama no coração cristão a plena confiança em Deus. Teresa abriu um caminho para todos e por isso, pode-se afirmar que a Pequena via é sim possível a todos cristãos que pelos passos de Teresa também desejam santificar-se.

³⁷⁹ BRANDÃO, Ascânio. **O breviário da confiança**. São Paulo: Cleófas, 2015. p. 52.

CONCLUSÃO

O presente trabalho de conclusão de curso, cujo tema é, a Pequena via de Teresa de Lisieux como caminho de santidade para o cristão contemporâneo, buscou através dos escritos Teresianos e dos passos de sua Pequena via, dar respostas ao cristão contemporâneo que vive a experiência da busca pela santidade diante de um mundo plural e ferido. Teresa apresenta a todos os cristãos um caminho novo, permeado pela entrega a Deus e a experiência de viver a comunhão com o Sagrado no ordinário da vida, ou seja, no dia a dia da vida cristã.

Dessa pesquisa, conclui-se, em primeiro lugar o grande chamado universal da humanidade a santidade. O magistério da Igreja, a Tradição e as Escrituras encontram nesta vocação a sua razão de ser. Deus cria o homem a sua imagem e semelhança, ou seja, os cria capazes para o amor, para o relacionamento com a Trindade Santa. Por isso a Igreja no seu dever sagrado, como discípula e profeta, exorta a toda a humanidade a ser santa. Posteriormente, dentro do desenvolver histórico da vocação da Igreja, viu-se Teresa de Lisieux como um grande exemplo de busca pela santidade.

Teresa revela aos cristãos, um Deus que se apresenta em todos os fatos e acontecimentos da vida. Ensina-nos que Deus é presente, caminha com seu povo e deseja com esse relacionar-se. Em Deus, o ser humano encontra-se consigo mesmo, se descobre chamado ao amor. Este encontro transforma corações e faz o ser humano ser aquilo que realmente é chamado a ser: filho amado de Deus.

Diante desta maturidade, conclui-se que do relacionamento de Teresa com Deus, nasce nela cada vez mais forte o desejo de ser tudo. A jovem carmelita ensina que só o amor é tudo, pois ele é que dá sentido a todas as coisas, conclui-se também que o amor pressupõe confiança absoluta em Deus. O cristão contemporâneo deve constantemente corresponder ao amor divino com confiança, este é um ponto necessário para se crescer na relação com o sagrado. Nem sempre se compreende seus caminhos, por isso a confiança é imprescindível.

Por fim pode-se concluir que a Pequena via de Teresa de Lisieux é um itinerário de santidade para quem busca corresponder ao amor de Deus no cotidiano da vida. Seus passos revelam a verdade de uma alma cristã que amou tanto Deus ao ponto de perceber que Nele tudo encontra um novo sentido. É este o grande intuito da Pequena via espiritual de santa Teresinha do Menino Jesus: levar o cristão a Deus, descobrindo no ordinário da vida a presença amorosa de Deus Pai.

Dessa forma, embora se encerra aqui a escrita deste trabalho, não se encerra a pesquisa deste tema, sugere-se que possa ser dada continuidade ou, pelo menos, que possam ser desenvolvidos estudos semelhantes, para que a vida espiritual da mulher e do homem contemporâneo seja cada dia mais um terreno fértil e de profunda experiência com Deus.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AQUINO, Felipe. **Santa Teresa de Calcutá: A santa das sarjetas**. São Paulo: Cleofas, 2018.

BALTHASAR H. U, **Teresa de Lisieux - Historia de una misión**, 5ª ed., Trad. Daniel Ruiz Bueno, Herder, Barcelona, 1999.

BERARDINO, Pedro Paulo. **A Solidão em santa Teresinha do menino Jesus**. São Paulo: Paulus, 1995.

BÍBLIA de Jerusalém. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2012.

BRANDÃO, Ascânio. **O breviário da confiança**. São Paulo: Cleófas, 2015.

BRANDES, Orlando. Vocação e santidade: Um carisma particular e um chamado universal. **Páginas Abertas**, São Paulo, ano 43, n 74, 2018.

CASTRO, Augusta C.; BOAGA, Emanuele. **A caminho com Teresa do Menino Jesus**. São Paulo: Loyola, 1997.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constitui o dogmática *Lumen Gentium*. In: Costa, Lourenço (Coord). **Documentos do Concílio Vaticano II**. 7. ed. São Paulo: Paulus.

_____. Constitui o Dogmática. *Gaudium et Spes*. In: COSTA, Lourenço (Coord). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**, 7.ed. São Paulo: Paulus, 2014.

EUGÊNIO, M. **Teu amor cresceu comigo**; Teresa de Lisieux: gênio espiritual. São Paulo: Paulus, 1995.

PHILIPPE, Jacques. **La confianza em Dios**, Ejercicios Espirituales. Madri: Cristiandad, 2012.

FRANCISCO, de Maria Santíssima. **Teresa de Lisieux, conselhos e lembranças**. São Paulo: Paulus, 2014.

FRANCISCO. **Carta Placuit Deo** aos bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da salvação cristã. Documento da Igreja 42. Brasília: Ed. CNBB, 2018.

_____. **Exortação apostólica *Gaudete et exultate***. São Paulo: Paulus, 2018.

FREITAS, Teresa. R.M. **Tradição autobiográfica cristã e metáforas literárias na escrita de Santa Teresa de Lisieux**. João Pessoa, 2017. 50f. Monografia (Graduação em Letras / Língua Francesa) – Universidade Federal da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

GAMA, Emérico. **A pequena via para Deus: Teresa de Lisieux**. São Paulo: Quadrante, 2018.

HALÍK, Tomás. **Paciência com Deus**. Oportunidade para um encontro. Curitiba: Paulinas, 2015.

GORRES, I. **Teresa de Lisieux**, Coleção Homens de Deus. Vol. 6, Trad. Manuel Seabra, Ed. Aster, Lisboa, 1961.

JOÃO PAULO II. **Carta apostólica Divini Amoris Scientia**. Vaticano: 1997.

_____. **Carta Encíclica *Dives In Misericordia***. Vaticano: 1980.

_____. **Carta Encíclica *Fides et Ratio***. Vaticano: 1998.

_____. **Exortação apostólica *Christifideles Laici***. Sobre a vocação e a missão dos leigos no mundo. Vaticano: 1988.

LUCENA, Ângelo. **A infância Espiritual: Santa Teresinha**. São Paulo: Paulus, 2014.

MARTIN, Gabriel. **A pequena via da infância espiritual**. Rio de Janeiro: ed. Mosteiro da Santa Cruz, 2019.

MEESTER, Conrado. **De mãos vazias**: a espiritualidade de Santa Teresinha do Menino Jesus. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

O ESPÍRITO de Santa Teresa do Menino Jesus: conforme seus escritos e as testemunhas oculares de sua vida. São Paulo: Paulus, 1986.

OLIVEIRA, Jose L M. **Nossa Resposta ao Amor**: teologia das vocações específicas. São Paulo: Loyola, 2001.

OLIVEIRA, Lino B. A santidade no mundo de hoje: das distorções ao autêntico chamado de Deus. **Vida pastoral**, São Paulo, ano 60, n 327, 2019.

PAULO VI. **Decreto Apostolicam Actuositatem** sobre o apostolado dos leigos. Vaticano: 1965.

PEREIRA, André M. A. **O pequeno caminho de Teresa de Lisieux como via de acesso a Deus**. Mestrado integrado em teologia, Universidade Católica portuguesa, Faculdade de Teologia, Lisboa, 2017.

POULIQUEM, Tanguy M. **A confiança faz milagres**. Reflexões a partir dos escritos de Santa Teresa de Lisieux. São Paulo: Ave Maria, 2010.

SCHWEIZER, Élida C. P. **A intimidade de Santa Teresa de Lisieux com Deus e seu reflexo na pastoral e na missão da Igreja**. 2015. 70 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.

SCIADINI, Patricio. **Eu, Teresinha do Menino Jesus**. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **Santa Teresinha de A a Z**. São Paulo: Loyola, 2000.

TADA, Cecilia. **A pequena via de Teresa de Lisieux**: Itinerário da pobreza espiritual. São Paulo: Paulinas, 2011.

TERESA DE LISIEUX. **História de uma alma**, Manuscritos autobiográficos. São Paulo: Paulus, 2015.

TERESA DO MENINO JESUS. **Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face, doutora da Igreja**: Obras completas. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

THIOLLIER Margarite M. **Dicionário das religiões**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.